



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

ORLANDO DE SOUZA LIRA FILHO

**A APLICAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* (1599) NOS COLÉGIOS ANTÔNIO
VIEIRA EM SALVADOR/BA E SANTO INÁCIO DE FORTALEZA/CE: UMA
PEDAGOGIA ATUAL E DE LONGA DURAÇÃO**

FORTALEZA

2017

ORLANDO DE SOUZA LIRA FILHO

A APLICAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* (1599) NOS COLÉGIOS ANTÔNIO VIEIRA EM SALVADOR/BA E SANTO INÁCIO DE FORTALEZA/CE: UMA PEDAGOGIA ATUAL E DE LONGA DURAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.
Área de concentração: História e Educação Comparada.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L745a Lira Filho, Orlando de Souza.
A aplicação da Ratio Studiorum (1599) nos colégios Antônio Vieira em Salvador/BA e Santo Inácio de Fortaleza/CE: uma pedagogia atual e de longa duração / Orlando de Souza Lira Filho. – 2017.
120 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante.
1. História Educacional. 2. Jesuítas. 3. Ratio Studiorum. 4. Colégios. I. Título.

CDD 370

ORLANDO DE SOUZA LIRA FILHO

A APLICAÇÃO DA *RATIO STUDIORUM* (1599) NOS COLÉGIOS ANTÔNIO VIEIRA EM SALVADOR/BA E SANTO INÁCIO DE FORTALEZA/CE: UMA PEDAGOGIA ATUAL E DE LONGA DURAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.
Área de concentração: História e Educação Comparada.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa Dra Maria Juraci Maia Cavalcante.
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra Patrícia Helena Carvalho Holanda
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Carlos Ângelo de Meneses Sousa
Universidade Católica de Brasília (UCB)

Profa. Dra Maria Socorro Lucena Lima
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Á José Braga, amigo e tio, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED/UFC, pela oportunidade de formação como docente e investigador, em especial, aos funcionários da sua secretaria, sempre tão prontos a nos ajudar em nossas demandas acadêmicas.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de Estágio de Docência, que deu apoio à minha viagem de pesquisa em busca de fontes necessárias e na aquisição de vários materiais para esta investigação.

À Profa. Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante, pela compreensão demonstrada em todos os momentos e pela confiança em mim depositada para esta empreitada. Por me acompanhar desde a graduação, quando fui seu bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CNPq, e vi ser plantada a semente da inquietação que me faz sempre (re) pensar sobre os mais variados assuntos. Por ter me estimulado a participar de inúmeros eventos de pesquisa científica e ter formado em mim um futuro pesquisador, alimentado o desejo de estudar com alegria e descobrir novos horizontes de mundo. Por tudo isto, lhe sou muito grato!

À Profa. Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda, pela confiança em minha capacidade de trabalho. Que observou com atenção especial o meu desempenho ainda “engatinhando” na pesquisa e tanto me incentivou a prosseguir nesta caminhada. Por ser um exemplo de professora, convicta de suas lutas e dedicada pesquisadora, pois o entusiasmo por ela posto em tudo que faz é contagiante para os que estão ao seu redor.

Ao Roberto Barros Dias, pela preciosa colaboração na indicação de diversas leituras que foram cruciais para esta pesquisa, bem como nas entrevistas e, sobretudo, por acreditar neste projeto e dele participar, como colega da LHEC e pesquisador mais experiente; por ter me dedicado um pouco do seu precioso tempo. E por ter a felicidade de conhecê-lo, enquanto profissional da área de educação e como pessoa de esperança.

Aos professores participantes da banca examinadora, Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda, Dra. Maria Socorro Lucena Lima e Dr. Carlos Ângelo de Meneses Sousa, pela leitura rigorosa e ricas sugestões, que favoreceram o aprimoramento deste trabalho.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (RJ), Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica (PUC – RJ), Colégio Santo Inácio e Antônio Vieira pela generosa acolhida.

Agradeço ainda pela atenção dos professores entrevistados, por sua paciência de escuta e pelo tempo concedido ao esclarecimento de minhas perguntas de investigação.

Aos demais professores da Linha de História e Educação Comparada (LHEC), Dr. Almir Leal, Dr. Gisafran Nazareno e Dra. Geny Lustosa, por compartilhar suas experiências e por continuar acreditando na educação pública de qualidade. Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação, Robson Alves, José Wagner, Luciana de Moura, Maíra Maia, Walney Ramos, Cristina Mandau, Fabiane Elpídio, Evaldo Cavalcante, Tania Lopes e Ana Cláudia Uchôa, por me fazerem sentir parte da LHEC.

Além do suporte acadêmico, quero agradecer a quem me me educou e deu suporte familiar, fraterno e afetivo para chegar até aqui e a realizar este trabalho.

À minha mãe, que me deu a vida e me ensinou a valorizar o conhecimento. Que nas madrugadas de minha infância me acalentou e vigiou meu sono. Que soube a hora de dizer não, mas também o momento certo para dizer sim. Que me fez entender o valor do próximo. Que esteve presente nas derrotas e me fez seguir em frente, acreditando sempre nas minhas potencialidades. Obrigado por ser mãe e pai, por ser amiga, companheira. Merecedora de tantos adjetivos que não caberiam nestas páginas. A você, os meus mais sinceros agradecimentos.

Ao meu irmão, que mesmo ausente, se fez presente, que em nossas conversas cuida de saber como caminham meus trabalhos, que ao seu modo mostrou-se feliz com meus acertos, e preocupado com as dificuldades que tive que transpor.

À minha tia, Maria da Conceição, uma segunda mãe, que conseguiu harmonizar o ser tia e mãe, com dedicação e afeto. Por ter tido muita paciência comigo e meu irmão. Por deixar diversos traços dela inscritos na minha personalidade.

Ao meu tio Paulo, que me incentivou e acreditou neste projeto. Que não só me deu morada na viagem ao Rio de Janeiro, mas que me fez sentir integrante de sua família, tratando-me como filho, vigiando o horário de dormir e de levantar para que eu pudesse produzir os melhores resultados possíveis para esta pesquisa.

Ao meu Tio Manoel Feitosa, afetosamente chamado de Manoelzinho, por demonstrar que tem um grande carinho por mim, por se orgulhar da minha caminhada, por incentivar meus projetos. Por acompanhar minhas conquistas. Aos meus avós, Luzia Carlos e Manoel Feitosa, por me acolherem e compreenderem minha ausência. Por me amarem pelo que sou. A todos os meus familiares, que de alguma maneira se fizeram presentes neste longo percurso que é a vida.

À Liane de Almeida Martins, por ser amiga e companheira. Por me incentivar em vários momentos dessa construção e pela valiosa colaboração. Aos amigos (as), João Amilton, Eivelton, Monik e Mauro pela camaradagem e fidelidade.

Acima de tudo, agradeço a Deus, que de todas as formas possíveis se fez presente em minha vida. Que não me deixou sozinho em nenhum momento, que tem revelado os melhores caminhos a serem por mim trilhados. Por ter me dado o dom da vida. Por ter me apresentado o melhor e o pior do mundo, porque sem essa experiência faltaria algo em mim.

RESUMO

Trata de uma investigação no âmbito da história educacional. Tem por objetivo entender a ação pedagógica dos Jesuítas no Brasil, com foco na sistemática da pedagogia de raiz inaciana, nomeada *Ratio Studiorum*, instrumento este que serve de guia aos professores dos colégios jesuítas, normatizando desde o modo de organizar as lições, até ao regime disciplinar e didático das aulas. Adota a perspectiva comparada, visto que esta temática opera com acontecimentos simultâneos que, mesmo ocorrendo em espaços distintos, são desdobramentos de uma ação de cunho missionário internacional, que se estende no tempo por séculos. Aborda uma pedagogia secular, de base humanista e moderna, a investigação buscou entender: **1)** os fundamentos teológicos e filosóficos da *Ratio Studiorum*; **2)** a contribuição que deu à educação brasileira, através da sua historiografia; **3)** a sua presença no atual modelo de ensino e, em particular, a sua atuação efetiva nos Colégios Santo Inácio em Fortaleza e Antônio Vieira em Salvador. A pesquisa apoiou-se, principalmente, em fonte bibliográfica afeta a esta temática, com base, por exemplo, em autores, como: Azevedo (1958), Cavalcante (2008), Franca (1952) e Schmitz (1994) e outros; utiliza ainda visitas aos colégios jesuítas indicados para observação in loco, analisa documentos que orientam essa pedagogia e recorre a entrevistas com professores e gestores de tais colégios sobre a sua prática. Alcançou resultados satisfatórios, principalmente quando notamos que os pilares da *Ratio Studiorum* de 1599 permanecem vivos, desta forma esclarecem a razão da permanência da pedagogia jesuítica no tempo e sua de atualidade, pautada na capacidade de adaptação ao novo, sem descuidar de suas raízes como instituição de educação cristã.

Palavras-Chaves: História Educacional. Jesuítas. *Ratio Studiorum*. Colégios.

ABSTRACT

It is an investigation in the context of educational history. It aims to understand the pedagogical action of the Jesuits in Brazil, focusing on the systematics of Ignatian root pedagogy, named *Ratio Studiorum*, an instrument that serves as a guide to teachers of Jesuit colleges, regulating from the way of organizing lessons, to the regime disciplinary and didactic of the classes. It adopts the comparative perspective, since this theme operates with simultaneous events that, even taking place in distinct spaces, are the result of an action of an international missionary nature, which extends in time for centuries. It addresses a secular pedagogy, with a humanist and modern basis, the research sought to understand: 1) the theological and philosophical foundations of *Ratio Studiorum*; 2) the contribution he gave to Brazilian education through his historiography; 3) their presence in the current teaching model and, in particular, their effective performance in the Santo Inácio Colleges in Fortaleza and Antônio Vieira in Salvador. The research was based mainly on a bibliographic source that affects this theme, based on, for example, authors such as: Azevedo (1958), Cavalcante (2008), Franca (1952) and Schmitz (1994); also uses visits to the Jesuit colleges indicated for on-site observation, analyzes documents that guide this pedagogy and uses interviews with teachers and managers of such colleges on their practice. It achieved satisfactory results, especially when we note that the pillars of the *Ratio Studiorum* of 1599 remain alive, in this way they clarify the reason for the permanence of Jesuit pedagogy in time and its relevance, based on the capacity to adapt to the new, without neglecting its roots as an institution of Christian education.

Key Words: Educational History. Jesuits. *Ratio Studiorum*. Colleges.

RESUMEN

Se trata de una investigación en el ámbito de la historia educativa. En el caso de los jesuitas, se trata de una de las más importantes de la historia de la humanidad, y que, disciplinar y didáctico de las clases. Se adopta la perspectiva comparada, ya que esta temática opera con acontecimientos simultáneos que, aun ocurriendo en espacios distintos, son desdoblamientos de una acción de cuño misionero internacional, que se extiende en el tiempo por siglos. Aborda una pedagogía secular, de base humanista y moderna, la investigación buscó entender: 1) los fundamentos teológicos y filosóficos de la *Ratio Studiorum*; 2) la contribución que dio a la educación brasileña, a través de su historiografía; 3) su presencia en el actual modelo de enseñanza y, en particular, su actuación efectiva en los Colegios San Ignacio en Fortaleza y Antônio Vieira en Salvador. La investigación se apoyó, principalmente, en fuente bibliográfica afecta a esta temática, con base, por ejemplo, en autores, como: Azevedo (1958), Cavalcante (2008), Franca (1952) y Schmitz (1994) y otros; que utiliza visitas a los colegios jesuitas indicados para observación *in loco*, analiza documentos que orientan esa pedagogía y recurre a entrevistas con profesores y gestores de tales colegios sobre su práctica. Alcanzó resultados satisfactorios, principalmente cuando notamos que los pilares de la *Ratio Studiorum* de 1599 permanecen vivos, de esta forma aclaran la razón de la permanencia de la pedagogía jesuítica en el tiempo y su de actualidad, pautada en la capacidad de adaptación al nuevo, sin descuidar sus raíces como institución de educación cristiana.

Palabras clave: Historia Educativa. Jesuitas. *Ratio Studiorum*. Colegios.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – O método pedagógico dos Jesuítas: <i>O Ratio Studiorum</i>	33
Imagem 2 – Pesquisas qualitativas: escolhas, estratégias, percepções e expectativas	53
Imagem 3 – Organograma da organização dos colégios da Companhia de Jesus.....	64
Imagem 4 – Teóricos e a Pedagogia Inaciana.....	66
Imagem 5 – Casarão de Sodré	70
Imagem 6 – Anexos: cronologia de formação dos primeiros Colégios da Companhia de Jesus.....	94
Imagem 7 – Anexos: Capa definitiva da <i>Ratio Studiorum</i> de 1599.....	98
Imagem 8 – Anexos: Índice original da <i>Ratio Studiorum</i> de 1599.....	99
Imagem 9 – Anexos: Índice das regras do <i>Ratio Studiorum</i>	100
Imagem 10 – Anexos: Programa de estudos do <i>Ratio Studiorum</i>	101
Imagem 11 – Anexos: Capa do Projeto Educativo Comum (PEC)	103
Imagem 12 – Anexos: Índice do Projeto Educativo Comum (PEC)	104
Imagem 13 – Anexos: Primeira edição impressa da <i>Ratio</i>	105
Imagem 14 – Anexos: <i>Ratio</i> de 1591 a título experimental	105
Imagem 15 – Anexos: <i>Ratio</i> : re-edição de 1603.....	106
Imagem 16 – Anexos: <i>Ratio</i> : re-edição de 1606.....	106
Imagem 17 – Anexos: <i>Ratio</i> : re-edição de 1616.....	107
Imagem 18 – Anexos: <i>Ratio</i> : re-edição de 1635.....	107
Imagem 19 – Anexos: <i>Ratio</i> : re-edição 1654	108
Imagem 20 – Anexos: <i>Ratio</i> : re-edição 1805	108
Imagem 21 – Anexos: <i>Ratio</i> : re-edição 1850	109
Imagem 22 – Anexos: <i>Ratio</i> : re-edição 1851	109
Imagem 23 – Anexos: <i>Ratio</i> : re-edição 1986	110
Imagem 24 – Anexos: <i>Ratio</i> : re-edição 2002	110
Imagem 25 – Anexos: 1960: Depois de 7 anos instalado na Igreja Cristo Rei, o Colégio....	111
Imagem 26 – Anexos: 1972: O Colégio Santo Inácio abre turmas mistas:	112
Imagem 27 – Anexos: Jorge Amado em seu livro, menino grapiúna, faz referência.....	113
Imagem 28 – Anexos: Colégio Antônio Viera – Bahia.....	113
Imagem 29 – Anexos: Colégio Antônio Viera – Bahia.....	114
Imagem 30 – Anexos: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – RJ.....	114
Imagem 31 – Anexos: Arquivo Nacional	115

Imagem 32 – Anexos: Colégio Santo Inácio de Fortaleza.....	118
Imagem 33 – Anexos: Colégio Santo Inácio de Fortaleza.....	118
Imagem 34 – Anexos: Biblioteca Nacional	119
Imagem 35 – Anexos: Biblioteca Nacional	119
Imagem 36 – Anexos: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC – Rio	120
Imagem 37 – Anexos: Biblioteca setorial de Ciências Humanas PUC-RJ.....	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Como deve funcionar o currículo e a aprendizagem	77
Tabela 2 – Deveres dos Educadores e colaboradores da obra.....	79
Tabela 3 – Como deve funcionar a Gestão e o trabalho em rede	81
Tabela 4 – Anexos: Número de Jesuítas e de suas Instituições no período de 1549 a 1759 ...	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM	Associação de Pais e Mestres
BH	Bahia
CAV	Colégio Antônio Vieira
CE	Ceará
CJ	Companhia de Jesus
CSIF	Colégio Santo Inácio de Fortaleza
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
FACED	Faculdade de Educação
FLACSI	Federação Latinoamericana da Companhia de Jesus
GEAV	Grupo de Escoteiro Antônio Vieira
LHEC	Linha de Pesquisa em História e Educação Comparada
MEC	Ministério da Educação
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PUC	Pontifícia Universidade Católica
PE	Padre
PEC	Projeto Educativo Comum
PPP	Projeto Político Pedagógico
RJ	Rio de Janeiro
RJE	Rede Jesuíta de Educação
SOE	Serviço de Coordenação Pedagógica
SORPA	Serviço de Orientação Religiosa e Pastoral
UFC	Universidade Federal do Ceará
VPS	Vice província Setentrional Independente

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	COTEJO HISTORIOGRÁFICO	23
2.1	Preâmbulo	23
2.2	O percurso de Inácio de Loyola e a Companhia de Jesus	24
2.3	O surgimento dos primeiros Colégios da Companhia de Jesus	28
2.4	Gênese da <i>Ratio Studiorum</i>	32
2.5	A <i>Ratio Studiorum</i> – Pedagogia dos Jesuítas	36
3	FONTES E PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	44
3.1	Preâmbulo	44
3.2	O Método Comparado	44
3.3	A abordagem Qualitativa	50
3.4	A pesquisa histórica	53
3.4.1	<i>O Trabalho do Historiador</i>	55
3.4.2	<i>Alguns cuidados acerca do julgamento na pesquisa em história</i>	58
4	EM BUSCA DA <i>RATIO STUDIORUM</i> DOS DIAS ATUAIS	60
4.1	Nota Inicial	60
4.2	O Colégio Santo Inácio de Fortaleza	60
4.3	O Colégio Antônio Vieira em Salvador/BA	69
4.4	De um Plano de Estudos a um Projeto Educativo Comum (PEC)	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
	FONTES DOCUMENTAIS	92
	FONTES ORAIS	93
	ANEXOS	94
	APÊNDICE	118

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela temática dos Jesuítas e a sua contribuição no processo educacional brasileiro surgiu durante minha inserção acadêmica no ano de 2013, como graduando do curso de Pedagogia da UFC, ao ser vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), para o período de 2013-14, sob a Coordenação da Professora Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante, junto à Linha de Pesquisa em História e Educação Comparada (LHEC) do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará (UFC), sob o projeto guarda-chuva, intitulado, Ação Política e Educativa dos Jesuítas Portugueses de Volta ao Nordeste do Brasil no Século XX, sob a coordenação da investigadora do CNPq, Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante.

A pesquisa enfoca a ação dos Jesuítas Portugueses no nordeste do Brasil, tentando entender o projeto de educação implantado pela Companhia de Jesus, nas capitais da Bahia, Salvador, e de Pernambuco, Recife, como também em Fortaleza e Baturité, no Ceará.

Na época, na condição de bolsista PIBIC-CNPq, ocupei-me com um recorte da pesquisa guarda-chuva acima mencionada, onde tracei com minha orientadora o objetivo principal de recuperar o percurso histórico do Colégio Santo Inácio, situado na cidade de Fortaleza, Ceará. Para tanto, foi necessário situá-lo no interior da Missão Setentrional dos Jesuítas Portugueses Dispersos, com base em estudos de Azevedo (1976) e Cavalcante (2012).

No decorrer da graduação, cresceu minha curiosidade para a temática dos Jesuítas, principalmente, no que diz respeito à sua ação educativa no Colégio Santo Inácio de Fortaleza (CSIF), localizado na capital do estado do Ceará; tanto que decidi realizar o meu Estágio no Ensino Fundamental II, disciplina obrigatória do curso de Pedagogia da UFC, no Colégio Santo Inácio, no ano de 2013, no período noturno.

Atuei junto a uma sala de aula da modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na qual desenvolvi diversas atividades dirigidas para aquela faixa etária. A escolha pela instituição de ensino acima mencionada ocorreu de forma proposital, visto que já estava a pesquisar a história daquela instituição escolar, como parte das ações da Companhia de Jesus no Nordeste brasileiro.

Nesse período, tive a oportunidade de conhecer melhor o referido Colégio e algumas práticas pedagógicas da instituição; descobri que a modalidade de ensino da EJA, funciona ali como um projeto de educação gratuito, que atende aos trabalhadores a quem não foi dada oportunidade para concluir a educação básica no tempo certo, com a mesma marca de qualidade do ensino regular.

Devo salientar que, o Colégio Santo Inácio de Fortaleza é a única instituição educacional privada do estado a oferecer a EJA, no período noturno, de forma totalmente gratuita, sendo que os alunos arcam apenas com um custo simbólico do fardamento da escola; além disto, a cantina que é um serviço terceirizado da escola, no período noturno oferece alimentos com valores mais acessíveis do que os cobrados nos demais turnos de funcionamento da escola. O Colégio ainda mantém o mesmo quadro de profissionais que atendem nos demais períodos, de forma que percebemos a preocupação em assegurar a qualidade no ensino, característica esta marcante na educação Jesuíta.

No ano de 2014, iniciei meu trabalho monográfico da graduação, sendo orientado pela Profa. Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante. O trabalho foi intitulado, História, Política e Formação do Colégio Santo Inácio de Fortaleza, e procurou apresentar o percurso histórico da Companhia de Jesus - com base em cronologia retirada de livros e documentos – que traz influências recebidas, tanto da Escolástica medieval, quanto do Renascimento e do Iluminismo; um fator intelectual e cultural que favorece a formação intelectual jesuita e está talvez na raiz das expulsões da Companhia de Jesus, quando a sua atuação, autonomia e sugestiva ampliação se mostrou inconveniente ao Portugal monárquico em situação de crise econômica e reforma política.

O estudo apresentou a ambiência dos Jesuítas no Brasil, buscando retratar o quadro religioso no Ceará e a sua colaboração militante na propagação das ideias cristãs, assim como os passos dos Jesuítas para a construção do CSIF, conhecido no início por Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima, fundada em meados de 1953.

No decorrer da pesquisa, recorremos a entrevistas com diversos padres, porém um relato me chamou a atenção, a do Pe. Campos. Esta nos revela um importante dado para a pesquisa, no tocante à edificação da escola e da racionalidade usada pelos padres, na escolha da localização da Escola. Sobre isso, ele revela que:

“Pe. Monteiro construiu a escola de graça, fazendo o seguinte, ofertando bolsas de estudo”, essas bolsas funcionavam do seguinte modo, quando o menino completava 2 ou 3 anos, os seus pais começavam a pagar as mensalidades e quando a escola

estivesse construída, os alunos que terminaram de pagar aquele investimento teriam uma bolsa de estudos no colégio. Pe. Campos afirma que: “de outra forma ele não faria, porque não tinha dinheiro algum”. Ainda relata um pouco sobre a localização do colégio: “Em uma área das mais caras de Fortaleza, localizado ali na Desembarcador Moreira, localiza-se em uma parte alta de Fortaleza, de maneira que é considerado um ponto ideal para o crescimento e até torna-se mais luxuoso” (LIRA FILHO, 2014, p. 37)

Percebe-se neste relato que Pe. Monteiro se mostra com espírito empreendedor, visto que conseguiu planejar a construção de uma unidade escolar financiada por terceiros, e para além disto, notamos que a escolha do local de construção do colégio foi muito bem pensada de forma geral, em área de expansão da cidade. Percebe-se que as edificações Jesuítas não derivam do acaso, pois são muito bem localizadas e os terrenos estudados, a fim de possuírem o maior aproveitamento possível de seus espaços, como também da comunidade local; assim não foi diferente com o CSIF. Esta característica organizacional dos padres faz parte de sua formação jesuíta, que prima por oferecer capacitação no campo da administração para melhor gerenciamento de suas residências, paróquias e colégios e instituições de ensino superior.

Os Exercícios Espirituais, estruturados por Inácio de Loyola, estiveram presentes em todos os dias em que estive estagiando no Colégio Santo Inácio, inscritos em sua orientação pedagógica, tanto que sempre, no início das aulas, a professora regente da turma conversava com os alunos sobre os acontecimentos diários e, muitas vezes, ela comentava sobre a importância do exercício espiritual na vida de cada sujeito, demonstrando nesta atitude uma preocupação na humanização dos alunos, no sentido de aliar razão e fé, capacidade de reflexão sobre suas ações e projetos de vida.

Diferentemente de muitas outras escolas, que visam apenas a transmissão de conteúdos, o CSIF, ligado à rede jesuítica de ensino, busca ofertar algo de diferente para seus alunos, além das disciplinas obrigatórias que todos os colégios possuem, devido a exigência do Ministério da Educação (MEC), o CSIF intenta também aprofundar a espiritualidade dos seus alunos, trazendo para a sala de aula discussões mais abrangentes, que vão muito além dos conteúdos da integralização curricular. Tais aspectos envolvem a formação da capacidade de pensar e da moralidade de suas condutas.

Os alunos são incentivados em vários momentos a participar dos eventos da escola (gincanas, missões, eucaristias, confraternização de Natal, feira de ciências entre outros); na época em que estagiei, houve inclusive uma Olimpíada. Observei que a tradição

inaciana - como núcleo inspirador de suas ações como educadores - esteve presente em todos os momentos, desde a cerimônia de abertura, ao encerramento.

Durante o desenvolvimento daquela investigação, eis que surgem as linhas do modelo de educação desenvolvido pelos jesuítas, que se caracteriza por conter um princípio civilizador do cristianismo.

A partir da leitura de Pe. Leonel Franca e Egídio Francisco Schmitz, historiadores jesuítas, torna-se notável que a *Ratio Studiorum* surge para criar normas e métodos minuciosos que regem a atuação dos padres e irmãos jesuítas e, conseqüentemente, regulamentam também a atuação dos alunos no ambiente educativo de colégios da Companhia, como podemos ver na descrição de Alexandre Shigunov e Lizete Shizue (2008):

[...] Não era um tratado sistematizado de pedagogia, mas sim uma coletânea de regras e prescrições práticas e minuciosas a serem seguidas pelos padres jesuítas em suas aulas. Portanto, era um manual prático e sistematizado que apresentava ao professor a metodologia de ensino a ser utilizada em suas aulas. (NETO e MACIEL, 2008, p. 180).

Com base nessa experiência anterior de pesquisa, na qual estudamos obras citadas e de outros historiadores, procuramos realizar este mergulho na pedagogia jesuíta. O intuito foi traçar uma abordagem histórica dos Jesuítas na educação, trazendo à luz as bases que deram origem à *Ratio Studiorum*; suas reformas, seu desenvolvimento e aplicação, iniciada no período colonial brasileiro. O estudo em foco buscou, sobretudo, identificar a sua aplicabilidade no século XX, tomando como lugar de observação o Colégio Santo Inácio de Fortaleza, no Ceará; e o Colégio Antônio Vieira, em Salvador, na Bahia. Objetivamos ainda entender por que essa metodologia ainda é utilizada nos dias atuais.

Por vezes, a história educacional brasileira que estudamos com base na historiografia nacional confunde-se com a história do desenvolvimento do modelo educacional da Companhia de Jesus; afinal, foi ela a primeira iniciativa que buscou institucionalizar um modelo educacional em terras brasileiras, ainda que tenha sido interrompida esta ação com a sua expulsão por Pombal, ministro de D. José, em 1759.

A pesquisa lançou mão de estudos que integram a historiografia da Companhia de Jesus levantando uma cronologia dos principais eventos que subsidiaram a formação de uma instituição de atuação intercontinental; com vistas a buscar as origens das normas que direcionam o modelo educacional jesuítico e sua evolução, no passar dos séculos, conhecida por *Ratio Studiorum*, que traduzida de modo literal significa “método de estudo”. Entendemos

que essa pedagogia foi criada com a finalidade de detalhar normas de funcionamento e planos de estudos que unificassem o funcionamento dos vários colégios jesuítas espalhados pelo mundo, a começar por suas atividades cotidianas.

Mesmo antes da criação da *Ratio* - normatizada em 1599, com base em orientação anterior do tempo da fundação da Companhia e de seus primeiros colégios - já havia a necessidade da utilização de normas, como pode ser lido na seguinte afirmação de Schmitz (1994, p. 51), “com a criação de uma série de colégios, desde cedo, viu-se a necessidade de dar-lhes algumas normas que servissem mais ou menos para todos eles, para orientá-los nas suas atividades”. Levantaremos as discussões sobre o assunto, desde anos antes de seu lançamento oficial, como regra universal a ser utilizada, como podemos notar na resposta do ex-commissione, P. Polanco, ao P. André de Oviedo em 27 de março do ano de 1548:

“...N.P. viu o que em várias partes... se usa, ou seja, o que se observa em Valença e Coimbra, em Lovaina, Pádua e Bolonha. E agora se encomenda esta coisa a Deus Nosso Senhor; e penso que em breve, com sua ajuda, se acabará por ordenar as constituições que universalmente se devem observar nos colégios da Companhia, tanto no que toca ao conservar-se e adiantar-se em espírito e virtudes, como no aproveitamento em letras e o demais que a isto se destina” Quera (1968 apud SCHMITZ, 1994, p. 51)

A investigação da questão educacional jesuíta mostra-se muito necessária, no sentido de contribuir com a promoção e a ampliação do conhecimento sobre o processo de formação e estruturação do sistema educacional brasileiro, a partir da percepção da importância do modelo educacional adotado pelos Jesuítas, visto que estes foram os primeiros a instituir uma prática de ensino diferenciada para instituições escolares de nível médio, tanto na Europa, quanto em terras brasileiras; uma vez que esta envolve o caráter civilizador do cristianismo, onde sua finalidade última seria, conforme indicações em seus documentos e registros históricos, formar homens de fé e/ou cidadãos ativos e conscientes para a formação de uma sociedade mais justa, orientada pelo ideal comunitário cristão.

Além do resgate de percurso e historiográfico da Companhia de Jesus, no que respeita à origem da *Ratio Studiorum* e de como se deu sua aplicação no período colonial brasileiro, esta investigação buscou, principalmente, estabelecer um estudo comparativo da aplicação da *Ratio*, entre a sua criação, no século XVI e os dias atuais. Além do cotejo da literatura, escolhemos o ambiente do Colégio Santo Inácio de Fortaleza e do Colégio Antônio Vieira, localizado no estado da Bahia, instalados a partir da primeira metade do século passado; para entender como este modelo educacional sobrevive nos dias atuais, recorrendo inclusive a relatos de jesuítas que estiveram nas duas instituições, como gestores, professores

e alunos. O estudo mostrou-se relevante em outro aspecto, considerando que essa temática não tem sido trabalhada, no âmbito da história educacional mais recente desenvolvida no Brasil, apresentando esta, portanto, lacunas de ordem historiográfica sobre a ação dos Jesuítas, sobretudo, para além do tempo colonial.

A investigação foi conduzida pelos seguintes objetivos: 1) Realizar um resgate histórico do surgimento e dos fundamentos teológicos e filosóficos da *Ratio Studiorum* no século XVI; 2) estudar as reformas realizadas na *Ratio Studiorum* pela Companhia de Jesus e a sua difusão no mundo, por meio das missões; 3) revelar a contribuição que esta pedagogia tem dado à educação brasileira, através da sua historiografia; 4) ver a sua presença no atual modelo de ensino e, em particular, a sua atuação efetiva nos Colégios Santo Inácio em Fortaleza e Antônio Vieira em Salvador; 5) destacar o caráter internacional e multissecular da ação educativa dos Jesuítas.

Sendo o Brasil o resultado da colonização portuguesa, a educação brasileira tem sido guiada por modelos de educação elaborados no espaço europeu, sabendo-se que sua implantação e adoção, muitas vezes, tendeu a ignorar a historicidade e especificidade cultural das regiões, como assinala a autora abaixo:

[...] têm na sua formulação como pensamento dominante e marcadamente eurocêntrico, que silencia a respeito das histórias dos outros, embora sejam estes os seus limites, gerando uma espécie de excesso do mesmo em detrimento do reconhecimento do outro. (CAVALCANTE, 2008, p. 248)

Destaco que este trabalho pode trazer contribuições não apenas para o reconhecimento da influência da *Ratio Studiorum* no sistema educacional brasileiro, no século XX, como também para destacar a singularidade educacional que existe em cada uma das instituições aqui estudadas; isto porque essa matriz pedagógica de extração europeia teve que se adaptar às necessidades e exigências locais.

Além do exposto acima, vale ressaltar que a pesquisa poderá oferecer subsídios para reflexão das instituições pesquisadas, apresentando mais questões e revelações acerca da temática em foco, além de trazer a recuperação de registros e documentos sobre a trajetória histórica da pedagogia jesuíta no Brasil e, em específico, intenta resgatar a aplicação da *Ratio Studiorum*, no Colégio Santo Inácio de Fortaleza e no Colégio Antônio Vieira, situado em Salvador.

Para além dos possíveis resgates indicados, esta investigação busca incentivar novos estudos sobre a história educacional local e das regiões aqui pesquisadas, mostrando

assim a importância da investigação e da transcrição como elementos básicos para a construção da nossa história educacional.

No segundo semestre de 2015, iniciei esta pesquisa, com o levantamento das fontes bibliográficas acerca da Pedagogia Jesuíta. Para melhor realizar tal atividade, fiz uma viagem ao Estado do Rio de Janeiro e, em sua capital, busquei localizar fontes na Biblioteca Nacional, Biblioteca Setorial dos Centros de Ciências Sociais e Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; como também, no Arquivo Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico. As fontes encontradas nos mostraram o quanto ainda temos que caminhar neste estudo para alcançar, com maior profundidade, os objetivos e metas aqui propostos.

O objetivo maior aqui é trazer para o debate educacional, ainda que de maneira concisa e embrionária, o diálogo que o estudo comparado pode estabelecer com a temática Jesuíta. Esclarecemos que não foi objetivado aqui traçar uma cronologia completa dessa ação, a qual requer pesquisa de maior fôlego temporal; procuramos fazer um ensaio de aproximação dos seus principais marcos, através da história da pedagogia jesuítica, em perspectiva comparada, a fim de que se possa compreender a importância de observar a pesquisa científica e, em específico, o estudo da Companhia de Jesus, no âmbito internacional, para entender o alcance dessa instituição, estendida nos mais diversos locais do hemisfério, e que ainda se mostra influente nos dias atuais.

Como ação educativa, estamos conscientes de que a Companhia de Jesus merece um estudo mais aprofundado. Vale indagar sobre a sua presença na educação brasileira ainda hoje e sua relação com as reformas já havidas e as políticas educacionais vigentes na atualidade. Esta leitura é, quem sabe, apenas um pontapé inicial de futuros estudos mais aprofundados sobre uma ação e presença que se estende por cinco séculos e que, mesmo com o advento de diversas pedagogias, ditas modernas e novas, sobretudo entre os séculos XIX e XX, em concomitância com as múltiplas tecnologias que atuam no ambiente educacional, hoje, ainda demonstra ter vigor, em face de vestígios e adoções de sua pedagogia na contemporaneidade, provando a sua capacidade se sobreviver aos tempos e mudanças diversas pelas quais tem passado a educação.

A investigação foi realizada de forma a romper as barreiras de tempo e de espaço, enviando-nos ao mundo europeu, por ser a Companhia de Jesus uma construção do século XVI, de caráter missionário internacional, e finalidade católica e romana. Para tanto, foi necessário ter como bússola inicial algumas noções basilares sobre estudos comparados, a

exemplo de Bell Hooks e Tony Morrison (1992 apud Cavalcante, 2008, p. 248). Tais autores nos trouxeram a seguinte definição: “consagrada, tradicionalmente, ao estudo inter-nacional dos sistemas educativos, a Educação Comparada necessita de romper com seus espaços de referência, o Estado Nacional, e alargar a sua investigação para a diversidade de situações e de contextos”. A partir dessa recomendação, chegamos a outros estudos, como o de António Nóvoa, aludindo a uma orientação metodológica dada por Michel Foucault (apud Cavalcante 2008, p. 248-9), quando nos diz que, “a educação comparada deve assumir uma ruptura com seus espaço-tempo tradicionais, que caracteriza a fase actual de transição paradigmática de uma racionalidade”.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro apresenta as balizas historiográficas que permitiram o enquadramento deste estudo, com o auxílio de historiadores jesuítas e laicos, que se ocuparam com a história dos Jesuítas e, em específico, de sua pedagogia. O segundo capítulo traz o nosso relato sobre os procedimentos de ordem mais metodológica deste estudo, mostrando o valor das diversas fontes e estratégias de pesquisa utilizadas. No terceiro capítulo, tratamos da pedagogia jesuítica, procurando entender as razões históricas de formulação da famosa *Ratio Studiorum* e sua atuação na educação moderna, sobretudo, em Colégios da Companhia de Jesus criados no nordeste brasileiro, no século XX, no interior da Missão Setentrional dos Jesuítas Portugueses Dispersos, em especial, a sua ação educativa em colégios instalados na Bahia e no Ceará.

O balanço final tem por intuito maior mapear o que conquistamos neste estudo, mas sobretudo, dizer com humildade e consciência firme o quanto ainda poderemos estudar e revelar sobre os Jesuítas, na condição de educadores modernos.

2 COTEJO HISTORIOGRÁFICO

2.1 Preâmbulo

O capítulo busca cotejar a historiografia reunida, convida o leitor ao percurso histórico de uma instituição missionária, criada por Inácio de Loyola e um grupo de colegas, no século XVI. Para tanto, apresenta alguns marcos que foram muito importantes para o surgimento da Companhia de Jesus, mostrando como a experiência de vida de Loyola foi de fato essencial para a formação de uma das maiores instituições da Igreja Católica Apostólica Romana.

A temática de pesquisa aqui apresentada vincula-se a um recorte de uma investigação maior que está em desenvolvimento na LHEC-UFC, sob a Coordenação da Professora Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante, intitulada, Ação Política e Educativa dos Jesuítas Portugueses de Volta ao Nordeste do Brasil no Século XX. Esta busca traçar e perceber a ação dos Jesuítas no nordeste do Brasil, delineando um estudo que não se limita somente a esta região, visto que a ação dos Jesuítas não se dá somente neste espaço geográfico, e nem se restringe a um pequeno sítio temporal, posto que sua ação reverbera a mais de cinco séculos em diversos locais do globo.

Envolve o surgimento dos primeiros colégios da Companhia de Jesus (CJ), as dificuldades encontradas por está lidando com um órgão de atuação intercontinental, mostrando seu crescimento de forma que ao desdobrar a história perceberemos a necessidade de se criar um guia e documento pedagógico para regulamentar o funcionamento dos colégios da CJ.

A partir daí, intentamos mostrar um resgate cronológico sobre o surgimento da *Ratio Studiorum*, que vai sendo desenhada no passar das décadas, no interior do século XVI. Comentaremos as reformas realizadas na *Ratio Studiorum*, ao longo do tempo, pelos intelectuais da Companhia de Jesus; bem como procuramos entender o impacto da sua difusão no mundo, transpondo barreiras nacionais e se internacionalizando.

Além da fonte historiográfica, sobretudo, jesuíta, e do cotejo dos estudos consultados sobre a história da Companhia de Jesus, nesta investigação procuraremos estabelecer diálogo com outros ensaios e pesquisas que lidam com a temática da Companhia de Jesus, e em específico, seu plano de estudo, conhecido como *Ratio Studiorum*, uma vez

que se pretende estabelecer um diálogo elucidativo, entre a história mais ampla e o presente tema, em sua natureza pedagógica.

2.2 O percurso de Inácio de Loyola e a Companhia de Jesus

Para entender melhor o surgimento da *Ratio Studiorum* faz-se necessário abordar um pouco da mentalidade e da instrução do principal expoente da Companhia de Jesus; Inácio de Loyola¹, segundo Wrigth (2005):

[...] estava destinado a vida à típica vida de cortesão, entrando ao serviço de Juan Velázquez de Cuéllar em Arézalo, com idade de treze anos e, segundo ele próprio confessa, desenvolvendo rapidamente uma atracção por brigas e encontros indecorosos com mulheres. (WRIGTH, 2004, p. 25)

Em meados de 1517, ele ingressou no serviço militar, já por volta de 1521 na batalha de Pamplona levou um tiro de canhão, onde a sua perna direita foi perdida e a esquerda ficou gravemente ferida (Idem). Foi nesta época do terrível acidente que Inácio de Loyola iniciou seus estudos voltados para a fé católica e onde ocorreu a “extraordinária transformação”². O mesmo autor assinala que, em 1523, Inácio viajou para Jerusalém, e, em sua estadia, percebe de imediato que a cidade estava muito perigosa e por este motivo não poderia prolongar sua estadia, mostrando-se ainda decepcionado com o mercado de bens simbólicos da cidade santa, explorando os seus visitantes.

Devido ao perigo a que estava exposto e a uma certa desilusão, Inácio decide retornar ao continente europeu; permanece dois anos em Barcelona, onde principia a frequência às aulas de Latim, juntamente com crianças. Antes disso, Inácio teve diversas experiências, especialmente, no campo da religiosidade, visto que, após sua convalescência na casa da sua família, já havia passado temporada em contato com algumas ordens religiosas do entorno de Loyola, que suspeitaram de suas práticas religiosas, desta forma acharam por bem mantê-lo sob custódia; enquanto isso, o meio católico investigava as práticas de Inácio de Loyola, mas constatou que não foi encontrada nenhuma malfeitoria, sendo ele, depois liberto.

Mesmo sabendo que as experiências de vida de um indivíduo são essenciais para compreensão de seus atos, seja este no passado, no presente ou mesmo em um futuro próximo, neste momento da investigação, nos fixaremos em trazer os principais acontecimentos de sua vida que influenciaram a organização da pedagogia inaciana.

¹ Nascido na localidade Loiola (em castelhano Loyola) em 31 de maio de 1491, com o nome de Íñigo López.

² Wrigth, Jonathan. Os Jesuítas: Missões, mitos e histórias, (2005, p. 25).

Segundo estudiosos da história dos Jesuítas, como Jean Lacouture (1994), Jonathan Wright (2004), John O'Malley (2004) e René Fuellep-Miller (2004), Inácio de Loyola ingressa na Universidade de Alcalá, porém interrompeu seus estudos devido à Inquisição³; ele ingressou na Universidade de Paris em 1528, onde passou seis anos desenvolvendo estudos, principalmente, no âmbito da literatura e da teologia;

Durante os seis anos que se seguiram, Loiola estudou, pediu esmola, perdeu dinheiro para compatriotas sem escrúpulos e viveu de modo muito próximo da total indigência. Mas então, no Verão e Outono de 1534, Paris testemunhou dois acontecimentos - um intensamente privado, outro demasiado público - que ajudaria a transformar o panorama religioso da Europa Ocidental.

A sessenta dias de distância, principiou toda a experiência jesuíta e a Reforma protestante revelou, de modo tão espetacular como antes, até que ponto conseguiu ser perturbadora. Nenhum desses incidentes provocou, nem na verdade influenciou, o outro; todavia, para aqueles que mais tarde insistiram em retratar os Jesuítas como paladinos predestinados a renovação católica, a escolha do momento era notável. Era certamente uma coincidência mais prodigiosa do que a que pudera proporcionar o ano de 1527. (WRIGTH, 2004, p. 26 - 27).

Os dois fatos descritos aqui aconteceram de forma associada e independente. Há quem diga que a Companhia de Jesus teria surgido, inevitavelmente, com ou sem a Reforma protestante; afinal, há anos que Inácio de Loyola vinha desenvolvendo estudos no campo da doutrina e/ou teologia cristã, e dessa forma Jonathan Wright (2004) discorre um pouco sobre o acontecimento:

Ao acordar na manhã de 18 de Outubro de 1534, os parisienses encontraram dezenas de cartazes afixados pela sua cidade. Fora lançado um amargo ataque contra << os horríveis, enormes e insuportáveis abusos da missa papal >>, apontando a ridícula noção de que o corpo de Jesus Cristo podia de alguma forma ocultar-se num naco de pão. O abracadabra da transubstanciação - *hoc est corpus meum* - foi denunciado como grotesca invenção humana, uma forma a cabala dissoluta dos padres-bruxos desvalorizarem a magnificência e suficiência do sacrifício de Cristo no calvário, uma tática para encurralar um laicado ingênuo numa segurança falsa e precária. (WRIGTH, 2004, p. 26 - 27).

Obviamente que o ambiente criado pela Reforma protestante serviu como um impulsionador e fortaleceu a ideia arraigada dos Jesuítas de proteção católica. Aceita a Companhia de Jesus, como projeto missionário para o fortalecimento da fé cristã nos moldes da Igreja Católica reformada, no ano de 1540, ela é consagrada por decisão papal e, no mesmo ano, Loiola assume formalmente o posto de seu primeiro superior geral.

Sobre a formação do grupo inicial que fundaria a Companhia de Jesus, convém resgatar sumariamente, na literatura consultada, conforme vemos abaixo:

³ Grupo da Igreja Católica Apostólica Romana que surge em meados do século XII, onde seu papel principal era de fiscalizar e batalhar contra a heresia.

Sto. Inácio e seus companheiros [...] todos eram formados pela Universidade de Paris e tinham, portanto, condições de pensar no apostolado educacional de maneira mais intelectual, diferentemente da maioria dos fundadores e iniciadores de ordens religiosas que, que em geral, não tinham essa formação superior e, portanto, não compreendiam tão bem o valor da educação. (SCHMITZ, 1994, p. 9).

O Autor citado acima ratifica a importância da formação religiosa e humanista tanto de Inácio de Loyola, quanto de seus companheiros, pois acredita que se deve destacar que, em geral, os instituidores de outras fundações religiosas não possuíam formação adequada para tal empreitada.

O primeiro esboço de um colégio que estaria definido sob o olhar atento de Inácio surge em 1548, na cidade de Messina. Já em 1551, quando a ideia dele já estava se consolidada acerca dos moldes de uma escola com caráter civilizador e humanístico cristã, surge a oportunidade de instalar um colégio em uma casa alugada em Via del Campidoglio. O estabelecimento de ensino fica conhecido como Colégio Romano, segundo Leonel Franca (1952).

Percebe-se o sucesso da instituição fundada⁴, em face de sua novidade, conforme a afirmativa abaixo:

Não obstante oposições bairristas, os progressos da nova fundação foram rápidos e substanciais. Antes do encerramento do primeiro ano os alunos já passavam de 300 e o colégio devia transferir-se para local mais amplo. Em 1553, aos cursos de humanidades e retórica acrescentavam-se às faculdades de filosofia e teologia. Oito anos mais tarde, em 1561, o número crescente de estudantes impunha nova mudança de casa. Neste ano matricularam-se 750 alunos; 368 nas aulas de gramática; 130 em humanidades e retórica, os demais em filosofia e teologia. Em 1561 subiam a mil e em 1587 a dois mil. Ao lado dos estudantes externos avultavam-se também os candidatos da Companhia que afluíam de quase todas as províncias da Ordem, Itália, Espanha, Portugal, Bélgica e Alemanha. O número de jesuítas que regiam as aulas de humanidades, filosofia e teologia de 43 em 1553 elevava-se dez anos mais tarde a 218. (FRANCA, 1954, p. 10)

Em meio ao sucesso no crescimento da Companhia de Jesus, o Papa Gregório XIII, que mantinha um grande apreço pelos Jesuítas, teria dito, que não havia na época “nenhum outro instrumento particular accionado por Deus contra os heréticos tão grande como a vossa ordem sagrada. Veio ao mundo no precioso momento em que os novos erros começaram a disseminar-se lá fora”. (WRIGTH, 2004, p.29).

⁴ Ver em anexos quadro: IV) NÚMERO DE JESUÍTAS E DE SUAS INSTITUIÇÕES NO PERÍODO DE 1549 A 1759.

Diante do crescimento e reconhecimento que os Jesuítas vinham adquirindo, surgem até boatos mal-intencionados de como Inácio de Loyola teria vindo ao mundo, que continuam a ser propagados séculos depois:

O diabo estava sentado no inferno e contorcia-se com dores, pois o monge Lutero foi suficientemente corajoso para avançar pelo mundo e perturbar a ordem das coisas [...] << Pela minha avó, ele conquistou uma posição e roubar-me-á o inferno se eu não lhe opuser uma força maior. E quem me apoiará nesta grave exigência quando o mundo se arrisca a sair de rumo? >> Assim uivava Satã e fustigava de tal modo o seu cérebro que sua testa negra adquiria a cor de sangue. Nestas circunstâncias, a serpente abordou-o [...] e murmurou-lhe suavemente um par de palavras ao ouvido. O diabo não perdeu nem uma sílaba dos pensamentos imorais dela. Levantou-se de um pulo, seu peito inchado aliviou-se os olhos voltaram a brilhar-lhe de prazer e luxúria. Nove meses depois, uma mulher deu à luz um jovem cujo nome era Dom Inigo de Loiola[...]. (WRIGTH, 2004, p. 32).

Esta é a fala de um teólogo protestante, chamado por Theodor Griesinger, que viveu no século XIX. Sabemos, no entanto, que esta perseguição aos Jesuítas não se deu de modo isolado; que, em Portugal, eles sofreram inclusive três grandes banimentos: a primeira em 1759, com a grande caçada à Companhia de Jesus, perseguição esta empreendida por Marques de Pombal, ministro do Rei D. José, causador da primeira e também a maior expulsão da Companhia de Jesus de Portugal e de todas as suas províncias, como podemos visualizar no decreto de expulsão dos Jesuítas, datado de 1759:

Declaro os sobreditos regulares na referida forma corrompidos; deploravelmente alienados do seu Santo Instituto e manifestamente indispostos com tantos, tão admiráveis, tão inveterados e tão incorrigíveis vícios, para voltarem à obediência deles; por notórios rebeldes, traidores, adversários e agressores, que tem sido e são atualmente contra a minha real pessoa e estados, contra a paz pública dos meus reinos, e domínios e contra o bem comum dos meus fiéis vassallos; ordenando que como tais sejam tidos, havidos e reputados. E hei desde logo em efeito desta presente lei por desnaturalizá-los, procritos e exterminados. Mandando que efetivamente sejam expulsos de todos os meus reinos, domínios, para neles mais não poderem entrar, e estabelecendo debaixo de pena de morte natural, e irremissível e de confiscação de todos os bens para meu fisco e câmara real, que nenhuma pessoa de qualquer estado e condição que seja, dê nos mesmos reinos e domínios entrada aos sobreditos regulares... (FERREIRA NETO, 2000, p. 151)

A segunda expulsão se deu em meados do ano de 1834; nessa ocasião, Portugal estava passando por um período de guerra civil, conhecido também como das Guerras Liberais, que assinala o fim da feição despótica da monarquia portuguesa; já a terceira supressão acontece no ano de 1910, quando se instala a república em Portugal.

Sabendo-se da necessidade de compreender os acontecimentos de uma forma mais ampla e profunda, principalmente, no que se refere ao tempo e espaço da pesquisa, faz-se necessário entender o contexto em que se deu o surgimento da *Ratio Studiorum*, baseando-nos

em Lukas (1965), citado por Schmitz (1994, p. 52), como aludiremos mais a frente. É necessário notar que, no século XVI, quando são criados os primeiros colégios jesuítas, já existia a preocupação de oficializar normas que determinassem o funcionamento de todos os colégios da Companhia de Jesus, pois até aquele momento os regulamentos eram locais; mesmo assim, os Jesuítas já mostravam preocupações com o modelo de aplicação e da exercitação do conhecimento escolar:

Na escola, no tempo em que alguns dos nossos não tiverem lição que se dê proporcionada, tenham grande cuidado de compor em prosa verso, ou de estudar por si, ou de ensinar aos meninos que tenham necessidade, exercitando sempre o falar latim, de sorte que não percam tempo que não gastarem em ouvir lições. Lukas (1965 apud SCHMITZ, 1994, p. 52).

Além de trabalhar o uso das letras, era frequente a utilização do latim como língua obrigatória nas atividades desenvolvidas dentro do ambiente educacional, quanto aos exercícios espirituais Lukacs (1965 apud SCHMITZ, 1994 p.52) descreve a obrigação aplicada a todos os alunos de que “se confessarão e comungarão todos os domingos e, se houvesse algum impedimento para comungarem, quer por alguma negligência, ou a juízo do confessor, terão de comungar, por necessidade, na segunda feira”. Percebe-se a utilização de regras que norteiam o convívio dos educandos. Ele ainda diz, “quem não o fizer na segunda feira, não lhe deem alimento corporal até que tome o alimento espiritual” Lukacs (1965 apud SCHMITZ, 1994 p. 52-53); estas regras orientam não somente o aluno, com também o mestre, sendo estes preceitos que serão utilizados pela *Ratio* de 1586, 1591 e 1599.

2.3 O Surgimento dos Primeiros Colégios da Companhia de Jesus

Inácio de Loyola não iniciou de imediato a organização de seus colégios, pois enfrentava um grande problema, ocorrendo que faltavam pessoas formadas e qualificadas para desempenhar a função principal das escolas que era difundir a fé cristã e formar pessoas para o sacerdócio.

Percebendo isto, Inácio de Loyola cria outra estratégia, como lemos abaixo.

Entretanto, não começou criando escolas públicas, em que se ensinasse, mas formava colégios, espécie de internatos, junto às universidades mais famosas, nos quais os jovens moravam, freqüentemente, porém, os cursos nas universidades públicas. (Lukács, I, 1965:6+-7+). Por isso, já a parti de 1540, começou a criar colégios juntos às universidades, onde os jovens pudessem realizar os seus estudos: Paris (1540), Coimbra (1542), Pádua (1542), Lovaina (1542), Colônia (1544),

Valença (1544), e assim por diante. Lukács (I, 1965: 7+ apud SCHMITZ, 1994, p. 10)

Desta forma, Inácio conseguiu formar vários membros para a Companhia de Jesus, de tal maneira que, economizou tanto recursos humanos como financeiros. Para esses internatos, a ideia era que não se trabalhasse com as aulas acadêmicas, visto que este conteúdo já era estudado na Universidade; porém a teoria, por muitas vezes, se distância da prática; tanto que foi percebido que nas universidades não eram praticados os exercícios acadêmicos em cima do conteúdo que era apresentado na aula. Dessa forma, aconteceu que “viram-se obrigados a oferecer também lições nos colégios, especialmente as repetições e exercícios escritos, complementado assim as aulas da universidade”. Lukács (I, 1965:7+ apud SCHMITZ, 1994, p. 11).

Com o crescimento do número de alunos matriculados, torna-se inevitável o aumento do número de jesuítas lecionando, e, para tanto, é necessário esclarecer que os jesuítas que atuavam nos estabelecimentos de ensino do referido colégio, pertenciam a diversas nacionalidades, sendo o juízo para escolha dos professores baseado em virtudes como a competência e a eficiência, como pode ser visto no trecho a seguir do mesmo autor, Franca (1954), exemplifica:

O corpo docente, para preencher as finalidades que Inácio tinha em vista, era muito escolhido e, sem exclusivismos de nacionalidades, recrutado nas diferentes nações com critério único de competência e eficiência. Logo nos primeiros anos, encontramos entre os seus professores, nomes de primeiro valor, como Ledesma, Emanuel Sá, Perpiniani, Gagliardi, Frusius, Ribadeneira, Cardulo, Olave Costa, Baltasar de Torres e outros. Mais tarde, ainda, porém, no primeiro meio século de sua existência que precedeu a elaboração definitiva do *Ratio* ilustraram as suas cátedras os mestres insígnies de reputação universal, que se chamaram Belarmino e De Lugo, Suarez e Vasquez, Toledo e Clavio, Cornelio a Lapide e Mariana. (FRANCA, 1954, Idem, p.11)

Além da problemática da formação de novos educadores para a Companhia de Jesus, Loyola enfrentava outra dificuldade que consistia em encontrar novos fundadores para seus colégios. Notadamente a mentalidade de alguns membros da Igreja era muito restrita, ao ponto que alguns bispos não queriam investir na formação de novos sacerdotes, visto que tinham receio de que estes novos membros não criassem raízes em sua região de formação:

Esses bispos não se movem facilmente a fundar colégios destinados à Companhia, mesmo tendo compreendido bem a necessidade da igreja de ter jovens sacerdotes bem fundamentados em teologia. Mas desejam que tais jovens permaneçam depois no clero da própria diocese. Pignatelli, in Braido, s.d.:96 (apud SCHMITZ, 1994, p. 11).

Sabendo disto, Padre Jairo sugere que a Companhia de Jesus evoca para si os seminários, embora os bispos mantivessem alguma resistência. (SCHMITZ,1994). Inácio de Loyola, na condição de dirigente maior da Companhia, possuía um interesse pessoal em formar novos membros para ela, a fim de dar prosseguimento ao ideal cristão de formação. Com o passar do tempo Inácio, que era um visionário obstinado percebe que a criação de escolas voltadas ao público externo da Igreja seria de grande valia para sua empreitada, tanto que após a fundação do primeiro colégio para os externos, que fora construído na Espanha, ele escreve ao provincial castelhano:

Dos que somente são no momento estudantes, sairão com o tempo...uns para pregar e ter cura de almas, outros para o governo da terra e administração da justiça, outros para outros cargos. E, finalmente, porque os meninos se tornam grandes, a boa educação na vida e doutrina destes, aproveitará a muitos, estendendo-se cada dia mais o fruto MHSI, Monum.Ignatiana-série I, Epistolae (ao P. Araoz). Quera,s.d.:13 (apud SCHMITZ, 1994, p. 13)

Claramente, Inácio incentivava a formação de meninos externos na doutrina cristã, Loyola já vislumbrava um futuro apoio para as obras que surgirem a serviço da igreja, acreditando que a educação de alunos externos seria de substancial valor para a Companhia de Jesus.

O provincial dos Jesuítas fixou então alguns discernimentos acerca da educação que deveria ser empregada pelos jesuítas. Schmitz (1994) os pontua da seguinte forma:

1. A educação dos jesuítas tem de ser de boa qualidade. Quer formar um cristão maduro, capaz de descobrir a vontade de Deus em tudo e de ser membro ativo da sociedade cristã.
2. A educação deve ser integral e integradora. Vivendo num mundo complexo, no meio de homens e acontecimentos, o homem inaciano deve integrá-los todos no seu modo de vida. Das escolas jesuítas devem sair líderes, sem sua educação ser elitista. Se forma líderes, é para que prestem serviços aos outros homens e mulheres e à comunidade. Serão multiplicadores.
3. Princípio da dignidade humana. Abria as escolas para todos, também para os pobres. Por isso insistia em que as escolas fossem fundadas e gratuitas, incluindo nelas o tema da justiça da formação.
4. Ele quer aprender dos outros. Não despreza uma ideia, por pequena que seja. E nos Exercícios Espirituais incorporou todas as experiências da época, filtradas pela sua própria experiência. (Idem, p. 16 - 17).

Ao elencar de forma resumida os quatro principais pontos que efetivamente afirmariam a continuidade da educação jesuíta, Inácio de Loyola nos mostra uma série de princípios que devem permear toda a existência das escolas. Afirma que devem ser seguidos esses critérios em tudo que é feito, afim de se manter uma excelência no ensino, agregando valores que envolvam a dignidade humana, ajuda ao próximo, formação de líderes para as

diversas classes sociais, além de nunca desprezar qualquer que sejam os conhecimentos prévios de seus educadores, pois, na visão Inaciana, é a experiência de vida que impõe uma direção positiva ao dia a dia do ser humano.

A primeira escola da Companhia de Jesus surgiu em meados do ano de 1551, por intermédio de uma doação de Francisco Borja, Duque de Gandia, que possuía uma inscrição onde podia se ler: *Scuola di grammatica, d'humanita e di dottrina Cristiana, gráti*s (FRANCA, 1952).

Após a fundação do primeiro colégio e da construção de alguns princípios norteadores do trabalho pedagógico da escola, o crescimento da Companhia de Jesus seria visível, como podemos analisar no trecho abaixo.

Os colégios multiplicavam-se em números e avultavam em importância. Muitos dentre eles, no curto prazo de poucos anos, tornavam-se os centros de cultura humanista mais reputados da cidade ou da região. Algumas cifras, apenas, para demonstrá-lo. O primeiro colégio da Companhia, na *França*, foi aberto em Billom, em 1556, com 500 alunos, três anos depois já contava com 800 e quatro anos mais tarde, em 1553, 1600. O celebre Colegio de Clermont, em Paris, matriculara, em 1582, 1200 alunos, e após cinco anos, 1500. Na *Germania*, mesma expansão. Em 1581, Mogúncia contava 700 alunos, Treviri 1.000 e em Colônia as matrículas passavam de 560 em 1558 a 1.000 em 1581. *Portugal* não se deixou vencer pelas nações maiores. Em Lisboa os alunos passavam de 1.300 em 1575 a quase 2.000 em 1588; em Évora de 1.000 em 1575 cresciam a 1.600 em 1592; e em Coimbra os estudantes que frequentavam o Colégio das Artes regulavam por 1.000 em 1558 e em 1594 por 2000! (FRANCA, 1952, p. 14).

Desse modo, a ordem Jesuíta acabará firmando-se vigorosamente na esfera pedagógica da era moderna. Os relatos dos triunfos que os colégios jesuítas arremataram ao longo do tempo, não são isolados; podemos notar isto neste pequeno recorte que Franca (1952) nos oferece:

É conhecida a frase incisiva de Bacon: “No que concerne a Pedagogia basta uma palavra: consulta a escolas dos Jesuítas; não encontrarás melhor”⁵. O célebre humanista Aldo Manucio, dedicando ao Colégio Romano a sua edição de Salústio, confessa que, de tudo quanto vira em Roma, nada o havia impressionado tanto quanto a dignidade acadêmica e a ordem do Colégio Romano⁶. Na sua *Histoire de Sainte-Barbe*, Quincherat confessa que, em Paris e em toda a França, os Jesuítas, no terreno educativo, conquistaram o primado com tal facilidade e rapidez que se lhes podia aplicar a palavra célebre: vim, vi e venci⁷. (FRANCA, 1952, p. 15)

Concomitantemente ao crescimento rápido e ascendente das escolas da Companhia de Jesus, surgiram inúmeros impasses; afinal, com tantos colégios espalhados no mundo, questões como diversidade cultural e a multiplicidade de pensamentos dos homens os

⁵ Bacon, De dignitate et aumento scientiarum, L. III, e 4.

⁶ “Colegii vestri dignitas et ordo”. Ver todo o trecho em E. Rinaldi, La Fondazione del Collegio Romano, Arezzo, 1914, p. 11.

⁷ Quincherat, Histoire de Sainte-Barbe, II, c. IV, p. 52.

atingia; desta forma, cada colégio possuía suas singularidades e situações bem distintas, de forma que por algum tempo alguns membros da ordem foram incumbidos de supervisionar em favor da sua homogeneidade, além de avolumar a eficiência da pedagogia Jesuíta (FRANCA,1952). Ao longo de quinze anos, o padre Jerônimo Nadal foi um dos responsáveis por desempenhar a supervisão das instituições da Companhia de Jesus, percorrendo o continente europeu, quase que por completo, pois estava em seu histórico de viagem, idas à Itália, França, Áustria, Boêmia, Bélgica, Alemanha, Espanha e Portugal; de tal modo que Nadal foi considerado o responsável por estruturar a primeira *Ratio Studiorum* formulada para ser usada nos numerosos colégios Jesuítas.

2.4 Gênese da *Ratio Studiorum*

Como já afirmamos no tópico anterior, mesmo antes da criação da *Ratio* já havia a necessidade da utilização de normas, como pode ser lido na fala de Schmitz (1994, p. 51), “com a criação de uma série de colégios, desde cedo, viu-se a necessidade de dar-lhes algumas normas que servissem mais ou menos para todos eles, para orientá-los nas suas atividades”. Perceberemos assim que, desde muito cedo, são levantadas algumas discussões acerca da institucionalização de normas de atuação universal, nos diversos colégios da Companhia de Jesus; podemos notar isto, por exemplo, na resposta do ex commissione, P. Polanco, ao P. André de Oviedo em 27 de março do ano de 1548:

“[...]se usa, ou seja, o que se observa em Valença e Coimbra, em Lovaina, Pádua e Bolonha. E agora se encomenda esta coisa a Deus Nosso Senhor; e penso que em breve, com sua ajuda, se acabará por ordenar as constituições que universalmente se devem observar nos colégios da Companhia, tanto no que toca ao conservar-se e adiantar-se em espírito e virtudes, como no aproveitamento em letras e o demais que a isto se destina” Quera (1968 apud SCHMITZ, 1994, p. 51)

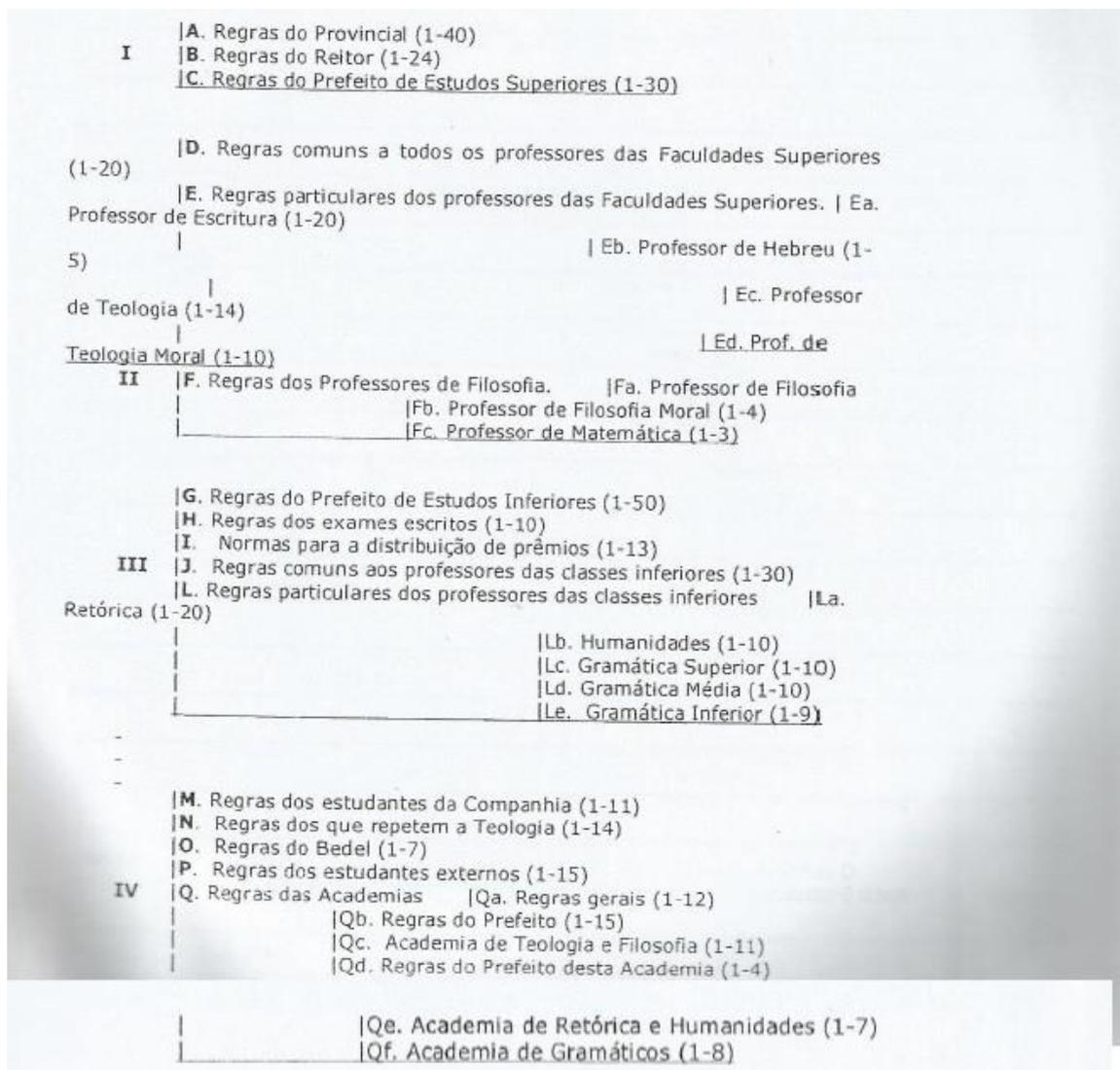
O P. André de Oviedo havia percebido que mesmo sem um documento que unificasse a atuação dos colégios jesuítas já existia uma prática análoga entre os diversos colégios, mas que mesmo assim seria necessário a normatização de regras para disciplinar o funcionamento dos colégios.

Como foi dito anteriormente, segundo o estudo de Leonel Franca (1952), o padre Nadal foi o responsável por sistematizar um primeiro rascunho do que viria a ser a primeira *Ratio*, regularmente conhecida por *Most et ratio Collegii Romani*. Inácio de Loyola, que não

possuía tempo para empreender na construção de um plano de ação⁸ onde unificasse a prática pedagógica de todos os colégios da Companhia, autorizou Padre Jerônimo de Nadal, considerado como o primeiro pedagogo da Companhia de Jesus a formular a estrutura do método jesuíta de ensino (SCHIMITZ, 1994).

Farrel propõe um modelo de análise, onde a partir dele podemos compreender melhor a estrutura da *Ratio Studiorum*; vale salientar que esta imagem caracteriza o que seria a *Ratio* mais atual analisada pelo padre Leonel Franca, a figura que está posta nos ajudará a materializar o estudo aqui feito⁹. (FRANCA, 1952):

Imagem 1 – O método pedagógico dos jesuítas: o *Ratio Studiorum*



Fonte: Pe. Leonel Franca S.J. (1952, p. 45)

⁸ “Durante o século XVI foram feitos quatro planos de estudos, ou ordenações, ou, melhor ainda, *Ratio Studiorum*” SCHMITZ (1994, p.63).

⁹ Ver em anexos mais regras: II) ÍNDICES DAS REGRAS DA *RATIO STUDIORUM*

A proposta de Farrel era sintetizar a *Ratio*, de forma que a facilitar as rápidas sugestões que serão abordadas posteriormente. Intentamos formar na mente do leitor que inicialmente se aproxima desta leitura a imagem do método de ensino em delineamento.

Levando o nome de “*De Studiis Societatis Iesus et Ordo Studiorum*”, a primeira *Ratio* abrange os três grandes pilares dos estudos pedagógicos que sobrevinham o século XVI, sendo estes: a religião, a personalidade e a aprendizagem. Em tal modo, que já na introdução, encontramos resumidamente o núcleo do projeto da *Ratio* (SCHMITZ, 1994):

Acerca da disposição e ordem do estudo geral devem-se ter conta estes capítulos: o sistema deve ser distinto para os professores e para os estudantes; também se deve diferenciar a dos estudantes nossos e o dos estudantes de fora. Todas as coisas sejam escolhidas e ordenadas de modo que a piedade tenha o lugar de mais importância nos anos de estudos; sem embargo, muitas coisas podem ser comuns a todos. Só a piedade cristã e os santos costumes estiverem no fundamento de tudo, poderão ser ordenados os estudos dos professores e alunos” (IN MHSI, Nadal: “*De Studiis Societatis Iesu, Monum. Paedagogica*, p. 89)

Quera (1968 apud SCHMITZ, 1994, p. 64)

Centralmente bem localizados, os estudantes ocupam um lugar de destaque no discurso supramencionado na constituição Jesuíta, afinal todo o trabalho foi desenvolvido em torno do alunado inaciano e leigos, de maneira que fica bem distinguível a ocupação de cada membro que compõe o corpo escolar (SCHMITZ, 1994).

Nadal segmenta a escola em 5 categorias, em termos curriculares, sendo elas da seguinte forma: 1º - língua latina, 2º arte da leitura, 3º - a prática de escrever e compor, 4º - tradução, 5º - artes retóricas. Ainda explicita a duração das aulas que deveriam ter uma constância de 3 horas; isto no período matutino e mais 3 horas de duração no período vespertino, a partir deste momento, o autor evidencia que nestes momentos de estudo deve-se reger as tarefas, repetições, exames, correções e havendo tempo remanescente que ocorresse discussões dos entre os alunos (SCHMITZ, 1994).

Além do padre Jerônimo de Nadal, houveram outros membros da Ordem Jesuíta que propuseram planos de estudos ou *Ratio Studiorum*, sendo eles, na seguinte ordem: o primeiro foi Padre Nadal, como foi apresentado acima; o segundo, Aníbal du Coudret, sendo este muitas vezes encontrado nas leituras apenas por Coudret; o terceiro, Diego de Ledesma; e o quarto, Aquaviva¹⁰. Ainda houve, segundo autores consultados, a *Ratio* de Francisco Borja,

¹⁰ Ver a *Ratio* de Coudret, Diego de Ledesma e a *Ratio* de Borja em os Jesuítas e a Educação de Egídio Francisco Schmitz, 1994, páginas 67 a 78.

porém não será levantado aqui, pois este plano de estudos nunca foi publicado de forma oficial.

Nos ateremos ao modelo de *Ratio Studiorum* de Aquaviva, visto que foi ele quem unificou todos os projetos de estudos que até ali foram lançados, de forma que seguiremos três etapas, até chegar ao seu lançamento oficial em 1599, segundo Schmitz (1994), importante estudo por nós utilizado para a sistematização cronológica da *Ratio*:

1ª etapa - Em meados de 1570, em todas as regiões em que a Companhia de Jesus atuava e até mesmo em locais onde era menos conhecida, como Alemanha, Áustria e a França era chegada a hora de tornar oficial a metodologia dos estudos dos colégios inacianos (SCHMITZ,1994).

Nesta primeira etapa, padre Aquaviva reúne doze homens, e os encarrega de finalizar a *Ratio Studiorum* de forma definitiva; para este trabalho, ele os deu um prazo de seis meses, vale nomear estes homens aqui, com a finalidade de mostrar que este foi um trabalho realizado por várias mentes e contribuições, em esforço de equipe: Nicolau le Clase, Sebastião Morales, Francisco Coster, Pedro Fonseca, Francisco Adorno, Gil Gonzalez e Francisco Ribero (SCHMITZ, 1994). Vale salientar que este grupo formado por P. Aquaviva se caracteriza por unir diversas pessoas de nacionalidades diferentes, como: portuguesa, belga, francesa, itálica e hispânica. Portanto, o grupo possui diferentes aspectos culturais que perpassam a formação de suas identidades; este fato é de maior relevância para a formação de uma *Ratio*, pois admite a multiplicidade de experiências de cada ser que foi envolvido, o que torna o projeto muito mais aberto às diversas realidades em que cada Colégio está inserido.

2ª etapa - Após o longo trabalho de unificar os diversos documentos, como também condescender com as diversas experiências de cada membro envolvido na composição da *Ratio*, vimos que a proposta seguiu para Roma, onde ocorreram diversas reuniões, estendidas por mais de dez anos.

Terminadas as deliberações, foram enviadas as conclusões a todos os colégios, os quais responderam mandando novos planos. Agora a consulta já não é feita apenas aos provinciais e a alguns padres da escolha destes. Faz-se uma consulta ampla e, com isso, mais válida. Consultam-se aqueles que deverão posteriormente aplicar as decisões tomadas, pois são os educadores em exercício que melhor sabem o que está acontecendo no seu ramo e o que melhor responde às suas necessidades. As respostas vindas depois desta nova consulta a aplicação, foram reunidas em um volume: regras do Prefeito, do Reitor, etc. Foi este volume que foi publicado em 1591. Mas a edição oficial e final saiu apenas em 1599 (MHSI, *Monumenta Paedagogica*, p.205-217) Iparraguirre (1952 apud SCHMITZ, 1994, p. 80)

O processo que se iniciou em 1586 alongava-se por vários anos, devido à complexidade do trabalho; assim, somente em 1591 veio a ser publicizada; mas este formato ainda não viria a ser a *Ratio Studiorum* oficial; esta só chegaria à oficialidade em 1599.

3ª etapa - Como foi dito há pouco, a *Ratio* de 1591 não era oficial; aconteceu que em meados dos anos de 1592, o Superior Geral da Companhia de Jesus, Padre Cláudio Aquaviva, escreveu a todas as províncias, pedindo que enviassem o seu parecer, conjuntamente com suas recomendações de prazo em até 3 anos, com a finalidade de oficializar de forma definitiva a *Ratio*. Neste período, que compreendia os anos de 1592 a 1595, foram realizadas diversas modificações; tanto que Franca (1952) nos apresenta a seguinte declaração:

As regras eram muito numerosas e sobretudo repetidas nos vários ofícios semelhantes; professores de humanidades, de gramática superior, de gramática média, de gramática inferior. Um esforço para maior concisão parecia ainda possível. A brevitatis imperatória foi sempre uma das qualidades do estilo de comando e uma das garantias de sua eficiência. (FRANCA, 1952, p. 22)

Logicamente, mesmo com todo esse trabalho empreendido por Aquaviva e seu companheiro, consta que ainda assim surgiram várias dificuldades; mas, segundo a fonte consultada, a *Ratio* que foi entregue serviu como conjunto de normas que poderia ser empregado, na maioria das vezes, bem como para os trâmites mais comuns (SCHMITZ, 1994).

A *Ratio* de 1599 é na realidade, uma coleção de trinta conjuntos de regras precedidas por uma apresentação de Aquaviva. Numa Tradução inglesa ocupa cerca de 140 páginas. Alguns desses conjuntos são longos. Donohue (1963 apud SCHMITZ, 1994, p. 102)

Sendo esta a versão oficial, foi promulgada em 1599, sendo “desde então esta *Ratio Studiorum* ficou com regulamentação obrigatória e definitiva, até a supressão da Ordem em 1773”. Iparraguirre (1952 apud SCHMITZ, 1994, p. 83).

2.5 A *Ratio Studiorum* – Pedagogia dos Jesuítas

A *Ratio* de Aquaviva sobreviveu durante quase duzentos anos, até que, no ano de 1773, a Companhia de Jesus foi suprimida de Portugal e de todos os seus domínios.

Schmitz (1994), na sua reveladora obra “ Os Jesuítas e a educação: Filosofia Educacional da Companhia de Jesus”, por nós avidamente consultada, dedica uma grande energia na escrita no subcapítulo “ A Ratio de 1832”¹¹ , porém para esta pesquisa ela não figura se proveitosa, visto que, segundo os estudiosos especializados, este plano de estudo não chega a ser admitido na Congregação Geral; deste modo, “ não possui, portanto, autoridade de Lei, mas apenas como norma diretiva” (FRANCA,1952 p. 26).

De toda forma, os autores consideram que ela foi também importante e por isso afirmam que é preciso fazer menção ao Geral da Companhia à época, P. Roothaan, por ter ele empreendido grande esforço em “estabelecer ao menos alguma uniformidade na educação oferecida pelos Jesuítas, embora não fosse mais possível a mesma unanimidade das *Ratios* de 1586,1591 e 1599” (SCHMITZ, 1994, P. 86). Este autor diz que em face de novos tempos, o Estado já norteava as diretrizes de ensino, abrindo assim espaço para outras metodologias de ensino, que apareciam nas escolas; mesmo assim, Schmitz faz questão de indicar uma importante contribuição deixada por P. Roothaan:

“§ 2. Para que tais exercícios públicos se desenvolvam devidamente, deve ser estabelecido um horário de dias, classes e alunos, e o respectivo programa, se assim o julgar o superior, seja impresso; também sejam convidadas pessoas de fora para participar no exame e organize tudo com tal aparato, segundo o costume do país, que o exercício se torne mais solene, e os exames sejam de tal modo entremeados de algum diálogo, ou de exercício tais que seja evitado o tédio que é provocado por exercícios demasiado prolongados” (N PACHTLER apud SCHMITZ, 1994, p. 88).

Na menção de Schmitz (1994), que nos traz um elemento curioso da *Ratio*, expressamente a regra 34, ele faz uma breve apresentação de uma atividade, do que seria hoje a feira de ciências, sendo tão comum na maioria das escolas, que já vem inserida no calendário escolar; ainda notadamente se faz expressão à adaptação adequada que cada país deve fazer conforme sua região; isto se deve expressamente devido à multiplicidade de colégios que possui a Companhia de Jesus.

Vale salientar que a *Ratio* de 1599 foi chamada, segundo Schmitz (1994, p. 83) de *Ratio atque Institutio Studiorum*¹². O autor afirma que esta foi “a primeira e a única oficialmente aprovada e promulgada por um Superior Geral” (Idem). Ele defende que este fato dá uma grande força à Ordem Jesuíta, porque agora ela possuía um documento que

¹¹ Ler, Os Jesuítas e a Educação: Filosofia educacional da Companhia de Jesus, de Egídio Francisco Schmitz, 1994, páginas 84 a 89.

¹² Ver em anexo a Capa Definitiva do *Ratio Studiorum* de 1599

regulamentaria toda a sua ação educacional, seja em regras gerais, até mesmo em relação a normas bem específicas.

Ainda acerca da *Ratio* de 1599, plano de estudos este que se alarga se até os dias atuais, Leonel Franca (1952), historiador jesuíta, nos deixa a seguinte ponderação:

Para quem, pela primeira vez, se põe em rápido contato com o *Ratio*, a impressão espontânea é quase a de uma decepção. Em vez de um tratado bem sistematizado de pedagogia, que talvez esperava, depara com uma coleção de regras positivas e uma série de prescrições práticas e minuciosas.

De fato, o *Ratio* não é um tratado de pedagogia, não expõe sistemas nem discute princípios. A edição de 1586 enveredara por este rumo; foi criticada e substituída pela de 1599. Franca (1952, p. 43).

A primeira sensação que temos ao consultar a *Ratio* que foi estudada com entusiasmo por Leonel Franca é que se trata de um manual destinado apenas à manutenção da Ordem dos colégios jesuítas. Ao longo da leitura da obra, observamos, no entanto, que são discutidos fundamentos de uma pedagogia mais ampla.

Lembremos da imagem já mostrada em passagem acima, em que a *Ratio Studiorum* é apresentada por meio de um acrograma proposto por Farrell, e se divide da seguinte maneira: I – Regras do provincial; Regras do Reitor; Regras do prefeito de estudos superiores; Regras comuns a todos os professores das faculdades superiores, professor de escritura, professor de hebreu, professor de teologia, professor de teologia moral; II - Regras dos professores de filosofia moral e matemática; regras do prefeito de estudos inferiores; regras dos exames escritos; normas para a distribuição de prêmios; regras comuns aos professores das classes inferiores; regras dos estudantes da companhia; regras dos que repetem a teologia; regras do Bedel; Regras dos estudantes externos; regras das academias.

Talvez o sucesso da Ordem Jesuíta se deva, justamente ao fato de que sempre buscaram discernir os limites de atuação de cada membro que compõe a Companhia Jesus. Ao analisar a divisão da *Ratio*, notamos que cada integrante possui um capítulo destinado a explicitar todas as informações cabíveis acerca de sua atuação no ambiente educacional. Com relação às regras disciplinares tratadas, existe um capítulo que é destinado apenas à distribuição de prêmios, como podemos ver em Franca (1952):

Para a classe de Retórica haverá oito prêmios: dois para a prova latina, dois para poesia; dois para prosa grega e outros tantos para poesia. Para a classe de humanidades e a primeira classe de Gramática haverá seis prêmios, na mesma ordem, omitindo-se a poesia grega que, de regra, não ocorre abaixo da Retórica. Para todas as outras classes inferiores, quatro prêmios, omitindo-se também a poesia latina. Além disso, dê-se também, em todas as classes, um prêmio ao aluno ou aos

dois alunos que melhor houverem aprendido a doutrina cristã. Conforme o número, grande ou pequeno dos estudantes, poderão distribuir-se mais ou menos prêmios, contanto que se considere sempre mais importante o de prosa latina (FRANCA, 1952, p. 178).

Esta norma é a de número 1, capítulo “Normas para a distribuição de prêmios.” Ainda é somado a ele um total de 13 regras. Colocamos aqui esse aspecto para exemplificar a complexidade interna e estrutural da *Ratio*¹³.

Não nos ateremos às Regras que trabalham as questões somente administrativas, mas debatemos sobre isso, indiretamente, ao tratar do currículo proposto pelos jesuítas.

Para entendermos como a *Ratio* que fora promulgada em 1599 funciona, nas instituições escolares jesuítas, dela apresentamos em destaque a organização curricular para os cursos superiores e secundários, oferecido na obra do Pe. Leonel Franca S.J. (1952):

I – Currículo Teológico. 4 anos.

Teologia escolástica. 4 anos; dois professores, cada qual com 4 horas por semana. A.9.

Teologia moral. 2 anos. Dois professores com aulas diárias ou um professor com duas horas por dia. A.12.

Sagrada Escritura. 2 anos com aulas diárias. A. 6.

Hebreu. 1 ano, com duas horas por semana. A. 7-8; Eb. 3.

A revisão de 1832 ao currículo teológico acrescentou, com disciplinas autônomas, o Direito Canônico e a História Eclesiástica, estudada no século XVI, só ocasionalmente.

II – Currículo filosófico.

1o. Ano – Lógica e introdução às ciências; um professor; 2 horas por dia.

Fa-

7; 9.

2o. Ano – Cosmologia, Psicologia, Física – 2 horas por dia. Fa.-7-10.

Matemática – 1 hora por dia. A-20.

3o. Ano – psicologia, Metafísica, Filosofia Moral – dois professores. Duas horas por dia. Fa-7-11; Fb-2.

III – Currículo Humanista.

O currículo humanista, corresponde ao moderno curso secundário, abrange no *Ratio* 5 classes:

1 – Retórica.

2 – Humanidades.

3 – Gramática Superior.

4 – Gramática Média.

5 – Gramática Inferior.

Franca (1952, p. 47)

¹³ Para ler mais sobre as regras de distribuição de prêmios, consultar Leonel Franca, O método pedagógico dos jesuítas: o *Ratio Studiorum* (1952, p. 178-181).

Percebe-se que existe um currículo ordenado que delimita, desde as horas que serão dedicadas às disciplinas diárias e semanais, até os conteúdos específicos, que deverão ser trabalhados por cada ano de estudo do educando.

Para tanto, a *Ratio* divide os anos dedicados aos estudos em cinco classes¹⁴, como pôde ser visto anteriormente; porém, o currículo ainda se estende um pouco mais, como o demonstra Franca (1952):

Grau	Classe	Ano
1	Retórica	7
2	Humanidades	6
3	Gramática Superior	5
4	Gramática Média A	4
4	Gramática Média B	3
5	Gramática Inferior A	2
5	Gramática Inferior B	1

Franca (1952, p. 48):

Cada grau aqui apresentado representa um nível de conhecimento alcançado pelos alunos; a tabela classifica o nível inicial com a nomenclatura de “Gramática Inferior”. Este curso possui a duração de um ano, de forma que, se o educando prosseguir com seus estudos, poderá chegar ao grau 1, classificado como “Retórica”, levando um tempo de 7 anos de estudos para adquirir este grau, segundo a tabela aqui analisada.

José Maria de Paiva (1981), nos apresenta uma brilhante apreciação abreviada acerca do curriculum exposto aqui, de forma que não somente se atém ao resumo, mas faz importantes pontuações, que, devido a sua importância, não podemos deixar de apresentar, em bloco, intercalado de breves comentários sobre a sua essência; esta síntese evidencia cada grau de ensino apresentado neste estudo, senão vejamos:

O *Ratio Studiorum* propõe dois graus de ensino: as Classes Inferiores e as Faculdades Superiores, integradas por um princípio externo, aqui resumido como destinação religiosa, e outro, interno, que é a preparação para o curso imediatamente superior, fundada na grandeza do saber. As Classes Inferiores desdobram-se em Gramática, Humanidades e Retórica, uma servindo de suporte para a outra e todas encaminhando para a Filosofia e a Teologia. O ciclo completo de formação jesuítica ocorre com o término dos estudos teológicos. (PAIVA, 1981, p. 3)

Fica evidente que existe um rigor metodológico, pois este permeia todo o processo de formação do Jesuíta, notadamente no tocante ao desenvolvimento das práticas educativas, pois este modelo de ensino pretende formar uma pessoa preparada para atuar nas

¹⁴ Ver mais detalhes em anexo: III) PROGRAMAS DE ESTUDOS DO RATIO STUDIORUM.

mais diversas vertentes que podemos imaginar e não somente isto, José Maria de Paiva (1981) ainda nos apresentar a divisão das categorias apresentadas anteriormente:

Só então tem o estudante acesso ao pleno sentido do homem que ele deve ser e que ele deve fazer nascer, no seio da sociedade. Não se incluem, propriamente, nesta formação os estudos elementares (Escola de Ler, Escrever e Cantar), de que nos fala a História da Companhia (5). As Classes Inferiores compreendem a Gramática (Inferior, Média e Superior), Humanidades e Retórica. A Classe Inferior da Gramática estuda apenas o Latim, tendo por objetivo o conhecimento perfeito dos elementos da Gramática e o conhecimento inicial da sintaxe (211, 1 ss). A Classe Média abrange o conhecimento, ainda que imperfeito, de toda a Gramática, e do Grego, os nomes contratos, os verbos circunflexos, em mi e as formações mais fáceis (208, 1). A Classe Superior, o conhecimento perfeito da Gramática, e do Grego e as oito partes da oração (204, 1). (PAIVA, 1981, p. 3)

Nota-se o modo gradativo com que o ensino é ministrado. A cada classe de estudos, indo do que chamam inferiores aos superiores, as matérias aparecem em suas denominações e diferentes campos, assumindo uma função formativa prescrita com cuidado. Filosofia e Teologia são alcançadas em estágios superiores, enquanto as inferiores são divididas em Gramática, Humanidades e Retórica.

As Humanidades objetivam prepara, nos que terminaram a Gramática, o terreno à eloquência. Estudam melhor a língua, procuram erudição e se introduzem nos preceitos da Retórica. Continuam o estudo do Grego (sintaxe) (199, 1).

A Retórica não se define com facilidade, dentro de limites fixos, mas, de qualquer forma, abrange regras de oratória, estilo e erudição. Ainda aí continua o estudo Grego (192, 1).

As Classes Superiores compreendem a Filosofia e a Teologia. A Filosofia abrange o estudo da Lógica (1º ano), Física e Matemática, mais alguns elementos de Geografia e Astronomia (2º ano), Psicologia, Metafísica e Ética (3º ano). A Teologia, a Dogmática segundo Santo Tomás, durante todo o curso; dois anos de Moral (continuada e reforçada pelos Casos) e dois anos de Escritura, reforçados pelo estudo do Hebraico, por um ano. (PAIVA, 1981, p. 3)

A preocupação com o domínio das diversas temáticas era de fato notória, o ensino e fortalecimento da linguagem, principalmente no que diz respeito a oratória foi muito bem pensado e definido e não somente isto, sabia se que era necessário que o Jesuíta tomasse conhecimento das mais diversas áreas, afinal alcançar o objetivo primeiro da Companhia de Jesus que almejava estender a fé cristã por todas as partes do hemisfério não seria conquistado sem uma excelência educacional dos seus partícipes, a formação não era somente humanista e cristã também era política. Ainda acerca da formação dos cristãos, José Maria de Paiva (1981) disserta sobre o funcionamento do que corresponderia atualmente a uma pós-graduação:

Prevê-se ainda o que hoje chamaríamos de pós-graduação, em Teologia, por dois anos (121,10;142,25;216,4-5). Vê-se bem, como diz Ferreira Deus dado, que o ciclo geral dos estudos na Companhia era longo, “porque num jesuíta a ciência é absolutamente necessária, quase tão necessária como a virtude” (6).

Destaca-se a aprendizagem do Latim e, em segundo lugar, a do Grego, como instrumentos de formação humanista. Sobre esta se fará a formação filosófica e teológica, também em Latim e Grego. Para uma e para outra usam-se, de preferência, os textos originais (159, 2 e 6; 160, 9-10; 161, 11-12; 152, 2 ; 153, 7). O ponto de vista cristão deve, contudo, predominar nas questões filosóficas (159, 2), enquanto o “sentir com a Igreja” deve sobrepor-se às discussões teológicas (153, 5). Há, de fato, uma continuidade, tanto sob o aspecto instrumental, quanto da formação. Cumprem-se claramente os princípios propostos. (PAIVA, 1981, p. 3 - 4)

Chama atenção o detalhamento das matérias, assim como as conexões entre elas e o lugar que ocupam na formação dos alunos, a importância do aprendizado de línguas, latim e grego, para o domínio das demais matérias. Ao lado disso, está a retórica e eloquência em face da importância que a oratória e a pregação vão assumir na função missionária dos Jesuítas.

O aprofundamento do saber é o critério para a duração dos cursos. Com respeito à Retórica, diz-se: “Ainda que não seja possível prescrever a duração do curso de Humanidades e Retórica e a cargo do superior fique o decidir quanto deverá cada qual demorar-se nestes estudos, nenhum dos nossos pelo menos deverá ser enviado à Filosofia, antes de haver estudado dois anos de Retórica” (123, 18). E da Filosofia: “onde estudam os nossos escolásticos, o curso de Filosofia deverá durar três anos e não menos” (123, 17). Permite-se, contudo, certa flexibilidade, a juízo do Reitor, não no que tange à estruturação do curso ou sua duração, mas no que concerne aos interesses ou a missões previamente estabelecidas dos alunos (170, 13; 123, 19). Normalmente, porém, a Filosofia se faz em três anos, e em quatro anos, a Teologia. As Classes Inferiores teriam cinco anos, de duração, mas insiste-se no prolongamento, sobretudo das Humanidades e da Retórica. Podemos supor, com bastante aproximação, que o curso todo seria feito em 7 ou 8 anos.

O ano letivo é longo, pois “as férias gerais do ano, nos Cursos Superiores, não devem ter duração inferior a um mês nem superior a dois meses. No curso de Retórica, a menos que não se oponha o costume da universidade, as férias devem durar um mês; em Humanidades, três semanas; no de Gramática Superior, duas; uma, nos outros cursos” (130, 37§1). O número dos feriados precisa, antes, ser diminuído que aumentado (131,37§2). Há algumas férias menores: “Nos cursos Superiores, não haverá aula na véspera do Natal, até a festa dos Santos Inocentes” (131, 37§4). É assim, por ocasião das grandes festas, Páscoa, Pentecostes e Corpo de Deus.

O tempo de estudo em aula é de cinco horas, distribuídas igualmente entre manhã e a tarde. Podemos inferir que o tempo dedicado aos estudos atingia mais de mil e trezentas horas por ano. (PAIVA, 1981, p. 4).

O tempo é pensado como algo de suma importância, tanto para a divisão dos estudos, como distribuição de matérias e tempo de formação necessário ao aprofundamento desejado de tantas matérias. Estamos diante de um exemplo de ordenamento curricular que expressa a estrutura da *Ratio Studiorum*, objetivando evidenciar a organização deste manual

de ação pedagógica, que não se limita a disciplinas ou regras disciplinares de comportamento que colaborem para o aprendizado do aluno.

No ordenamento curricular aqui exposto, percebe-se que há espaço para elevar o aluno a um grau de estudo, que atualmente corresponderia ao nível de curso de pós-graduação, com uma duração de dois anos; este rigor no tempo dos estudos se deve, principalmente, ao fato de Inácio de Loyola ter prezado muito pela formação dos partícipes da sua obra missionária, sendo este um preceito básico que fundamentou toda a edificação da Companhia de Jesus.

Conforme as fontes já citadas, o manual ou método de trabalho pedagógico regravava o tempo de estudos tanto o turno da manhã, como o vespertino. O padre Nadal em sua *Ratio* especificava, inclusive, que deveriam empregar cerca de 3 horas pela manhã e 3 horas no período da tarde. No entanto, sobre esta última *Ratio* somos informados que o tempo de estudos aumentou para 5 horas, no turno matutino e mais 5 horas, no turno vespertino. Isto se deveu ao fato de que durante o processo de formatação da *Ratio* de 1599 – a única *Ratio* outorgada oficialmente – os jesuítas perceberam que o tempo de estudos era pouco e precisavam alongá-lo, chegando até a possuir nesta versão, segundo o autor consultado acima, mais de 1300 horas de atividades educacionais em um único ano.

Entendemos, assim, que a *Ratio* organiza o funcionamento da instituição escolar de forma que hierarquiza o tempo e o rendimento educacional do aluno, dando-lhe também a oportunidade de ascender aos graus mais altos que a instituição oferece, o que para a época em que foi instituída, representava uma grande novidade para o meio educacional, em face de sua forte racionalidade e natureza prescritiva, que tem relação, obviamente, com as exigências da era moderna.

3 FONTES E PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

3.1 Preâmbulo

Muitas vezes, por não saber dos riscos que corremos ao interpretar dados, documentos e discursos sobre o passado, podemos emitir ideias e julgamentos que podem nos levar a erros de interpretação e, assim, distorcer o passado.

Entendemos que projetar o que achamos certo ou errado para analisar sujeitos e acontecimentos do passado é uma coisa perigosa, que deve ser evitada, porque tais noções estão sujeitas a conclusões enganosas e deturpadoras.

Para fundamentarmos a realização deste estudo apresenta diversos discursos de autores de múltiplos períodos, mas que nos deixam lições de metodologia para entender o campo da História e seus desafios metodológicos. Ambicionamos ainda refletir os aspectos importantes do campo em questão, como a sua possível ligação com a sociedade e educação, a cultura e a ação de sujeitos.

Para tanto, as leituras apresentadas neste momento foram de substancial importância para a construção da pesquisa, de forma que nos possibilita ter um rigor metodológico, apresentando um maior refinamento para o conhecimento da História como ciência. Esta pede interpretação de dados, sofre a influência da subjetividade, de maneira que se faz notório que historiar e historiografar requer o atendimento a uma série de princípios que visam, inegavelmente, uma busca pela sensibilização do historiador a diversas questões metodológicas e epistemológicas, que podem passar despercebidas ao leitor menos cuidadoso.

3.2 O Método Comparado

Para o desenvolvimento deste estudo fez-se necessário, antes de tudo, expor a perspectiva comparada, baseando-se em principal em alguns estudos de António Nóvoa, Humberto Eco e Michael Foucault, encontrados na pesquisa de Maria Juraci Maia Cavalcante (2008), intitulada, História educacional de Portugal: discurso, cronologia e comparação, como também na coletânea organizada por Donaldo Bello de Souza e Alicia Martínez et al, nomeada, Educação Comparada: rotas além do mar, publicada em 2009. Faremos destas duas

fontes nossas referências básicas para a formação deste capítulo, visto que, são obras atualizadas sobre o assunto, na área da Educação Comparada.

O diálogo acontecerá de forma a propiciar o alargamento dos nossos olhares para o estudo comparado, de forma que pleiteamos o entendimento dos estudos em ciências sociais em um ponto de vista internacional e, ao mesmo tempo, em articulação local. Desse modo, devemos frisar o necessário entendimento de que um determinado evento pode estar ligado diretamente com uma ação de escala global; ou vice-versa, o acontecimento local pode ter desdobramentos internacionais, de forma que devemos perceber no processo de pesquisa, por meio do cotejo de fontes históricas e sociológicas, de onde vem a ação e quais os desdobramentos da mesma. Nesse sentido, a perspectiva comparada além de internacional, requer operações interdisciplinares.

A leitura do estudo, História educacional de Portugal: discurso, cronologia e comparação – um ensaio de crítica histórica, de Maria Juraci Maia Cavalcante (2008), permite o entendimento dos fundamentos da comparação em história da educação, através de um conjunto de autores ali referidos e analisados. Entre eles, está o filósofo social Humberto Eco, que nos traz a seguinte reflexão “o outro é a razão de ser da Educação Comparada: o outro que serve de modelo ou de referência, que legitima as ações ou que impõe os silêncios e opera a definição de limites”. (ECO, 1992 apud CAVALCANTE 2008, p. 248). O discurso apresentado acima ratifica a necessidade de ligação desta investigação com a prática inscrita na metodologia do estudo comparado.

Ao estudar o método comparado, faz-se necessário entender o “outro”, no sentido que lhe atribui aos fatos. Esse outro pode ser um sujeito cultural e/ou nacional, que estabelece com outro uma relação tensionada, por razões históricas, como é o caso do colonialismo. Requer, pois, conhecer e reconhecer os limites de interpretação do outro, também é reconhecer que temos entendimentos limitados.

Existe a este respeito uma bela narrativa a propósito de um escravo índio, o qual, tendo sido encarregado pelo seu dono de transportar uma carta e um cesto de figos, comeu uma grande parte da sua carga no caminho, e deu o restante à pessoa a que ela se destinava; esta, depois de ter lido a carta e não encontrando a quantidade de figos anunciada, acusou o escravo de os ter comido, dizendo-lhe que a carta o denunciava. Mas o índio (apesar desta prova) negou candidamente o feito, dizendo mal do papel, chamando lhe testemunha falsa e mentirosa. Em seguida, tendo sido mandado de novo com uma carga idêntica acompanhada de uma carta indicando o número exato de figos a entregar, retomou a prática precedente, devorando no caminho boa parte dos frutos. Mas, antes de lhes tocar (a fim de se prevenir de qualquer acusação), pegou a carta e escondeu-a debaixo de uma pedra grande, assegurando-se, desta forma, que, se ela não o visse comer os figos, nunca poderia

contá-lo; mas, tendo sido ainda mais acusado do que anteriormente, confessou seu erro, admirando a divindade do papel, e prometeu a maior fidelidade para o futuro em todas as missões. (ECO, 1992, p. 13 apud SOUZA 2009, p. 23).

A questão do estudo comparado posta por António Nóvoa, em seu artigo “Modelos de análise de educação comparada: o campo e o mapa”, em Souza e Martinez (2009), revela que podem existir diversas janelas de interpretação para o mesmo fato. A exemplo disso, ao mesmo tempo que nos mostra o alcance da interpretação de cada ser aqui exposto, sabendo-se que o índio por sua vez não sabia ler e não entendia como um papel poderia entregar seu ato, para ele isto era obra divina, não pertencia a este mundo; já o recebedor da encomenda que o índio trazia consigo sabia ler e percebeu que a quantidade de figos que o índio trouxe não correspondia ao que estava descrito no bilhete, é neste momento em que duas realidades se chocam e é a partir daí que devemos mover nosso olhar para a história de cada ser envolvido na trama, para entender a compreensão de mundo que cada ser tem, e que os colocar na mesma narrativa em lugares opostos. Este reconhecimento dos lugares dos sujeitos, nos faz alargar nosso olhar para diversas vertentes que, muito embora se apresentem no mesmo local, possuem construções e percursos sociais diferentes.

A investigação no campo da comparação existe por causa do outro; deste modo faz-se necessário sensibilizar-se primeiro para entendermos os processos e limites de cada um, e isto vale para a pesquisa na educação, visto que o investigador precisa romper com as suas referências locais, para tentar compreender os processos que ocorrem em escala mundial e que mesmo assim sofrem interferências regionais, senão vejamos:

Consagrada tradicionalmente ao estudo *inter*-nacional dos sistemas educativos, a educação comparada necessita romper com seu espaço de referência, o Estado nacional, alargando sua investigação na direção do *infinitamente grande*, relativo aos processos de globalização, e do *infinitamente pequeno* dos fenômenos de localização. (SCHRIEWER, 1992 Apud SOUZA, DONALD e outros, 2009, p. 24-25)

Donaldo Bello de Souza (2009, p. 25) continua sua exposição, trazendo outra indicação importante da análise comparada, citando Pereyra (1990); Popkewitz (1998): “para além disso, ela deve valorizar o conceito de tempo, de modo a melhor apreender a historicidade dos fatos educativos, que não são realidades naturais, mas construções sociais impregnadas de passado.”

É neste sentido que devemos nos preocupar em entender a metodologia de estudo comparado, conforme está ratificada por diversos autores. Em síntese, isso quer dizer que um

acontecimento local, por muitas vezes, reverbera-se com desdobramentos distintos em cada região alcançada. Sobre o assunto, Cavalcante (2008), citando António Nóvoa, também frisa alguns pontos relevantes a serem destacados:

Nóvoa enfatiza que sua posição “é explicar e compreender: explicar a construção histórica do campo, o que nos remete aos espaços de saber e de poder; compreender as fragilidades, mas também as potencialidades de um projeto científico que seja actual.” destaca, então, “três aspectos de reflexão que justificam um novo interesse pela Educação Comparada:

- 1) A existência de problemáticas educacionais comuns aos diversos países e sociedades e, em grande medida, a emergência de um sistema mundial de economia, mas também ao nível da educação e da cultura;
- 2) A crise do Estado - nação e a consolidação de novos espaços de identidade cultural, no plano local e no plano de muitas regiões do mundo, como é o caso da União Europeia, que obriga a repensar as linhas tradicionais de decisão em âmbito educativo;
- 3) A intencionalização do mundo universitário e da pesquisa científica que resulta em esforços de construção de uma reflexão educacional, no interior e nas fronteiras de um país. Informa sobre “a sofisticação da Educação Comparada na actualidade, que busca um aprofundamento teórico para a construção de novas formas de inteligibilidade conceptual, em contraste com o seu perfil no passado, muito pragmático, útil e próximo da decisão política. (NÓVOA, p. 54 apud CAVALCANTE 2008, p. 249 - 250).

Nóvoa, ao trazer esses três aspectos de análise, nos põe em frente à realidade aqui estudada, quando vemos que a Companhia de Jesus viveu o seu apogeu como instituição missionária e educativa, no século XVI, sendo estas as principais questões por ela enfrentada: “a existência de problemáticas educacionais comuns aos diversos países e sociedades”, “a crise do Estado-nação e a consolidação de novos espaços de identidade cultural”; e “a intencionalização do mundo universitário e da pesquisa científica”. São estas as questões apresentadas sob o ângulo da pesquisa comparada, que nos liga diretamente com o passado e o presente. Senão vejamos, as mesmas questões lançadas na formação da *Ratio Studiorum*, em nome da organização do processo de ensino escolar, hoje lidamos com as mesmas questões no âmbito educacional e social; assim, ainda que cada período possua demandas específicas, há aspectos comuns que nos revelam preocupações gerais.

Nóvoa prossegue com sua argumentação, para apontar 4 tendências conceituais, que polarizam o campo de pesquisa em Educação Comparada, vista a partir de diversas contribuições de cientistas sociais de vários países. São eles: a “ideologia do progresso”, o “conceito de ciência”, a “ideia de Estado-Nação”, a “retórica da objetividade e das práticas quantitativas” de pesquisa.

- 1) **A Ideologia do Progresso** - É uma referência central na Educação Comparada, visto que a sua história é portadora da intenção de melhorar os sistemas

educativos para assegurar um melhor desenvolvimento sócio-económico. O que faz com que os comparatistas produzam classificações, categorizações e tipologias para o controle do mundo, a fim de melhor definir as matrizes de sua evolução. A equação “educação = desenvolvimento”, ao lado da ideia de que ao progresso da ciência contribuiria inevitavelmente para o progresso da sociedade. Fortemente baseado numa visão eurocêntrica, numa ideologia que contribua para a difusão de um modelo de escola dos países desenvolvidos para auxiliar as políticas educativas, que constituem o cerne das matérias dos organismos de cooperação internacionais. Considera que “essa fórmula hoje não é mais aceitável, porque sabemos que nem a escola é sinónimo de progresso, nem o trabalho científico pode se arrojar no direito de dirigir a acção política, o que obriga a uma redefinição do programa de Educação Comparada.”

2) **“Um conceito de Ciência** - A Educação Comparada tem como um dos seus objetivos principais a uma abordagem científica própria, embora largamente influenciada pelo paradigma positivista adoptado pelas Ciências Sociais no início do século XX. A constituição de uma certa racionalidade científica, de acordo com a modernidade social, que através das práticas de pesquisa comparada, permitiria encontrar as leis gerais de funcionamento dos sistemas educativos. Nisso residiria a dupla tarefa da ciência da educação comparada: prever e prescrever. A retórica da racionalização do ensino ou da eficácia das políticas educativas seria uma consequência directa disso. Hoje em dia, ao contrário o mundo científico é caracterizado por uma busca de racionalidades alternativas, pós-modernas. São portadoras de novas concepções, que passam notadamente pelo reconhecimento da necessidade de se rejeitar uma teleologia da história, devido à recusa da ideia de progresso contínuo e inexorável. A pluralidade é posta no lugar da hegemonia da explicação singular, numa atitude de recusa a uma verdade científica única”

3) **“A ideia de Estado-Nação-** foi constitutiva da Educação Comparada por considerar a importância do estudo das diferenças e similitudes entre dois ou mais países. Hoje, a nação é vista como uma “comunidade política imaginária”, que, na realidade, seria composta por várias comunidades locais, às quais corresponderiam novos espaços de identidade e desafios à formulação de políticas educacionais.

4) **A “retórica da objectividade e das práticas quantitativas”** que dominaram a área, conduziram os pesquisadores a uma simplificação, quer dizer, a uma redução de diferentes situações educativas a um denominador comum.” Ao invés de recolha de dados, procura-se hoje fazer a sua “construção, já que não se acredita mais nos cânones de objectividade da ciência de orientação positivista. (NÓVOA, p.62 – 65, Apud CAVALCANTE, 2008, p. 255 - 257). (grifo nosso)

Nóvoa em sua análise termina por prescrever os cuidados que o pesquisador deve ter ao historiografar e bibliografar o que quer que seja. Nota-se que estas pesquisas não são criadoras de verdades incontestáveis, muito pelo contrário, o investigador deve perceber que apenas estamos analisando algumas janelas conceituais para apreciação da história em perspectiva comparada, que nos foram por eles apresentadas.

Assim, a pesquisa histórico-comparada nos revela que, ao propor uma apreciação da *Ratio Studiorum* em perspectiva comparada, estaremos analisando não somente um “livro de regras” que determina o funcionamento dos colégios da Companhia de Jesus, mas que, conseqüentemente, termina por definir uma dada conduta dos educadores e dos educandos naquele ambiente educacional, que tem duração e difusão espacial considerável. Ao percorrer as recomendações de Nóvoa, no entanto, somos alertados a uma apreciação cuidadosa da historiografia; sobretudo quando ele enfatiza o cuidado em operar a ideia de Estado-Nação; ao

mesmo tempo que, nos oferece o alerta sobre os perigos da ideologia do progresso, como algo que deve ser trabalhado com muita sensibilidade a fim de não emudecer as diversas culturas existentes no mundo, tratando-as em divisões que fazem algumas nações serem vistas como avançadas e outras como atrasadas, sem cuidar de explicar como essas diferenças se deram historicamente.

Vale lembrar que estamos ponderando aqui aspectos de uma pedagogia que sobreviveu às intempéries de vários séculos e que, mesmo com o advento de diversos modelos de educação, sobrevive nos dias atuais, rompendo com os silêncios impostos pelo Estado, em relação à educação pública e a sua aceitação, sob restrição do meio laico, de participação das instituições escolares católicas, na composição do nosso sistema educacional. Além disso, sabemos que a Companhia de Jesus alargou seus espaços de referência como instituição educadora, tanto no que diz respeito à geografia, como no que faz alusão à formação humana e cristã do homem.

Falar de legitimar, impor silêncios ou mesmo definir limites, é adjetivar todo o processo de construção da educação, seja esta conduzida por meio da escrita, da expressão verbal oral, ou mesmo através de ferramenta não verbal. Afinal, é por meio da narrativa histórica, com base em registros, testemunhos e identificação de silêncios, é que entendemos essa construção.

Se de fato o processo de comparação aqui definido se faz a partir da existência de dados padrões educacionais, a análise destes pode nos aprimorar a capacidade analítica em diversos sentidos, a começar pela sensibilização do que o outro experimenta nos ambientes educacionais; sobre isso, Bell Hooks e Tony Morrison (1992, apud CAVALCANTE 2008, p. 248) afirma que, “consagrada, tradicionalmente, ao estudo inter-nacional dos sistemas educativos, a Educação Comparada necessita de romper com seus espaços de referência, o Estado Nacional, e alargar a sua investigação para a diversidade de situações e de contextos”.

Por isso, pesquisar a atuação dos Jesuítas no mundo está intrinsecamente interligado com a perspectiva de estudo comparado. Envolve também consultar os textos escritos pelos próprios Jesuítas, como sujeitos que registram suas ações e pesquisam sua história missionária. O autor Pedro Maia, no primeiro capítulo do seu livro “*Ratio Studiorum: Método Pedagógico dos Jesuítas*”, nos mostra o primeiro objetivo da Companhia de Jesus:

O objetivo primeiro da Companhia de Jesus, cuja fundação foi autorizada por Paulo III em 1540, é “formar bons soldados da Igreja de Roma, capazes de combater na

Europa a heresia e os rebeldes e, no resto do mundo, converter os pagãos”. (MAIA, 1986, p. 6).

Notadamente, percebe-se que, desde a fundação da Companhia de Jesus, seu objetivo foi muito claro, pois a instituição deveria atuar em diversos locais do mundo de tal forma que propagasse as ideias cristãs. Esta característica entra em consonância com o nosso cuidado metodológico, quando apresentamos um diálogo acerca da importância do confronto de épocas e ambientes sociais, mostrando serem os Jesuítas um sujeito de vivência temporal longa e espacialmente difusa mundo afora.

O juízo acerca da necessidade de romper com a referência de espaço e tempo apresentada de forma tão clara por Cavalcante (2008), no seu estudo, História educacional de Portugal: discurso, cronologia e comparação, como ensaio de estudo comparado no campo da história educacional. Esse enfoque favorece e muito o estudo da educação jesuítica, designadamente é intrínseco a ela a educação comparada, a começar pelo objetivo primeiro da criação da Companhia de Jesus, que a habilita a missionar pelo mundo, a varar nações e territórios, mares e continentes. Além disso, observando a sua atuação desde a sua fundação até os dias atuais, notamos que os espaços nacionais como referência de estudo da ação educativa, em geral, são rompidos a todo momento, pois a Companhia de Jesus não se limitou a uma atuação restrita ao local da sua fundação, Roma, e, desde 1540, já demonstrava uma preocupação em difundir sua atuação pelo globo. Estudar a sua ação educativa e missionária requer, pois, o estudo comparado e justifica a conexão aqui colocada pela proposta de análise aqui exposta.

3.3 A abordagem qualitativa

Dentro da perspectiva metodológica adotada, no âmbito das ciências sociais, torna-se mais coerente para o presente estudo a abordagem de cunho qualitativo. A pesquisa qualitativa será utilizada por dar relevância particular ao estudo das motivações que podem explicar determinados comportamentos, no qual, as teorias são desenvolvidas a partir de métodos empíricos, aliando o conhecimento e a prática no decorrer da pesquisa. Sobre abordagens de caráter qualitativo, temos que:

Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinados problemas, além de permitir as interações de certas variáveis, compreendendo e classificando os diversos processos dinâmicos vividos pelos grupos, possibilitando,

em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (p. 48). (DIEHL e TATIM, 2004, p. 48)

As abordagens qualitativas trazem maior dinamismo ao âmbito da pesquisa, auxiliando na compreensão mais aprofundada dos resultados, fazendo com que o pesquisador entre em contato maior com o universo do entrevistado, através da sua atuação ativa em campo.

Como estratégia de pesquisa, optamos pela utilização de entrevistas, viagens e observações de práticas educativas, por estas permitirem uma investigação que estabelece uma dinâmica de ação que vai além da análise de dados obtidos em fontes frias de pesquisa como livros e documentos, isto porque esse cuidado nos aproxima dos sujeitos da pesquisa. Assim, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com os sujeitos que integram e/ou integraram o corpo docente administrativo do Colégio Santo Inácio de Fortaleza e o Antônio Vieira na Bahia.

Segundo Diehl e Tathim (2004), a técnica de entrevista semiestruturada permite dar certa autonomia ao entrevistado, contribuindo para que a imposição de concepções por parte do entrevistador seja deixada de lado, contribuindo para que surjam novas hipóteses condizentes com os questionamentos que interessam à pesquisa.

A entrevista em seu roteiro tomou por base as seguintes questões:

- 1) A Pedagogia adotada nos Colégios Jesuítas tem por base a *Ratio Studiorum*?
Ela ainda existe?
- 2) A *Ratio* tem sofrido adaptações?
- 3) Quais aspectos permanecem na *Ratio*, quais você considera mais importante?
- 4) Ela (*Ratio*) continua atual?
- 5) Os alunos atualmente aceitam bem o regime de estudos contidos na *Ratio*?
- 6) Na sua opinião a *Ratio* ainda exerce importante papel para a formação humana e cristã?

A entrevista foi realizada com padres Jesuítas que participaram ativamente dos ambientes educacionais que foram delimitados para esta dissertação, esperando que a partir destes questionamentos os entrevistados discursassem sobre as problemáticas que enfrentaram no decorrer de sua atuação nas escolas; destacasse como se deu o processo de adaptação da

Ratio no cotidiano na vida escolar, a aceitação do alunado com as regras, os horários e todo o conjunto de normas que regem a escola.

Para tanto e continuando na ótica das estratégias de pesquisa, foi utilizada também a observação direta, pois a partir de uma observação espontânea, pudemos extrair evidências empíricas e *insights* valiosos, utilizando o mínimo de interferência na obtenção dos dados observados. A observação direta ainda possibilita no processo de pesquisa que se refaça a delimitação do problema, revisão de hipóteses, aproximação da perspectiva dos sujeitos, descoberta de aspectos novos de um problema e obter dados inesperados. Através das entrevistas, procuramos informações variadas, a fim de coletarmos um pouco da biografia dos entrevistados e a partir da transcrição destes dados, pudemos expressar a trajetória pessoal e profissional dos mesmos.

Além da observação direta, foi utilizada a análise documental e levantamento bibliográfico que permitem analisar fontes documentais que possuam relevância direta para a presente investigação, representando uma forma de contextualização da informação, específica de realidades construídas, para se obter objetivos específicos; na verdade, ambos os métodos de coleta, se constituem como mecanismos comunicativos na construção de versões sobre determinados acontecimentos. (DIEHL e TATIM, 2004).

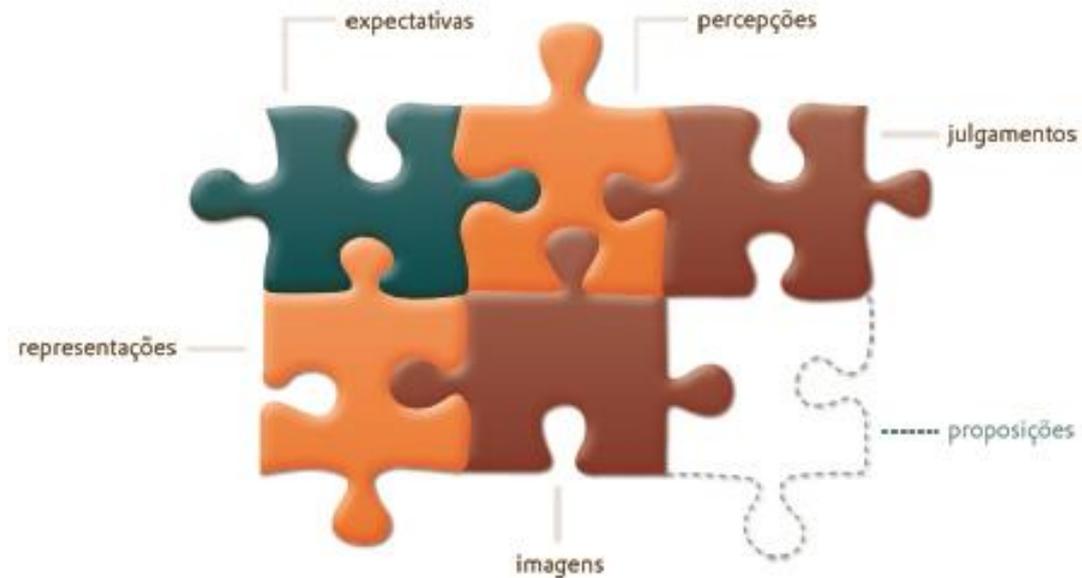
Para este levantamento de dados foi necessária uma viagem ao Estado do Rio de Janeiro, onde foram visitados a Biblioteca Nacional, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Biblioteca setorial de Ciências humanas da Pontifícia Universidade Católica além do Arquivo Nacional.

Nesta excursão científica, foram encontrados importantes documentos, como, O Método Pedagógico dos Jesuítas - o “*Ratio Studiorum*” de Leonel Franca, O Método Pedagógico Jesuítico (Uma análise do *Ratio Studiorum*) de José Maria Paiva, *Ratio Studiorum*: Método Pedagógico dos Jesuítas de Pedro Maia; livros estes que funcionaram como leituras de “cabeceira” para esta pesquisa; ainda foram localizados diversos outros textos que nortearam esta investigação e que são apresentados no decorrer da análise.

A proposta da abordagem qualitativa se apoiou nas seguintes pilastras, como é mostrado na imagem abaixo, de forma que intentamos montar um conjunto harmonioso e terminantemente crítico, principalmente, na forma de analisar os dados obtidos durante a pesquisa, a fim de não lançarmos mão de nossas expectativas tão somente e nem transmitir

nossos anseios na investigação; para tanto é necessário um trabalho cuidadoso a fim de montar este quebra-cabeças.

Imagem 2 – Pesquisas Qualitativas-escolhas estratégicas, percepções e expectativas



Fonte: <http://www.macroplan.com.br/prodPesquisas.aspx>

Assim como foi descrito nos parágrafos anteriores, a pesquisa qualitativa traz um apanhado de questões que procuramos entender para melhor conduzir esta investigação; afinal, no âmbito da pesquisa acadêmica, criamos uma expectativa para o assunto estudado e isto não pode neblinar nossa percepção, quanto aos resultados obtidos na investigação. Além do mais, o investigador deve ter muita sensibilidade ao fazer o julgamento das questões referentes à pesquisa, visto que somos guiados por inúmeros conceitos e preconceitos formados ao longo de nossa existência e este fato nos traz diversas representações e imagens sobre a temática abordada. Por isto, no desenvolvimento da pesquisa tentamos a todo momento nos inclinar a um exercício epistemológico capaz de lidar de modo consciente e cauteloso, sabendo que a nossa subjetividade, no tocante aos diversos pontos abordados anteriormente, não afetasse as proposições desta investigação, em distorções desnecessárias.

3.4 A pesquisa histórica

Para este momento da pesquisa, foi utilizado um conjunto de autores e suas obras que nortearam múltiplas discussões na disciplina de História e Educação Comparada I (HEC) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, módulo de História, dirigido pelo historiador, prof. Dr. Almir Leal.

Pleiteamos nos instigar a investigar a pesquisa em história educacional e social, não somente como uma disciplina ou uma obrigação que sobreveio na vida do pesquisador, mas devendo considerar e compreender, que investigar a pesquisa em ciências sociais nos acarreta uma série de exigências metodológicas, como também uma sensibilidade em escutar o que a história está querendo nos contar; tentar sensibilizar nosso olhar, a fim de que o mesmo perceba o tempo em que se passou o acontecimento investigado, que pensamento ou mentalidade era predominante naquela época.

Inclusive o olhar do pesquisador deve permanecer sempre muito atento ao recorte temporal em que ele está estudando, pois, a crítica só deve ocorrer se o investigador conseguir introduzir nele o pensamento vigente na época, e mesmo assim ele estará correndo um grande risco ao refutar alguma tese. O mais recomendável é que devemos ser sensíveis aos acontecimentos, tentando entender como a história se passou, sem tentar mudá-la ou mesmo julgar as ações dos seus sujeitos como se fôssemos juizes.

Ao pesquisar a história da *Ratio Studiorum*, suas bases de formação, sua transformação e sobrevivência no tempo, nos deparamos por diversas vezes em conflito com nós mesmos, afinal somos seres carregados de anseios, construídos socialmente em um local, com diversos preconceitos que, por muitas vezes, nos limitam o discernir dos fatos.

Este sub-capítulo apresentará o discurso de diversos autores acerca do pensar em história, a começar pelo artigo “O trabalho do Historiador: pesquisar, resumir, comunicar”, de Geovanni Levi, onde o mesmo conversa conosco, nos revelando um pouco de sua concepção sobre o que é História e ainda nos oferece alguns cuidados que o investigador deve ter ao transcrever sua investigação.

Ainda comentamos aspectos relevantes da obra, “A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros”, de Thompson; não nos debruçaremos na obra em sua totalidade, entretanto será analisado aqui o capítulo VII, onde o autor discorre sobre a dialética, no que concerne à leitura e averiguação dos dados produzidos para a pesquisa em história.

Em seguida, dialogamos com Hannah Arendt e os seus “Cuidados com o Julgamento”, onde a mesma nos apresenta uma das grandes dificuldades que os historiadores

possuem e que, por muitas vezes, termina por passar despercebido; a problemática posta por ela se assenta em compreender a ótica em que os fatos acontecem, que, sobretudo, não devemos avaliar o passado com a visão do presente.

Ao final desta leitura, ousamos pôr em diálogo, Hannah Arendt e Paul Ricoeur (1968), em sua obra, “História e Verdade”, onde o mesmo nos traz importantes explicações, no que concerne aos cuidados metodológicos que o historiador deve ter para não cair nas “armadilhas do pensamento subjetivo”, visto que somos dotados de jogos simbólicos e que a todo momento somos impetrados de diversos pensamentos que, por muitas vezes, podem nos confundir no transcrever da história.

3.4.1 O Trabalho do Historiador

Em seu artigo intitulado, “O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar”, Geovanni Levi inicia uma discussão acerca do que é história. Deste modo ele mesmo cria uma definição para o termo supramencionado a partir de seu conhecimento, entendido como algo histórica e socialmente construído e diz:

Minha definição é: a História é a ciência das perguntas gerais, mas das respostas locais. Não podemos imaginar uma generalização em História que seja válida. Ou seja, podemos perguntar o que é o fascismo, mas há fascismos diferentes na Itália, na Espanha ou em Portugal. Por isso, devemos preservar, nos trabalhos dos historiadores, as particularidades, preservar o local — aqui entendido como uma situação específica. Esse é o grande problema da História. Trabalhar sobre o geral, mas um geral que sempre se configura como perguntas, não como respostas. Levi (2014, p. 1)

O autor inicia sua exposição mostrando um grande erro dos historiadores, que advêm do fato de arriscar-se a construir história baseando-se em perguntas gerais, sem ao menos tentar compreender que cada momento estudado necessita de uma questão específica, pois, afinal, é como o autor diz:

A ideia de que podemos generalizar conclusões tem produzido muita história ruim. Por exemplo, quando fazemos uma biografia, não devemos procurar nela algo típico. Não podemos afirmar que a vida de cada um de vocês é típica da vida dos jovens brasileiros do século XXI. Não é possível, porque cada vida é uma vida. Não podemos imaginar a tipicidade de uma época. Muitas vezes, os historiadores fizeram essa falsificação: partiram da ideia de que uma vida é típica de um momento e isso é falso. Levi (2014, p. 1 - 2).

A partir deste momento o autor levanta uma série de questões que nos mostram a dificuldade que é nos dias atuais historiografar, principalmente, com o advento de diversos meios de comunicação que se apropriam das tecnologias digitais para fazer história; senão, vejamos:

(...) começou a se fazer história fora do livro. O livro parou de ser o instrumento exclusivo de comunicação, da investigação e comunicação historiográfica. Nasceram outras mídias mais eficazes por terem um público maior. Ler um livro se tornou cada vez mais raro, e mais ainda um livro de História. A televisão tem produzido um público enorme. Atraiu uma atenção diferente. Demoramos quatro anos para escrever um livro, vendemos mil exemplares quando temos um sucesso enorme, e a TV fala em pouco tempo de fatos históricos e tem milhões de espectadores. Isso produziu um sentido histórico diferente do de antes. Temos um senso de História diferente de quando o livro era o centro da comunicação historiográfica. Levi (2014, p. 7).

E, para finalizar o seu alerta sobre esta interferência de fontes exógenas ao campo da História, o autor argumenta:

Nós, historiadores, vemos os resultados e eles parecem sugerir homogeneidades, porque, no final, o resultado é único, mas ele lembra Guerra e Paz, de Tolstoi, que é um bom exemplo, ou O vermelho e o negro, de Stendhal. Há uma totalidade de incoerências que produzem coerência no final, mas que não podemos explicá-las como se sua origem fosse uma causa única. É uma multiplicidade que produz um imprevisível no final, mas que para nós, historiadores, são previsíveis porque nós trabalhamos já sabendo quem é o assassino. Produzem uma coerência através da multiplicidade de incoerências, mas essas incoerências também são muito interessantes. São um problema histórico fundamental que não podemos transformar numa operação simples de causa e efeito. Devemos ver como um efeito que foi produzido de uma maneira impossível de prever. Esse é o verdadeiro problema: a História não é coerente. Ela tem incoerências que devemos tentar preservar. (LEVI, 2014, p. 19).

Nesse ponto, se encontraria para Levi a grande questão da pesquisa histórica, pois não devemos tentar trazer resultados únicos, visto que a história reverbera em diversas incongruências, não podendo ser única a visão que se tem dela. O autor durante toda sua argumentação, mostra os caminhos muitas vezes tortuosos em que nos encontramos, ao tentar registrar a memória, ao mesmo tempo em que compassadamente informa, como devemos apresentar os registros de uma observação, na construção de uma narrativa histórica.

Como vimos, Levi oferece alguns cuidados para quem pesquisa o passado, porque está assentado no tempo. Este tem seu movimento próprio e cabe a quem história saber cuidar dele, vendo seu ritmo descontínuo e desafiante. Chama também atenção para os cuidados que devemos ter com a leitura do passado, os registros de pesquisa e a forma como se vai narrar o que passou.

Desse modo, lembra que ser historiador tem as suas exigências metodológicas, que devem ser observadas e cumpridas com rigor.

Ainda acerca da abordagem histórica, vale apresentar aqui a obra de Thompson, “A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros”, temos uma análise acerca da interpretação do estruturalismo marxista de Louis Althusser; de tal forma que o livro se debruça em uma crítica muito bem fundada, reconfigurando a interpretação de materialismo histórico.

Porém, não nos aventuraremos a analisar a obra integralmente e sim o capítulo VII, visto que neste momento do livro o autor volta suas atenções para explanar a lógica de interpretação e verificação utilizadas pelos pesquisadores em história, o que de fato torna este momento da obra muito apropriado para a pesquisa aqui realizada.

Regressando à questão dos diversos moldes que podemos adotar ao historiografar, Thompson (1981, p. 48) faz a seguinte declaração:

Os modos de escrever a historia são tão diversos, as técnicas empregadas pelos historiadores são tão variadas, os temas da investigação histórica são tão dispares e, acima de tudo, as conclusões são tão controversas e tão veementemente contestadas dentro da profissão que é difícil apresentar qualquer coerência disciplinar.

Pesquisar elementos de cunho histórico nestes moldes torna-se, por isso, cada vez mais desafiador à profissão, principalmente, porque para Thompson, “a “história” não oferece um laboratório de verificação experimental” (1981, p. 48).

Assim, entendemos que não existe uma receita para investigar a história e nem tampouco fórmulas mágicas ou matemáticas para averiguar os caminhos e descaminhos do estudo historiográfico. Fica a lição de que devemos expandir nossa compreensão aos momentos distintos de que a história é composta.

Além disso, ele destaca que vale deixar claro que “devemos defender não que "a realidade histórica se modifica de época para época, com as modificações na hierarquia de valores", mas que o "significado" que atribuímos a tal realidade se modifica dessa maneira” (THOMPSON, 1981, p. 53).

No nosso modo de entender o Autor, sendo a própria realidade histórica mutável, a lógica de interpretação e verificação do historiador também obedece a variações, que afeta a apreciação que ele faz do passado.

3.4.2 Alguns Cuidados acerca do Julgamento na Pesquisa em História

Em seu livro “Cuidados com o Julgamento” de Hannah Arendt (2000), ela principia por comentar acerca da dificuldade em entender a ótica em que devemos enxergar a história, já que esta não foi criada agora, mas consiste por sua vez em uma construção historicamente estabelecida:

O problema da objetividade científica, tal como foi colocado no século XIX, devia-se à auto-incompreensão histórica e à confusão filosófica em tão larga medida que se tornou difícil reconhecer o verdadeiro problema em jogo, o problema da imparcialidade, de fato decisivo não somente para a "Ciência" da História como para toda a Historiografia. Arendt (2000, p. 81)

Além de objetivar questões específicas ao ato historiográfico, percebe-se que para a autora devemos nos mostrar um tanto quanto neutros, em razão de que não podemos correr o risco de nos precipitar, ao impetrar nossos julgamentos sem a devida análise da racionalidade imposta a eles, no período pesquisado.

Fica evidente que para Arendt o julgamento do passado é o grande problema que se coloca para os historiadores. Ela fala sobre o significado de ser neutro, quer dizer não julgar valores em que acreditamos, sem ter o cuidado de perguntar se isso ajuda a esclarecer ou a confundir os que investigam o passado.

Continuado na ótica em que trabalhamos com a averiguação de pesquisa em ciências sociais, Paul Ricoeur (1968), no seu livro intitulado, “História e Verdade”, nos apresenta a objetividade da história e toma essa temática como um dos pontos principais para se entender como se dá o emprego da subjetividade durante o desenvolvimento da pesquisa histórica, sobre o que ele diz:

É em relação a esse mister de historiador - e, portanto em relação a essa intenção e a esse empreendimento de objetividade - que se deve agora situar a crítica contemporânea que, faz meio século, tanto vem insistindo sobre a função da subjetividade do historiador na elaboração da história. (RICOEUR, 1968, p. 28).

A partir dessa chamada, o Autor completa seu argumento, apresentando uma problemática complexa, mas que vale a pena decifrar, para sabermos como proceder diante do que é apresentado por ele, a começar pelo termo de “objetividade incompleta”:

Um novo traço dessa objetividade incompleta vincula-se àquilo que se poderia denominar o fenômeno de "distância histórica"; compreender racionalmente é tentar reconhecer, identificar (Kant chamava à síntese intelectual uma síntese de reconhecimento no conceito). Ora, a história tem por tarefa dar nome àquilo que

mudou, àquilo que foi abolido, que foi outro. A velha dialética do mesmo e do outro ressurgue aqui; o historiador de profissão encontra-se sob a forma assaz concreta de dificuldades de linguagem histórica, sobretudo da nomenclatura: como denominar e inserir na linguagem contemporânea, na língua nacional atual, uma instituição, uma situação hoje abolida, senão pelo emprêgo de semelhanças funcionais, em seguida corrigidas pela diferenciação? Baste-nos lembrar as dificuldades vinculadas a termos como tirania, servidão, feudalidade, Estado, etc. Cada qual atesta a luta do historiador em prol de uma nomenclatura que permita ao mesmo tempo identificar e especificar; eis por que a linguagem histórica é necessariamente equívoca. Ricoeur (1968, p. 30).

O autor apresenta esta terminologia empregada pelos historiadores para nos localizar quanto ao modo de nos relacionarmos com o tempo histórico estudado, o que chama de “distância histórica”. Esta nomenclatura é utilizada a fim de conscientizar o pesquisador que os conceitos vão variando com o tempo, de forma que objetivo que antes poderia ser muito claro no início de uma investigação, pode findar por exigir uma outra denominação, visto que no interior da pesquisa histórica, percebe-se que houve uma disparidade quanto ao significado dos conceitos empregados pelo historiador, para dizer do espírito de uma época ou sociedade estudada.

A obra de Paul Ricoeur ainda traz uma importante contribuição para a análise aqui realizada, quando utiliza o termo “o limite de uma aproximação ideal”, como o autor explicita:

(...) o termo antecipado por um esforço de simpatia que é bem mais que a simples translação imaginativa para um outro presente, que é uma verdadeira translação para uma outra vida de homem. Essa simpatia está no princípio e no fim da aproximação intelectual de que falávamos; atrai o trabalho do historiador à maneira de um primeiro imediato; opera então como uma afinidade favorável face ao objeto estudado; renasce como um derradeiro imediato, a título de recompensa, como algo dado por acréscimo, ao cabo de uma longa análise; a análise raciocinada é como que a fase metódica entre uma simpatia inculta e uma simpatia instruída. Ricoeur (1968, p. 31 - 32).

Paul Ricoeur nos ratifica o cuidado que devemos possuir ao retratar o passado estudado, principalmente em relação a estimas, considerações afetuosas, características do grupo ao qual pertencemos, pois, durante a pesquisa o sentimento de pertença a um grupo pode nos colocar em situação conflituosa; isto acontece subjetivamente no pesquisador, podendo terminar reverberando nos resultados da investigação.

Verdadeiramente, o historiador deve se resguardar de diversas formas durante o processo que é construir história, sabendo que não se trata de uma ação simples, e sim de uma atividade impregnada de jogos simbólicos, subjetivos e científicos.

O que ele chama atenção é para a possibilidade da verdade. Pode o historiador alcançá-la de fato? Pelo que entendemos, o melhor caminho é cercar-se de cuidados para evitar que a nossa subjetividade atue, de forma ingênua, impedindo assim que a nossa pesquisa caia no caminho mais fácil, no apelo afetivo, nas simpatias e antipatias que a gente tenha pelo que estudamos do passado.

4 EM BUSCA DA *RATIO STUDIORUM* NOS DIAS ATUAIS

4.1 Nota inicial

Após conhecer o sentido da pedagogia dos Jesuítas e compreender suas raízes, bases de formação e funcionamento, este capítulo busca expor como funciona a *Ratio Studiorum*, nos dias atuais, de forma que irá apresentar a prática pedagógica dos professores leigos e dos padres Jesuítas dentro da Escola e, em especial, descrever o uso do seu método pedagógico na sala de aula.

O estudo dessa aplicação transcorreu entre o Colégio Santo Inácio de Fortaleza e o Colégio Antônio Vieira na Bahia, para entender como se dá a práxis pedagógica dos educadores nos colégios supramencionados; além de demonstrar tais práticas, buscamos examinar os aspectos que fazem com que a pedagogia jesuíta continue tão contemporânea, visto que, pelo menos em Fortaleza, alguns colégios confessionais de cunho católico passam por um momento de crise ou mesmo tiveram que fechar as portas, como foi o caso do Colégio Marista e o Colégio das Irmãs Dorotéias.

Este não parece ser o caso das instituições da Companhia de Jesus, que mantém suas escolas de ensino básico e suas universidades; desta forma, passando ao largo da citada crise educacional, a qual merece estudo específico, percebe-se que a diferença dos ambientes educacionais administrado pelos Jesuítas advém do fato de buscar a sua excelência através de dedicada atenção e consciência no exercício das suas práticas de ensino.

4.2 O Colégio Santo Inácio de Fortaleza, Ceará

O Colégio Santo Inácio de Fortaleza (CSIF) inicia seus trabalhos no ano de 1953, concomitantemente a este fato existia toda uma atmosfera que propiciava a construção de uma

escola de cunho jesuíta na cidade de Fortaleza, “ (...) O misticismo religioso e popular, o coronelismo, o banditismo e o catolicismo romanizado”, conforme afirma Cavalcante (2012, p. 232), fatores que, conjugados, terminaram por colaborar com a expansão da ação católica a partir dos anos de 1920/30 que estimulou a criação de instituições escolares confeccionais o que pode ser visualizado no Projeto Político e Pedagógico (PPP) do citado Colégio:

É nesse contexto que situamos a fundação do Colégio Santo Inácio em 1953, na sacristia da Igreja Cristo Rei, como uma pequena escola, com o nome de Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima, uma iniciativa do P. Monteiro da Cruz SJ, assessorado por um grupo de educadores leigos. Em 1956, em função do aumento do número de alunos, a pré-escola passou a ser chamada Externato Cristo Rei, trabalhando em regime de semi-internato. Com a boa reputação do ensino e a crescente procura de alunos, o externato continuou a crescer e passou a oferecer o ensino ginásial, com o nome de Ginásio Cristo Rei. O crescimento não parou e foi necessário um espaço maior para a ampliação do ginásio. (PPP, 2010, p. 23)

Antônio Monteiro da Cruz, padre jesuíta, funda em 1953, na sacristia da Igreja Cristo Rei, a Pré-escola Apostólica Nossa Senhora de Fátima, junto a um grupo de educadores. A escolinha funciona ali por alguns anos, até que em 1960, a pré-escola muda de nome alguma vezes, a medida que cresce o grau de ensino ofertado, vindo a ser chamada de Externato Cristo Rei e, logo depois, Ginásio Cristo Rei; estas mudanças foram ocasionadas devido à grande adesão de novos alunos que a escola estava provocando. Em meados dos anos de 1960, é lançada a pedra fundamental do Colégio Santo Inácio de Fortaleza, para a construção de um prédio mais apropriado para esta finalidade, que objetiva manter os ideais inacianos de expandir a fé católica e formar pessoas competentes e lideranças para organizar e dirigir a sociedade.

No dia 1º de março de 1960, foi lançada a pedra fundamental do Colégio Santo Inácio no local onde hoje se encontra situado; no entanto, a mudança das turmas só aconteceu dois anos depois, com a instalação gradual das séries. O funcionamento integral do Colégio, com todas as séries, se deu 9 anos depois, em 1971. (PPP, 2010, p. 23)

Durante seu percurso institucional, já passaram diversos diretores pelo CSIF: P. Geraldo da Silveira Sá, P. José Correia, P. Pedro Alberto Campos, P. Antônio Farias Camurça, P. Luciano Ciman, P. Pedro Vicente Ferreira, P. Manuel Madruga, P. Benjamin Gesteira, P. José Ivan Dias, P. Antônio Tabosa, P. Raimundo Kroth, P. Ponciano Petri, P. Eugênio Correia. Atualmente, Albanisa Gomes de Moura é a Diretora Geral do Colégio Santo

Inácio de Fortaleza¹⁵ sendo também a primeira mulher a ocupar este cargo na história do CSIF.

O CSFI destaca-se por ser a única escola particular da capital cearense em oferecer o Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Esta modalidade de ensino funciona no turno noturno e não cobra nenhuma taxa de matrícula e nem mensalidades, de forma que apenas é taxado o fardamento escolar dos alunos; além deste aspecto, a merenda vendida na Escola possui uma redução de preços, para se adequar às condições financeiras de muitos alunos da citada modalidade, visto que muitos dos estudantes são trabalhadores que não tiveram a oportunidade de completar seus estudos no tempo correto; desta forma, segundo o setor de planejamento educacional jesuíta, o CSIF “testemunha o compromisso da Companhia de Jesus pela educação e promoção social e humana”. (PPP, 2010, p. 24).

A partir da análise do Projeto Político e Pedagógico da instituição escolar em pauta e de relatos de alguns padres jesuítas que atuaram no CSIF, trataremos agora do processo pedagógico na instituição, e a partir daí indicaremos as diversas adaptações que a *Ratio* sofreu longo do tempo, a fim de se adequar aos dias atuais, vindo a ser nomeada por Projeto Educativo Comum (PEC)¹⁶, no que concerne à atuação da Rede Jesuíta de Educação (RJE) na educação básica, onde objetiva revigorar, rever e trasladar o trabalho apostólico da Companhia de Jesus, ao mesmo tempo que inspira, norteia e direciona os ajustes necessários para o ensino escolar, nos dias atuais. (PEC, 2016).

Como foi dito, anteriormente, a nomenclatura usada hoje é Projeto Educativo Comum, documento que dá um norte de como os colégios deverão atuar nas questões pedagógicas, que envolvem o ambiente educacional.

Na elaboração do PPP do CSIF, percebe-se que existiu um intenso trabalho a fim de torná-lo o mais próximo possível da atual realidade pedagógica em que a escola está inserida.

Inácio e seus companheiros tomavam suas decisões com base em um processo permanente de discernimento pessoal e comunitário, sempre feito num contexto de oração. Mediante a reflexão sobre os resultados de suas atividades, feita em oração, os companheiros revisavam as decisões anteriores e introduziam adaptações em seus

¹⁵ Informação retirada: <http://www.jesuitasbrasil.com/newportal/2016/08/11/arcebispo-de-fortaleza-celebramissa-no-col-santo-inacio-ce/>, acesso em 15/07/2017.

¹⁶ Ver PEC / PROJETO EDUCATIVO COMUM. “Que nova vida é esta que agora começamos? ” Trilhando juntos um caminho de renovação. Rio de Janeiro. Edições Loyola, 2016.

métodos, numa busca constante do maior serviço de Deus. (PPP, 2010, p. 26 apud magis¹⁷).

Para tanto, o PPP reserva um capítulo completo apenas para explicar como chegou ao documento final, norteador das ações do CSIF; o capítulo se subdivide em três seções, sendo que a primeira é intitulada, “O Processo de Coleta de Dados sobre o Diagnóstico do Colégio Santo Inácio”. Neste momento são expostas as principais questões que envolvem a educação brasileira; a partir daí é realizada uma análise dos dados coletados. Vale ressaltar que, na construção do PPP, estão incluídos todos os partícipes do ambiente escolar, entre eles, gestores, funcionários, pais e alunos.

Na segunda seção, mostraremos o que o citado documento oferece, por meio do cruzamento e da socialização dos dados obtidos. E, por fim, o mais importante é apresentado: o projeto final que foi construído por todos, a partir da realidade em que a escola está inserida, adaptando assim a sua metodologia de raiz secular para os dias atuais, propósito justificado pela busca devotada para “o serviço e glória de Deus”. (PPP, 2010).

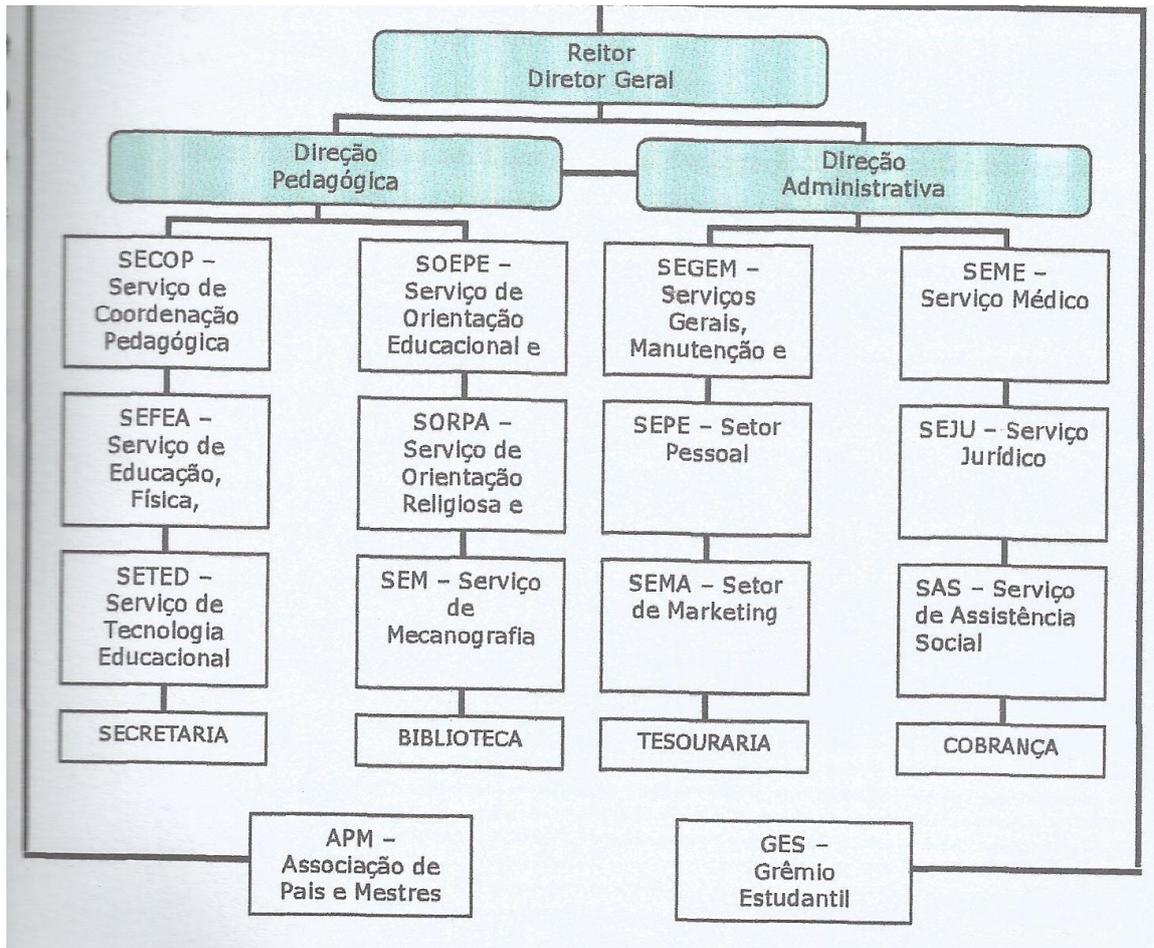
Podemos dizer que, confrontando o documento da *Ratio* de 1599 e o PPP do CSIF do ano de 2010, em que se baseia no PEC, houve uma mudança visível em vários aspectos. A *Ratio Studiorum*, estabelecida na virada do século XVI para o XVII, como vimos em tópico anterior, tratava das regras práticas para a atuação do conjunto de membros inseridos na rede escolar jesuíta no mundo inteiro.

Percebemos que, na atualidade, a estrutura de funcionamento da pedagogia jesuíta mudou e se adequou ao seu tempo, tanto é que estamos discorrendo sobre o Projeto Político e Pedagógico do Colégio Santo Inácio de Fortaleza, onde anteriormente só se via regras internas para a atuação dos padres professores, apresentando um conjunto de normas de como deveria funcionar cada disciplina, horários e até mesmo castigos. A maior diferença hoje é vermos a participação dos alunos, pais e funcionários na vida escolar.

Assim como foi demonstrado no capítulo 2 deste relatório investigativo, onde apresentamos um **acrograma** da estruturação das regras gerais para as escolas da Companhia de Jesus, expomos agora um organograma que demonstra a forma de funcionamento do colégio estudado na atualidade:

¹⁷ Coleção Documental S.J. – Características da Educação da Companhia de Jesus. São Paulo. Edições Loyola, 1989.p 73.

Imagem 3 – Organograma da organização dos Colégios da Companhia de Jesus



Fonte: Projeto Político e Pedagógico do Colégio Santo Inácio de Fortaleza (2010, p. 67)

Neste organograma, inclusive, notamos a presença de serviços de orientação educacional, coordenação pedagógica, assistência social, serviço de tecnologia educacional, entre outros, que buscam garantir a excelência educacional e humana que almejam os colégios da Companhia de Jesus, em sintonia com demandas específicas da atualidade.

Para o educador e padre jesuíta, Roberto Barros Dias¹⁸, que foi estudante do Colégio Santo Inácio de Fortaleza na década de 1980, onde cursou as três séries do ensino médio, essa preocupação em aliar qualidade do ensino com formação moral é uma marca distintiva da pedagogia jesuíta. Em entrevista que nos concedeu para os fins desta pesquisa, ele afirma que como aluno daquele período percebia que a grande preocupação do colégio não era aprovar para o vestibular¹⁹, pois o colégio tentava aliar uma excelência acadêmica, mas também uma boa formação da pessoa em base humana e cristã; em suas palavras, temos

¹⁸ Pe. Roberto Barros Dias. Entrevista concedida em 19/07/2017.

¹⁹ Instrumento avaliativo utilizado como meio de acesso ao ensino superior.

que: “o aluno estudante, enquanto pessoa, deve receber uma **formação integral**, ou seja, uma formação intelectual, uma formação humanística e uma formação espiritual, uma vez que o colégio é confessional, cristão e católico”. Nesse sentido, podemos dizer que a pedagogia jesuíta é assentada nesse tripé de formação.

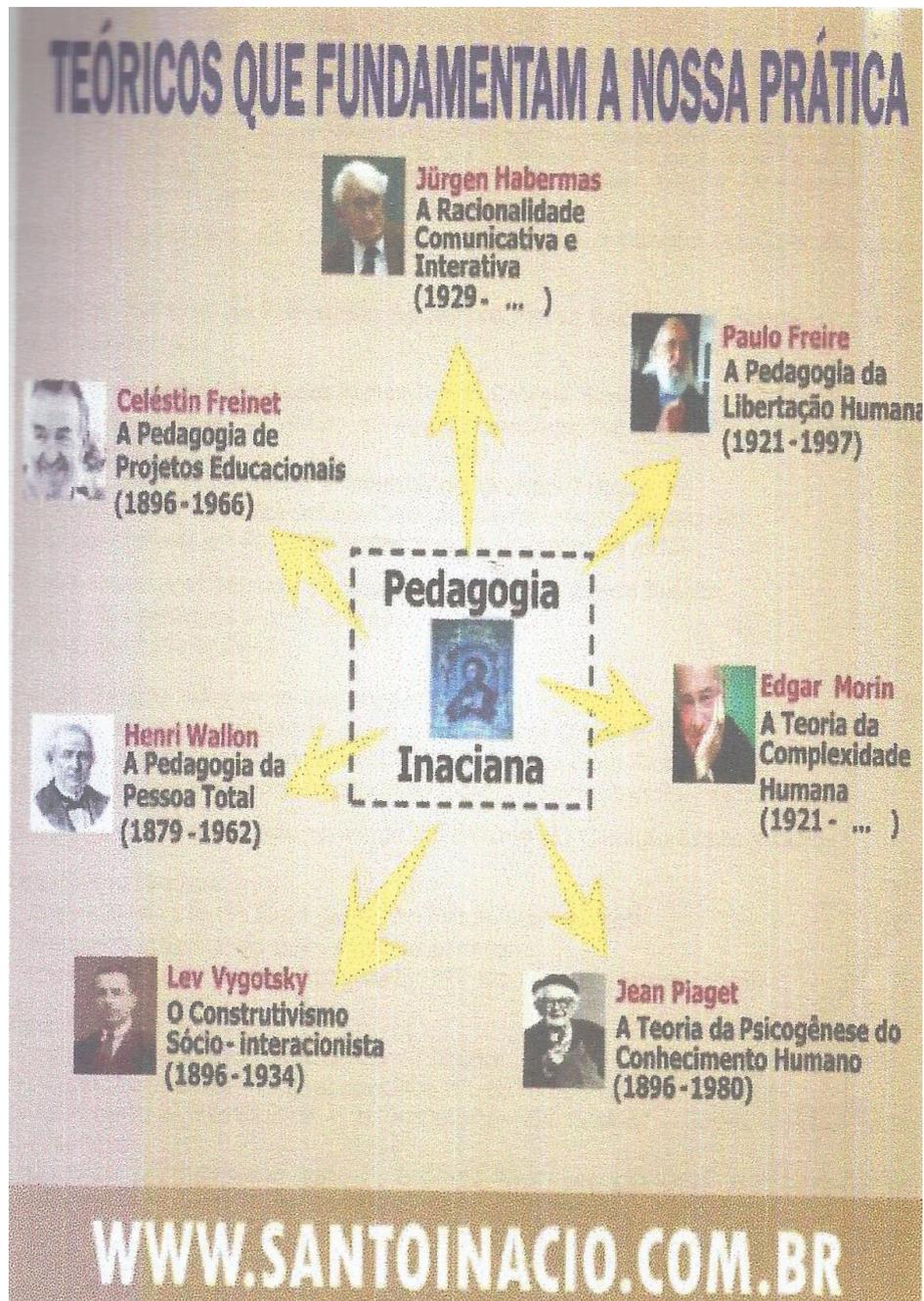
O nosso entrevistado afirma ainda que, em seu período de formação, o Colégio oferecia uma espécie do que seria hoje um curso de extensão, chamado por “manhãs de formação”, onde se primava por debates de assuntos que permeavam a atualidade, como: política, sexualidade, aborto, religiões e juventude.

Ele assegura também que a *Ratio Studiorum* nunca foi imóvel, e nem poderia ser, tanto que hoje, Pe. Roberto afirma que a *Ratio*, no que concerne ao conteúdo curricular, esta não existe mais, sendo que sobrevive nela os seus princípios, como fundamento de uma metodologia específica para a formação do jesuíta, um currículo que visa também uma formação científica e humana. Nesse sentido, ele frisa que a *Ratio* visa a formação da pessoa em sua integralidade e não a mera oferta massificada de programas de estudos, no que residiria o segredo da pedagogia inaciana ainda na atualidade.

Em sua formação como educador Jesuíta, o Padre Roberto lecionou no ensino fundamental, em turmas do que corresponderia hoje ao 7º ano; nessa época, ele percebeu que existia uma boa aceitação do alunado da pedagogia utilizada, visto que “a formação trazia novidades, além da sala de aula, havia atividades extracurriculares [...], as escolas da Companhia de Jesus ainda oferecem intercâmbio com os seus colégios da América Latina”. Através do depoimento do Pe. Roberto, percebemos que a Pedagogia Jesuíta, de fato, não tem ficado imóvel, visto que ela se atualiza constantemente, atendendo às necessidades de cada época, substituindo pouco a pouco a noção de disciplina.

Vale apresentar o quadro com os principais teóricos que embasam o funcionamento das práticas pedagógicas adotadas no colégio Santo Inácio de Fortaleza, esta representação traduz o esforço empreendido da Companhia de Jesus em manter sua atualidade nas mais diversas questões que cercam a Educação.

Imagem 4 – Teóricos e a Pedagogia Inaciana



Fonte: Projeto Político e Pedagógico do Colégio Santo Inácio de Fortaleza (2010, p. 86)

Ao confrontarmos o discurso do entrevistado com o PPP da Escola, notamos que a sua prática pedagógica o aproxima da realidade social envolvente. Conforme foi dito anteriormente, a Pedagogia Inaciana não permaneceu tradição intacta, ela se adaptou aos reveses do tempo. Assim, podemos dizer que hoje a educação de raiz inaciana sofre influência

de diversos teóricos da pedagogia, tais como, Paulo Freire, Jean Piaget, Lev Vygotsky, Henri Wallon, Edgar Morin, Celéstin Freinet e Jurgen Habermas.

Então, a fundamentação pedagógica do Colégio Santo Inácio tem por base um conjunto de autores de fama internacional, que intercruzados nas suas especialidades, oferecem uma pedagogia mais completa, pois somam as dimensões racional-comunicativa de Habermas, com conceitos básicos de Piaget, Vigotsky e Wallon sobre a cognição humana em seu desenvolvimento psicológico e social; alia ainda dimensões filosóficas e sociológicas de educação, a partir das contribuições de Paulo Freire e Edgar Morin, sem esquecer a sua dimensão mais técnica e organizacional, dados por Celéstin Freinet. Ademais, tais autores são de épocas e nacionalidades diferentes, que influenciaram a reflexão e a prática pedagógica no século XX.

Nesse sentido, o Projeto Político e Pedagógico do Colégio Santo Inácio evidencia que os responsáveis por sua formulação têm leituras diversas e atualizadas do campo pedagógico internacional, mostrando assim o domínio em transformar cada constituição em elementos que podem resultar numa pedagogia mais integral.

Para o Padre Roberto,²⁰ existe uma grande preocupação com relação ao ensino médio, visto que é nesse momento em que os pais criam diversas expectativas nos filhos, principalmente, no que diz respeito ao ingressar em um curso de graduação. Isto porque isto acarreta uma despreocupação com as questões de relação humana, em face da ansiedade em passar do vestibular²¹, o que termina fazendo com que o aluno tenha por preferência passar os finais de semana estudando ciências, química, matemática, entre outras disciplinas, que integram as provas de ingresso no curso superior.

Não parece ser isolado o discurso de Pe. Roberto visto que, ao conversamos com outro jesuita, o padre Pedro Vicente Ferreira²², que foi Diretor do Colégio Santo Inácio de Fortaleza nos períodos de (1973-1977, 1985-1987 e 1992-2000), ele faz menção à mesma problemática do “passar no vestibular”; sobre isso, ele percebe que os pais ficam muito impressionados com as propagandas de jornais em que os colégios disputam o maior número de aprovações possíveis. O Pe. Pedro Vicente comenta que “nossa característica vai mais na linha de criar laços comunitários, afetivos sem deixar de lado o intelectual, [...] se valoriza muito essa dimensão comunitária e fraterna.”

²⁰ Pe. Roberto Barros Dias. Entrevista concebida em 19/07/2017.

²¹ Forma de ingresso na Universidade.

²² Pe. Pedro Vicente Ferreira. Entrevista concebida em 19/07/2017.

Nesse sentido, mesmo diante da necessidade de atualização para atender a necessidade do sistema educacional vigente no Brasil a *Ratio* funciona ainda como um método de formação humana da Companhia de Jesus. Se na época de sua criação ela trouxe muitas novidades, hoje o enfoque maior é na linha de convivência, fraternidade, comunidade, de preocupação com o social e a solidariedade com o próximo, conforme pudemos depreender da explanação Pe. Pedro Vicente. Se tomarmos este aspecto como a constante da *Ratio*, podemos afirmar que, ainda que variem os conteúdos curriculares e as estratégias de planejamento de projetos pedagógicos, o seu humanismo cristão serve como orientação válida, universal e atual para todos os Colégios da Companhia de Jesus.

No caso analisado, o PPP (2010) do CSIF elenca alguns pontos que evidenciam a preocupação em estar atualizado com as demandas da juventude e da sociedade hoje, e explicita como deve ser o tratamento de cada demanda. Para este momento da pesquisa consideramos importante destacar apenas as temáticas inscritas no citado documento, que norteiam cada questão, sendo estas:

1. A grave desigualdade social e de distribuição dos meios de produção e da riqueza, com enormes contrastes entre desenvolvimento científico e tecnológico.
2. O aumento alarmante da violência e da crueldade.
3. O crescimento da corrupção e da desonestidade.
4. A destruição do meio ambiente e o risco de um desenvolvimento não sustentável.
5. A crise de valores.
6. Os múltiplos pluralismos e a mistura da diversidade cultural.
7. O novo tecido social e a reestruturação cultural.
8. A “sociedade da informação”.
9. A hegemonia do sistema neoliberal e o império do mercado.
10. A crescente dificuldade de governabilidade e o enfraquecimento do Estado de Direito.

Os apontamentos levantados para o Colégio Santo Inácio de Fortaleza, com base na leitura e análise do Projeto Político e Pedagógico da Instituição, revelam importantes informações acerca do impacto que têm sobre a pedagogia jesuita as rápidas mudanças da sociedade, dos novos tratamentos dados as diversas questões que incidem sobre a coletividade. Dessa forma, os discursos dos padres aqui entrevistados termina por convergir

para os documentos consultados. Notadamente, portanto, o CSIF não perdeu as raízes da *Ratio*, pois permanece mantendo os ideais cristãos, prezando pela formação individual enraizada na conviência comunitária e no humanismo, de forma a manter a excelência educacional, se adequando sempre aos novos horizontes apresentados por séculos de modernidade, dinâmica que parece ser interminável, chegando na atualidade ao grande impasse colocado entre cientificismo, tecnologia e humanismo.

4.3 O Colégio Antônio Vieira em Salvador, Bahia

O marco inicial do Colégio Antônio Vieira (CAV) data de 1911, porém a razão de sua fundação começa um ano antes da data supramencionada, tendo seu começo ligado ao retorno da Companhia de Jesus ao nordeste brasileiro, onde os Jesuítas portugueses chegam como exilados no Estado da Bahia. Este retorno data de janeiro de 1911, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) dá voto favorável à entrada dos Jesuítas no Brasil, visto que desde 7 de outubro de 1910 havia um decreto presidencial que proibia o desembarque dos Jesuítas em terras brasileiras, por pressão dos republicanos portugueses que decretaram a sua expulsão.

Para a instalação dos Jesuítas em Salvador foi necessário que eles tivessem uma Residência e um Colégio para desenvolver suas atividades missionárias e educativas. A primeira sede do CAV foi obtida por meio de um contrato de aluguel, quando também foi adquirida toda a mobília de um antigo colégio que já havia funcionado ali, chamado por Colégio Florêncio; a mobília fora comprada por quatro contos de réis, em março do ano de 1911, sendo ali instalado o Colégio Jesuíta, na rua de Sodré²³.

²³ Nele funcionara, desde 1880, o Colégio Florêncio, tendo sido alugado aos Jesuítas em 1911, que ali instalaram o seu Colégio. Nesse casarão residiram os primeiros religiosos da Ordem que chegaram de Portugal. No que se refere ao seu passado, devemos lembrar terem ali residido o Dr. Antônio José Alves, falecido em 24 de janeiro 1866, e seu filho, o grande poeta baiano Castro Alves, falecido a 6 de julho de 1871. Nele nasceu, a 8 de fevereiro de 1879, Francisco Mangabeira, outro grande baiano, irmão dos políticos João e Otávio Mangabeira. O prédio foi comprado, em 1914, após a transferência do Colégio dos Jesuítas para os Coqueiros da Piedade, pelo Professor Isaias Alves de Almeida, que nele instalou o Colégio Ipiranga, em setembro daquele ano. (Cf. MATTOS, 1948, p. 125 – 135) Consta dessa obra a descrição do prédio de como se encontrava em maio de 1870, copiada por Waldemar Mattos do auto de partilha do inventário de do Dr. Antônio José Alves: - “[...] um sobrado sito à rua Sodré, com dois andares [...] com noventa e sete palmos de frente, três portas à superfície da rua e quatro janelas com ombreiras e soleiras de cantarina, duas lojas de entrada, e vários cômodos para os escravos, no primeiro andar sete janelas rasgadas com bacia e ombreiras de cantaria, e sacadas de grade de ferro, com duas salas e gabinete na frente, e duas ditas para o lado do Norte, seis quartos, despesa e cozinha, no segundo andar os mesmo cômodos do primeiro, ambos os andares forrados e com janelas para o lado Norte, com grade de ferro e trinta e dois palmos de frente, e tem um grande quintal com duzentos e três palmos de largura para a rua do Areal de Cima, e um portão de madeira que dá para a mesma rua[...]” Quanto às informações dadas pelo Pe. Joseph H. Foulquier, sobre o prédio e suas condições de uso, foram elas transcritas pelo Pe.

Imagem 5 – Casarão do Sodré em 1930, onde se instalou o Colégio, em 1911.



Fonte: Oliveira (2011, p. 33)

Segundo as fontes historiográficas consultadas, com breve passagem no Casarão de Sodré, o Colégio Jesuíta muda de endereço em outubro do mesmo ano para uma nova sede, localizada em uma via conhecida na época por rua dos Coqueiros da Piedade²⁴, onde antes funcionou o Colégio Sete de Setembro. O Colégio dos Jesuítas permanece nesta localização por 20 anos, segundo Oliveira (2011).

No Colégio deste período, passaram diversos alunos que viriam depois a ser consideradas personalidades importantes para a época, se destacando, Thales de Azevedo, Hermes Lima, Anísio Teixeira, Jorge Amado²⁵, Hélio Simões, entre tantos outros, que não iremos citar aqui, visto que a pesquisa vislumbra tomar outros caminhos. Não foi por acaso que tantos alunos - que seriam depois homens de destaque na sociedade brasileira - passaram

Ferdinand Azevedo (1986), do livro *Jesuítas no Norte: segunda entrada da Companhia de Jesus 1911-914* de autoria de Pe. Joseph H. Foulquier (1940, p. 50). OLIVEIRA (2011, p. 35)

²⁴ Sem pórtico de aparatosas colunadas, sem frontaria de relevos ornamentais, sem torreões a avançarem sobre a rua ou a praça, reduzida a um modesto portão de ferro disfarçado, como entrada de roça, no desvão da encruzilhada dos Coqueiros, com a rua do Portão da Piedade, parece tocar apenas com a porta do dedo no bulício da agitação urbana. Transporta a entrada, alarga-se o terreiro, desdobra-se o jardim, coleiam as passagens em dédalos imprevistos que dão ingresso às dependências. Alarga-se, acolhedora, a escada de cantaria, com as trepadeiras floridas a acolchoarem-lhe os corrimões. Ressaltava, oitavo, o pavilhão de refeitórios e dormitórios, rasga-se, ligeira e arejada, a varanda. Arqueia-se em docel sobre o pátio e o escadório, a amendoeira que o tufão lascou. Escalona-se os solcalcos do terreiro dos maiores, do recreio dos menores, do passeio das mangueiras e da roça que a mão industriosa do Irmão Vaz tão carinhosamente explora. Tudo isso num sossego de sertão, que nos dá a ilusão de termos vida de campo, bem longe da frivolidade dos grandes centros mundanos. AZEVEDO (F., 1986b apud OLIVEIRA, 2011, p. 46).

²⁵ Ver foto em anexos.

pelo CAV. Afirmam testemunhos da época que o modelo de educação Jesuíta chamava muita atenção, visto que, além dos conteúdos básicos, fomentavam discussões que extrapolavam os muros da escola. Os Colégios da Companhia de Jesus adotavam e adotam um modelo de Pedagogia Inaciana, que visa uma educação baseada no cristianismo, uma vez que o Colégio funciona como um instrumento da Igreja Católica com a finalidade última de expandir a fé. Contudo, o que atraía a matrícula de alunos era justamente a forma de funcionamento dos Colégios Jesuitas que desde a Colônia funcionavam como instituições de propriedade intelectual.

Em 1926, a Companhia de Jesus adquire um grande terreno na Fazenda de Garcia²⁶, que futuramente dá nome ao próprio bairro; a finalidade da aquisição deste novo terreno consistiu em possuir sede própria, além de se adaptar às necessidades abrolhadas no decorrer do tempo.

Em meados dos anos de 1933, o CAV é transferido para sua nova sede, saindo dos Coqueiros da Piedade para a fazenda de Garcia; o prédio foi construído por Emílio Odebrecht.

O Padre Luiz Gonzaga nos apresenta uma pequena descrição de como era a nova sede do Colégio: “(...) apesar de esplêndido”, reinava nele, “uma santa pobreza”, desde que, para a finalização de sua construção, faltaram, “inesperadamente, algumas centenas de contos”, o que teria levado os seus ocupantes a nele viverem em “ambiente de certa estreiteza”²⁷. Oliveira (2011, p. 88 -89).

Se até então predominavam os jesuitas portugueses exilados, entre os anos de 1951 a 1956, chegaram os primeiros Jesuítas italianos em Salvador oriundos da Missão Setentrional (1911); estas datas tornam-se muito relevantes para nós porque demarcam 2 períodos distintos de atuação que envolvem o protagonismo dos Jesuítas portugueses e dos Jesuítas italianos, o que certamente deve ter gerado disputas internas à Companhia de Jesus. Sobre isso, conversamos com Pe. Ângelo Luigi Imperiali²⁸ sendo ele Diretor do Colégio Antônio Vieira, entre os anos de 1989 a 1994, e estava neste pequeno grupo de padres Italianos que aportaram em terras brasileiras.

²⁶ Ver site do Colégio Antônio Vieira onde é construída uma linha do tempo com diversas imagens: < <http://www.colegioantoniovieira.com.br/quem-somos/nossa-historia/index.html> > , acesso em 22 de julho de 2017.

²⁷ “Carta do Pe. Luiz Gonzaga Mariz, S.J. ao Pe. E. Witz. Salvador, 2 fev. 1933”. Cartas Edificantes, v. 13, p. 213. (AZEVEDO, 1986^a, p.69)

²⁸ Pe. Ângelo Luigi Imperiali. Entrevista concebida em 19/07/2017

Segundo a historiografia encontrada em Oliveira (2011), Pe. Ângelo Luigi, foi responsável por reestruturar o Serviço de Coordenação Pedagógica (SOE) do CAV, da mesma forma que deu novo ânimo as atividades do escotismo de forma que reformou o Grupo de Escoteiro Antônio Vieira (GEAV)²⁹, que fora fundado em 1928. Porém, sua atuação foi enfraquecida, na época da Segunda Guerra Mundial, sendo revitalizado, em meados dos anos de 1968, pelo esforço colaborativo do Pe. Ilário Govoni, Pe. Gino Raisa e o Professor Antônio Dailton de Souza.

Além desta reestruturação, em consulta à bibliografia com relação à atuação do Pe. Ângelo Luigi, notamos que no CAV sob a sua direção, sempre houve uma preocupação em manter-se atualizado com as demandas do seu tempo. Foi ele quem introduziu no Colégio baiano, por meio da Associação de Pais e Mestres (APM), algumas tecnologias para a informatização da escola; em entrevista concedida a Oliveira (2011), ele comenta como se deu este processo:

A informatização se deu por causa de um ex-aluno que assumira a direção da APM, Pedro Paes Neto. Foi ele que fez a proposta de informatizar, usar a informática, usar a informática. E ela começou com a parte econômica, digamos assim. Então foi um projeto que funcionou. Em verdade, todos os projetos funcionaram bem. E tudo começou pela presença de um indivíduo que se ofereceu para trabalhar nisso e aceitou o desafio da tarefa. Ele fez até um curso de computação para realiza-la. Foi esse o começo dessa instrumentação no Colégio. (OLIVEIRA, 2011, p. 256)

Além destes feitos, Pe. Ângelo Luigi³⁰ mostra-se muito preocupado com a atual concepção de família, ele diz que “a família que tivemos é a família que vivemos”, não sendo isolado este discurso, pois o Pe. Pedro Vicente³¹ também demonstra a mesma preocupação em lidar com a com as novas conjunturas familiares que vem surgindo; além desta problemática, podemos citar o crescimento de casos de Bullying na Escola que já existe há muito tempo, só que não se estudava as consequências desta prática nos ambientes educacionais e nem seus reflexos fora das escolas.

Segundo o Pe. Pedro Vicente³² essas questões atualmente tomam conta das reuniões em que se trata os novos rumos das Escolas jesuitas no País; para tanto, o Projeto Político e Pedagógico do Colégio Antônio Vieira elenca seis desafios que a Escola deverá enfrentar, com vistas a manter seu projeto de ensino atual e dialogando com as mais diversas questões apresentadas em escala local, regional e mundial. Afinal, na área educacional, o

²⁹ Ver mais informações sobre o projeto em < <http://www.eav15ba.com/our-troop> >, acesso em 22/07/2017.

³⁰ Pe. Ângelo Luigi Imperiali. Entrevista concebida em 19/07/2017

³¹ Pe. Pedro Vicente Ferreira. Entrevista concebida em 19/07/2017

³² Pe. Pedro Vicente Ferreira. Entrevista concebida em 19/07/2017

fenômeno da globalização nos impõe uma série de desafios que necessitam de uma análise rápida, mas que ao mesmo tempo precisa de um olhar apurado, visto que por vezes muitas demandas deixam de ser atendidas por falta de condições de vigilância adequada, no quadro de uma mudança oriunda das tecnologias da comunicação, que colocam as relações escolares em novo patamar de dificuldades. Os desafios propostos para o CAV são:

- O desafio tecnológico, que impulsiona novas formas de ensino e aprendizagem;
- Propor uma educação inclusiva, que seja capaz de construir pontes entre diversos grupos Humanos;
- Oferecer uma qualidade educativa, que exige um processo contínuo de renovação;
- Trabalhar em rede local, regional e global, que fortaleça nossa missão e desenvolva as potencialidades apostólicas;
- Formar permanente dos educadores;
- Ter um diálogo permanente que seja fecundo, criativo e amoroso com a juventude e as famílias.

Projeto Político e Pedagógico do Colégio Antônio Vieira³³.

Percebe-se que as propostas aqui apresentadas intentam formar o ser humano em sua integralidade; notadamente, ela nos leva em direção ao que foi exibido no PPP do Colégio Santo Inácio de Fortaleza. Sobre isso, devemos salientar que a proposta educacional da Companhia de Jesus se diferencia de muitas Escolas, visto que notoriamente enfrenta-se hoje as mais diversas questões, que exigem uma abordagem comparada, levando sempre em consideração a necessidade de articulação entre acontecimentos locais, regionais e no âmbito global.

Acreditamos que é este o diferencial da Educação Jesuíta, pois ela mantém sempre um diálogo permanente com o seu grupo local. Pudemos perceber isto na fala do Pe. Ângelo Luigi³⁴ que, enquanto Diretor do CAV, escuta a Associação de Pais e Mestres e inicia um projeto de inovação tecnológica na Escola.

Pe. Ângelo Luigi comenta acerca de uma questão que não pode mudar, visto que é um princípio norteador da Educação Jesuíta: “alguns problemas religiosos não podem mudar, como a existência de Deus, isto não muda”. Esse aspecto vem ao encontro de um ponto trazido no PPP do CAV, que envolve o intuito de desenvolver as potencialidades apostólicas. Para ele, essa questão permanece imutável, e não poderia ser diferente, uma vez que o trabalho apostólico é a raiz da missão Jesuíta no mundo. Aqui o discurso pouco se separa da

³³ Retirado do site do Colégio Antônio Vieira. Disponível em: < <http://www.colegioantoniovieira.com.br/como-educamos/projeto-politico-pedagogico/index.html> > acesso em 22/07/2017.

³⁴ Pe. Ângelo Luigi Imperiali. Entrevista concebida em 19/07/2017.

prática, o que está escrito nos PPP das Escolas é o que acontece na prática dos ambientes educacionais das instituições jesuíticas, o que é claramente confirmado no que ouvimos dos padres entrevistados.

A proposta pedagógica do Colégio Antônio Vieira, assim como o PPP do CSIF, não visa o amontoamento de informações ou conteúdos, com o foco principal no modelo avaliativo que insere os alunos no ensino superior. Se contrapõe assim à visão deturpada do que é educação de qualidade, isto devido às informações massificadas da mídia, que faz muitos acreditarem que educação de qualidade é igual a ingressarem em uma universidade e em um bom curso e/ou vencer individualmente a concorrência posta no mercado educacional.

O foco principal das escolas da Companhia de Jesus é a formação da pessoa humana em sua integralidade, desenvolvendo os conteúdos e vinculando o aprendizado com a realidade em que o aluno está inserido, não deixando de atrelar o conhecimento com o desenvolvimento da fé cristã e do seu espírito comunitário.

Ainda na perspectiva do alargamento do Evangelho e da Espiritualidade Inaciana, o Colégio Antônio Vieira desenvolve o Serviço de Orientação Religiosa e Pastoral (SORPA), onde atua em duas vertentes, sendo elas: Pastoral e o Ensino Religioso. Vale apresentar aqui os objetivos do SORPA, uma vez que estas atividades acontecem conjuntamente com o período de estudos escolares, e visam o aperfeiçoamento das boas práticas humanas e cristãs:

- Promover no Colégio um espaço de experiência eclesial, humanista e espiritual, **tendo como fundamentos o anúncio do Evangelho, o celebrar a Boa Notícia, o serviço aos demais**, colaborando **dessa forma**, com o projeto de formação integral;
- Proporcionar à comunidade educativa assumir o papel de formadores de homens e mulheres para os demais, na perspectiva da justiça, da ética e da solidariedade;
- Apresentar a identidade católica do Colégio, proclamando os valores do Reino de Deus, através de experiências diversificadas de aprofundamento da fé;
- Evidenciar o papel decisivo do cristianismo para a formação de pessoas críticas, éticas, solidárias e cidadãs, que atuem na sociedade de modo transformador e libertador;
- Articular a integração do Colégio com a Igreja e órgãos da sociedade.

Objetivos da Pastoral do Colégio Antônio Vieira³⁵.

Para cada grupo de séries, que vai desde o ensino fundamental I até a EJA, existem habilidades e competências³⁶ que devem ser desenvolvidas. O SORPA integra o conjunto de práticas pedagógicas adotadas não, somente pelo CAV, mas abraça todas as

³⁵ Retirado de < <http://www.colegioantoniovieira.com.br/como-educamos/formacao-crista/index.html> >, acesso em 22/07/2017.

³⁶ Ver o quadro de habilidades e competências de cada nível escolar no site: < <http://www.colegioantoniovieira.com.br/como-educamos/formacao-crista/index.html> >, acesso em 22/07/2017.

Escolas da Companhia de Jesus, uma vez que intenciona edificar uma sociedade mais envolvida em ações sustentáveis, atuações mais justas e fraternas, finalidades que convergem com os princípios postos na gênese fundamental do método de ensino da Companhia de Jesus, que permanecem como princípios norteadores da *Ratio* na atualidade.

A promoção do desenvolvimento intelectual de cada aluno, para desenvolver os talentos recebidos de Deus, continua sendo com razão um objetivo de destaque da educação da Companhia. Todavia, sua finalidade jamais foi simplesmente acumular quantidades de informações ou preparo para uma profissão, embora sejam estas importantes em si e úteis para a formação de líderes cristãos. O objetivo supremo da educação jesuíta é, antes, o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação, a ação inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo, filho de Deus e “Homem para os outros”,

Este objetivo orientado para ação baseia-se numa compreensão reflexiva e vivida pela contemplação, e desafia os alunos ao domínio de si mesmos e à iniciativa, integridade e exatidão. Simultaneamente, distingue as formas de pensar fáceis e superficiais, indignas do indivíduo, e sobretudo perigosas para o mundo que eles e elas são chamados a servir”

Proposta Inaciana – Uma proposta prática (2014, p. 23)

Em síntese, os objetivos da educação da Companhia de Jesus são esses que foram citados, voltados sobremaneira para o desenvolvimento das capacidades dos educandos, destacado-se sempre a excelência educacional, ao mesmo tempo que não pretende massificar a educação, nem tratar o aluno como apenas um número da chamada que está na lista dos professores.

Impõe ao alunado o desafio de manter o comando de suas ações, refletir sobre as consequências de seus atos. Desta forma, proporciona a tão falada “autonomia” propagada nos livros pedagógicos de extração laica, só que claramente aqui está indicado ao docente a filosofia de base para a sua atuação, deixando destacado que existem implicações para nossas ações.

O Pe. Pedro Vicente³⁷ comenta que os alunos não desejam sair das escolas, o convívio com os colegas e professores. Ele considera que os projetos de extensão, os eventos esportivos terminam por fazer com que os educandos criem laços afetivos com a instituição.

Percebe-se que o Colégio Antônio Vieira mantém sua atualidade, principalmente no que concerne, ao fazer pedagógico mais amplo, sendo este um dos aspectos que diferencia as escolas de cunho católico, não visa atender a propaganda massificada da mídia insistindo em oferecer uma educação moral e religiosa. Assim, os objetivos das escolas da Companhia de Jesus vão além de analisar os conhecimentos acumulado dos alunos, pois intentam

³⁷ Pe. Pedro Vicente Ferreira. Entrevista concebida em 19/07/2017

compreender se os educandos desenvolveram suas potencialidades, no campo de valores, posturas, compromissos; visam também entender as dificuldades de cada um e oportunizar um ambiente favorável para que cada um consiga alcançar os objetivos que foram propostos e oferecidos a todos.

4.4 De um Plano de Estudos a um Projeto Educativo Comum (PEC)

Hoje, a *Ratio Studiorum* aparece de uma forma diferente daquela que foi estruturada no século XVI, o que não nos surpreende em face do longo tempo de sua existência. Pude entender através dos depoimentos oferecidos por nossos entrevistados e consulta documental, que ela se apresenta viva em seu esforço de adaptação aos dias atuais. Se antes, como foi dito anteriormente, o método dos Jesuítas de educar parecia ser apenas um manual contendo um tratado de normas práticas de ensino e disciplinamento escolar, hoje, é possível ver que a *Ratio* exhibe as coordenadas de um manual prático de ações pedagógicas que reposiciona o trabalho da Companhia de Jesus na Educação, visando o aprimoramento das ações dentro e fora da escola, em feitiço mais participativo de construção pedagógica, com envolvimento maior de professores, alunos e seus familiares.

O documento mais atual que reflete o (re)posicionamento das ações dos Colégios da Companhia é conhecido hoje por **Projeto Educativo Comum (PEC)**³⁸, tendo a sua última atualização sido feita no ano de 2016, que estabelece por objetivo “[...] rever, reposicionar e revitalizar o trabalho apostólico da Companhia de Jesus, na área de Educação Básica no Brasil e, ao mesmo tempo, inspira, orienta e direciona os necessários ajustes e/ou qualificação do que já fazemos hoje” (PEC, 2016, p. 9).

Desta forma, como diz Pe. Pedro Vicente³⁹ em sua fala inicial durante a entrevista: “A *Ratio* vive!” A pedagogia inaciana está viva, de diferente forma em relação à sua proposta inicial, sendo que persistem nela algumas características comuns que direcionam o trabalho cristão. O foco principal do PEC é o processo de ensino e aprendizagem, onde o aluno se mostra envolvido na escola, tendo conexão com proposta de formação integral que, marcadamente, é uma particularidade da Companhia de Jesus, pois alia formação intelectual e moral, afinada com a vivência comunitária.

³⁸ Ver em anexo o Capa e Índice do Projeto Educacional Comum.

³⁹ Pe. Pedro Vicente Ferreira. Entrevista concebida em 19/07/2017

A construção do PEC se deu entre os anos de 2013 a 2015, tendo sido esboçada em seu início na cidade de Fortaleza, no Estado do Ceará, quando, em reunião com os Diretores Gerais foi decidido que o documento nortearia as ações de cada escola da Companhia, para o período de 2016 a 2020, ficando a cargo dos Diretores a implementação das orientações que foram definidas em conjunto com as lideranças de cada Colégio. Desta forma, a nova diretriz apresenta características que podem ser resumidas em três quadros. O primeiro que sugere como devem ocorrer e ser elaborado o **currículo**, a fim de que a escola melhore os resultados no processo ensino-aprendizagem; a segunda tabela explicita a forma com que os **Educadores e colaboradores** devem exercer seu trabalho; e a terceira, aconselha como os **Gestores** devem desempenhar seu papel, nos ambientes educacionais.

Tabela 1 – Como deve funcionar o currículo e a aprendizagem

1°	Necessidade de um currículo que recupere a tradição educativa da Companhia de Jesus (humanismo e excelência) e projete as unidades para um trabalho eficaz no futuro, respondendo às demandas de atualização que se apresentam.
2°	Qualificação do processo de aprendizagem: revisão dos métodos e recursos de ensino para alcançar melhores resultados do processo de aprendizagem.
3°	Necessidade de aprofundar estudos e discussões sobre o currículo para gerar maior apropriação entre os professores da concepção curricular dos colégios jesuítas.
4°	Reorganização dos conteúdos a partir dos referenciais dos Parâmetros Curriculares Nacionais e das orientações da Companhia de Jesus sobre educação em nível universal.
5°	Necessidade de repensar tempos, espaços e práticas educativas a partir de uma proposta curricular clara e conhecida por todos.
6°	Currículo integral: inclusão das três dimensões indicadas no Programa de Qualidade da Federação Latinoamericana da Companhia de Jesus (FLACSI) (intelectual, socioemocional e espiritual) no currículo.
7°	Estabelecimento de Mínimos Comuns Nacionais que indiquem o que deve ser incluído no currículo de todas as unidades nas áreas acadêmicas e de formação cristã.
8°	Definição de políticas de educação inclusivas (físicas, cognitivas, sociais, culturais).
9°	Necessidade de conciliar legislação educacional e mercado (exames externos) com fundamentos da Companhia de Jesus.
10°	Escola de tempo (e currículo) integral.

Fonte: Projeto Educativo Comum (2016, p. 106)

Neste quadro é demonstrada claramente a preocupação em manter atual o currículo dos Colégios; para tanto, ele pontua diversas questões que devem ser analisadas em cada Escola. A Companhia de Jesus compreende que os currículos devem se adaptar ao meio social em que cada colégio está inserido; por isso, ele oferece diversas sugestões e a partir delas espera que seja construído o currículo integral, que concilie a legislação brasileira, à demanda local, sempre engajando estas leis com a prática educacional inserida na tradição da Companhia.

Dá-se muita ênfase às discussões que devem ser levantadas em torno da integralização curricular, pois o PEC recomenda que todos os partícipes da escola conheçam os objetivos traçados para cada nível de ensino, a fim de se obtenha os resultados definidos para cada série.

Notamos que o PEC trabalha em um ponto específico a **Educação Inclusiva** e que a mesma abraça todos os conceitos de inclusão, como, social, cognitivo, físico e cultural.

Expressamente, sobre este assunto, o PEC diz:

Pressupondo o aluno como centro do processo de aprendizagem, o currículo oferece oportunidades para que o conhecimento seja constituído de diversas formas, individual e coletivamente, garantindo o acompanhamento sistemático do aluno, do processo de ensino e de aprendizagem e dos modos de avaliação daquilo que se espera como resultado.

Projeto Educativo Comum (2016, p. 46)

Para a Companhia de Jesus, a matriz curricular deve refletir a prática da sala de aula, por isso faz-se tão importante enxergar o aluno como centro da educação. Por isso, cada um dos dez pontos enumerados na tabela anterior, visam adequar a prática educacional à realidade da sala de aula; desta forma, espera otimizar o tempo de tal maneira que acarrete em um maior desenvolvimento dos estudantes. A PEC almeja garantir a integração de 2 bases: a base comum curricular, esta é desenvolvida pelo Estado e a base diversificada, que trata das dimensões de ordem afetiva, moral, espiritual e política.

Em diálogo com os Jesuítas reunidos na XXXVI Congregação Geral, o Papa Francisco um Jesuíta, abriu um espaço para conversas e eis que surge esta indagação, que é de substancial relevância para esta investigação:

É correto estudar teologia num contexto de vida real?

Meu conselho é que tudo o que os jovens estudam e experimentam em seu contato com diversos contextos, seja submetido também a um discernimento pessoal e comunitário e seja levado à oração. Deve haver estudo acadêmico, contato com realidades, não só periféricas, mas também limítrofes na periferia, oração e

discernimento pessoal e comunitário. Se uma comunidade de estudantes faz tudo isto, eu fico tranquilo. Quando falta alguma dessas coisas, começo a me preocupar. Se falta estudo, podem-se falar besteiras ou idealizar às vezes situações de modo simplista. Se falta contexto real e objetivo, acompanhado por quem conhece o ambiente, podem dar-se idealismos idiotas.
Decretos da 36ª Congregação Geral (2017, p. 113-114)

Cruzando os elementos da tabela “Como deve funcionar o currículo e a aprendizagem” e a fala do Papa Francisco, nota-se que o colégio como instituição assume o importante papel de ser um espaço que favoreça a experiência espiritual. Para tanto, os Jesuítas sugerem que se trabalhe agora com “escolas de tempo integral”. Eles justificam esta medida, uma vez que as questões sociais se multiplicam e cada vez mais percebem que somente um período de estudo não consegue integrar toda a demanda advinda do contexto social atual. Houve mudanças nas relações familiares, de rotina profissional dos pais, de tempo de aprendizagem e tempo livre de crianças e jovens e de funcionamento das escolas, de modo de ensinar e de aprender devido a informática e telefonia móvel, etc.

Referem-se os educadores jesuítas ao fato, certamente, de que hoje os problemas sociais são amplos e globais, a terceira revolução industrial trouxe consigo muitas consequências positivas, como a valorização do conhecimento e a internet, mas também ocasionou diversas complicações, como a massificação do desemprego, devido à mecanização dos trabalhos. Conseqüentemente, este fato traz consigo o aumento da criminalidade, a modificação das relações de trabalho e tudo isto se reflete na escola, uma vez que a instituição está arraigada na sociedade e é constituída de um significado em que somente a educação pode mudar o mundo⁴⁰.

No segundo quadro, o Projeto Educativo Comum (2016) nos oferece os deveres que os educadores e os colaboradores são incumbidos a desenvolver. É apresentado aqui o primeiro plano de formação para educadores da Rede Jesuíta. Embora no PEC não seja mencionado como será constituído esse modelo de formação, porém já fica documentado que o primeiro passo foi dado, uma vez que o desejo de uma formação permanente foi exposto publicamente, senão vejamos:

⁴⁰ Sobre o impacto da globalização e revolução tecnológica da informação não vamos nos estender no espaço deste estudo, em face da necessidade de manter o foco escolhido. Sobre o assunto, tivemos leituras sociológicas no mestrado no seminário de Educação Brasileira, sobretudo em Manuel Castells e Gilles Lipovetsky, às quais foram sintetizadas em artigo e este publicado: LIRA FILHO, Orlando de Souza. “Para repensar a Sociedade, a crise da Escola e a Educação brasileira: leituras interligadas e recortadas de economia, história e sociologia contemporânea. In: GOMES FILHO, Antoniel; MEDEIROS, Jarles Lopes de; CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. Educação Brasileira – Ensaios Iniciáticos em torno da crise da escola e dos desafios contemporâneos. Fortaleza, Edições UFC, 2016 / Coleção História da Educação, os. 227 – 241.

Tabela 2 – Deveres dos Educadores e colaboradores da obra

1°	Criação de um Plano de Formação Permanente da Rede Jesuíta de Educação (RJE) a ser implementado local, regional e nacionalmente, segundo o tipo de atividade que envolva os profissionais das diferentes áreas, distinguindo programas específicos de indução, capacitação e aprofundamento.
2°	Formação para a inovação e integração das práticas em vista dos 4 Cs (sujeito consciente, competente, compassivo e comprometido).
3°	Elaboração/revisão e implementação de Plano de Cargos e Salários.
4°	Envolvimento dos diferentes setores da escola na elaboração do Plano de Implementação do PEC.
5°	Indicação de estratégias que permitam o intercâmbio de pessoas, ideias e práticas para animar, mobilizar e revitalizar as comunidades educativas.
6°	Formação de gestores (jesuítas e leigos) e de novas lideranças.
7°	Elaboração/revisão e implementação de um sistema objetivo de avaliação de desempenho.
8°	Dedicação exclusiva de alguns profissionais com reconfiguração de contratos de trabalho.
9°	Definição dos processos de recrutamento, seleção e fidelização de bons profissionais.
10°	Criação de um sistema de mobilidade de profissionais de gestão entre as unidades da RJE.

Fonte: Projeto Educativo Comum (2016, p. 107)

Claramente, através deste quadro, a pedagogia jesuíta visa potencializar os recursos humanos das escolas, uma vez que intenta formar um “plano de cargos e carreiras” na Rede, ao mesmo tempo que deseja “envolver os educandos em atividades de intercâmbio”, criar “uma relação de dedicação exclusiva ao Colégio”, modificar “a forma de seleção para os que desejam integrar o quadro de docentes da instituição”.

Na *Ratio* de 1599, existia um programa de disciplinas que tentava formar novos membros para a Companhia de Jesus, porém, ao passar dos anos, dirigentes jesuítas perceberam que a formação dos novos integrantes não condizia em sua integralidade com as atividades que os padres e irmãos Jesuítas iriam operar nos Colégios; viram os Jesuítas que era necessária uma formação mais específica para algumas áreas de conhecimento.

Em entrevista com o jesuíta, Pe. Roberto, ele relata que hoje existe um olhar diferenciado acerca das funções de cada pessoa no ambiente escolar; segundo ele, há nos Colégios Jesuítas diversos diretores, coordenadores e professores; entre estes há os que não obrigatoriamente passaram por uma formação jesuíta, mas que possuem habilidades técnicas e

uma formação específica para atuar em sua função; Segundo nosso entrevistado, isto não significa que os jesuítas estão perdendo espaço, muito ao contrário disto, percebem que é priorizado a excelência, pois acreditam que apenas bons profissionais podem assumir cargos dentro da instituição jesuíta; este é o caso do Colégio Santo Inácio de Fortaleza, que, pela primeira vez em sua história de mais de meios século, tem uma mulher ocupando o cargo de Direção daquela instituição.

Além do fato de primar pela excelência nos trabalhos desenvolvidos no âmbito escolar, percebe-se que a instituição Jesuíta continua a valorizar os alunos que fazem a opção religiosa. Sabendo-se que, tradicionalmente apenas padres Jesuítas ocupavam o cargo de diretor⁴¹.

Por último e não menos importante, o PEC apresenta a forma de trabalho que os gestores devem adotar com o propósito de executar todos os objetivos traçados até agora; para tanto, ele apresenta 10 ações que devem ser tomadas:

Tabela 3 – Como deve funcionar a Gestão e trabalho em rede

1°	Criação de equipes integradas e eficazes nos diferentes setores das escolas; compartilhamento de liderança nos níveis intermediários.
2°	Consideração do Programa de Gestão de Qualidade da FLACSI como um referencial para os planos de trabalho nas unidades.
3°	Criação de um ambiente de trabalho mais desafiador que valorize a criatividade e produtividade .
4°	Gestão dos processos de mudanças a partir das orientações do PEC. Mobilização das Comunidades Educativas em vista da mudança.
5°	Necessidade de profissionalizar a gestão em diferentes níveis e de trabalhar a partir da gestão de processos.
6°	Revisão das estruturas das unidades e ajustes que garantam a qualidade e a institucionalização dos processos .
7°	Projetos embasados na preocupação com a sustentabilidade .
8°	Planejamento Estratégico e Orçamentário .
9°	Qualificação dos processos de comunicação e disseminação das iniciativas da RJE.

⁴¹ Vale salientar que os Jesuítas hoje incluem leigos cristãos em sua ação missionária e educativa, uma colaboração cada vez mais valorizada, como é o caso da designação de uma mulher para a diretoria do Colégio Santo Inácio de Fortaleza.

10°	Migração do estilo personalista de gestão para o modelo de gestão institucional .
-----	--

Fonte: Projeto Educativo Comum (2016, p. 107)

Nas Escolas da Rede Jesuíta de Educação, segundo o documento em análise, o gestor é mais que um administrador, ele também media a aprendizagem, ele indica critérios que deverão ser assumidos para a implantação da gestão democrática e participativa. A gestão escolar deve mostrar a todos e a todo momento que o trabalho desenvolvido naquele ambiente visa o protagonismo dos educandos, senão vejamos:

Superando a discussão sobre o protagonismo escolar, importante em seu tempo, acreditamos que professores, alunos, famílias, profissionais não docentes, todos são protagonistas do processo educativo, participando de diferentes formas e lugares da vida escolar. Sem sombra de dúvidas, o principal foco de todo o trabalho desenvolvido é o aluno, sujeito das aprendizagens propostas mediadas pelo professor e por tantas outras possibilidades de acesso ao conhecimento.
Projeto Educativo Comum (2016, p. 32)

Assim, compreendemos que gestor escolar deve propor ações que visem a aproximação da família com o Colégio, deve incentivar a participação de professores leigos e padres Jesuítas na vida escolar. O documento deixa claro que, sem essa aproximação, o Projeto Político e Pedagógico das escolas não seria possível.

O que vimos aqui são diversas propostas direcionadas para um melhor trabalho dentro e fora da escola, as sugestões levantadas aqui guiam a construção do PPP das escolas da Companhia de Jesus. Claramente, o projeto orienta que cada instituição desenvolva os trabalhos se adaptando ao local onde reside, lembrando sempre que a pedagogia dos colégios jesuítas está centrada na formação humana e cristã, trabalhando sempre em suas potencialidades e identificando pontos que ainda precisam de um aperfeiçoamento; desta forma, procuram os Jesuítas uma **aprendizagem integral**, onde o aluno por outro lado, se torne autônomo.

Encontramos uma admirável definição de como é o entendimento da palavra pedagogia para a Companhia de Jesus, nos Decretos da 35° Congregação Geral:

A pedagogia é o caminho pelo qual os professores acompanham o crescimento e desenvolvimento dos seus alunos. A pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida a mera metodologia. Deve incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana ideal que se pretende formar. Isto indica o objetivo e fim para o qual se orientam os diversos aspectos duma tradição educativa. Também proporciona os critérios para a seleção dos recursos a serem usados no processo da educação.

Decretos da 35° Congregação Geral (2014, p. 22) (Grifo nosso)

A pedagogia Inaciana assume uma visão mais avançada do que é o fazer em ensino e aprendizagem, no processo educacional que realizam. Afirma que a educação nunca deve ser tão somente o acúmulo de conteúdos, pois insiste na ideia que a formação da pessoa deve ocorrer em todos os eixos que envolvem e dá maior ênfase na educação pela fé.

A pedagogia apresentada aqui não dá laços, nem prende as escolas a uma série de normas, apresenta sugestões de como o trabalho educacional pode ser desenvolvido da melhor forma e a todo momento deixa claro que cada Colégio tem autonomia para realizar os procedimentos necessários para um melhor efeito no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que a Rede de Educação Jesuíta é mundial e que cada região possui suas singularidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final do prazo que nos foi dado para desenvolver esta investigação de natureza bibliográfica, apoiada em documentos, testemunhos e depoimentos orais, além da vivência pessoal como estagiário de uma instituição escolar jesuíta, podemos confrontar o que alcançamos como resultado e conseguimos identificar como lacunas a serem preenchidas, caso nos seja dada a oportunidade de continuar a pesquisar a temática aqui explorada, no campo da história da pedagogia e da ação dos jesuítas como educadores.

O estudo realizado abordou uma pedagogia secular, de base humanista e moderna, buscando entender: 1) os fundamentos teológicos e filosóficos da *Ratio Studiorum*; 2) a contribuição que deu à educação brasileira, através da sua historiografia; 3) a sua presença no atual modelo de ensino e, em particular, a sua atuação efetiva, nos Colégios Santo Inácio, em Fortaleza e Antônio Vieira, em Salvador.

Começamos por apresentar acontecimentos que levaram Inácio de Loyola em conjunto com uma equipe de padres, a fundar uma Instituição que visa atuar em diversas vertentes e em principal na educação baseada na espiritualidade e mantendo sempre como finalidade última a expansão da fé cristã, levando-a aos diversos cantos do mundo. Nota-se que para cumprir a sua missão a Companhia de Jesus percorreu um longo caminho - cheio de percalços, que envolvem continuidades e rupturas - até alcançar os dias mais atuais.

A pesquisa debruçou-se inicialmente sobre o propósito de entender a importância da experiência espiritual e humanista embutida no percurso de formação de Inácio de Loyola e de seus companheiros, pois o esclarecimento destas informações é de importante relevância, uma vez que esse entendimento serviu de parâmetro na construção da *Ratio Studiorum*, da mesma forma que a pedagogia de raiz norteia no fundo o Projeto Educativo Comum de suas instituições escolares nos dias atuais.

A investigação trouxe diversos autores que deram as balizas das discussões propostas, com o intento de criar uma cronologia, contendo os marcos mais reveladores de sua história. Estes, em seu conjunto, propiciaram uma visão da formação do modelo de ação pedagógica para os Colégios da Companhia de Jesus. A literatura consultada revelou que um dos primeiros grandes problemas para a formação das escolas Jesuítas foi a falta de pessoas aptas para desenvolver o trabalho catequético; para tanto, foi necessário oferecer uma

formação completa, que perpassasse todos os anos escolares, desde os anos iniciais, que hoje corresponderia ao ensino fundamental, até o ensino superior.

Apresentamos de forma resumida as principais questões que efetivamente assegurariam a continuidade da educação jesuíta. Inácio de Loyola foi o seu formulador inicial; baseado em sua própria experiência como estudante universitário em Paris, ele nos mostra uma série de princípios que devem permear todo o trabalho pedagógico e religioso das escolas da Companhia de Jesus.

Notadamente, existem diversos critérios que devem ser seguidos em tudo que é realizado pelos Jesuítas. Em seu plano ou método de ensino há uma admirável racionalidade e planejamento. Isto se deve ao objetivo maior de manter uma excelência no desenvolvimento das ações educacionais, agregando ao conhecimento filosófico e teológico oferecido, valores que envolvam a dignidade humana, disposição de auxílio ao próximo; ou seja, um conjunto de capacidades e valores que fazem parte da formação de pessoas que podem vir a ser líderes, que conduzam as diferentes classes sociais inseridas na sociedade, com vistas ao aperfeiçoamento social e humano, sob orientação cristã.

Vale salientar que esse modelo de educação, por outro lado, nunca menospreza os conhecimentos prévios de seus educadores e educandos, uma vez que na visão inaciana, é o “conhecimento de vida” que direciona de forma muito positiva a formação de um ser humano integral.

Ainda no século XVI, mediante a criação e expansão de colégios jesuítas, estes notaram que seria necessário a criação de um Plano de Estudos (*Ratio Studiorum*) a fim de guiar a atuação dos educadores e dos educandos no ambiente escolar, segundo um padrão comum. O referido plano foi necessário, para uniformizar a ação pedagógica, nas mais diversas instituições de ensino da Companhia de Jesus espalhadas pelo mundo. Assim, a criação da *Ratio* foi baseada na transcrição e/ou sistematização da prática pedagógica que já era adotada nos Colégios da Companhia de Jesus, muito disto advém da experiência de Inácio de Loyola e suas recomendações iniciais para funcionamento dos colégios, que incluíam o respeito às múltiplas experiências do ser humano, portanto, de docentes e alunos. As práticas que alcançavam êxito com relação aos objetivos de formação da Companhia iam sendo consideradas parte de sua ação pedagógica.

O Plano de Estudos averiguado aqui nos apresentou uma divisão curricular e pedagógica, onde diferentes níveis de ensino estão inseridos. Sabendo disso, optamos por

analisar mais a fundo a pedagogia utilizada na educação de base; esta corresponderia, atualmente, no Brasil à nomenclatura de Ensino Básico, que compreende três etapas da educação, sendo estas, o Ensino Infantil, Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio.

A pedagogia analisada aqui em seus primórdios nos parece mais um tratado de normas regulamentadoras de ações docentes, pois percebe-se que pouco se fala das questões mais largas, que se referem à sociedade. Assim, não podemos observar na *Ratio* de 1599 uma análise das problemáticas que transpassavam a atmosfera daquela sociedade, nem tão pouco meios para a cessação das questões que afligiam a coletividade.

Este estudo adotou a perspectiva comparada, visto que a ação dos Jesuítas na educação alcançou dimensão global e de longa duração. A visão comparada permite ao pesquisador operar com acontecimentos simultâneos que, mesmo ocorrendo em espaços distintos, são desdobramentos de uma ação de cunho missionário internacional, que se estende no tempo por séculos.

Para além disto, entendemos que o fazer em pesquisa em ciências sociais exige uma estratégia dinâmica de análise, uma vez que a investigação aqui apresentada se passa em tempos distintos e em locais diferentes, portanto, é necessário um olhar diferenciado em cada momento tratado; senão vejamos. A *Ratio* outorgada em 1599 foi elaborada no mesmo século em que acontecia a reforma protestante; na época, havia a necessidade de conduzir novos membros à Igreja Católica também reformada, para que esta pudesse expandir a fé cristã, levando a todos os continentes. Nesse sentido, a Companhia de Jesus inovou, pois agregava a prática do ensino religioso ao aprendizado escolar; e vai além, pois a *Ratio* trouxe outra inovação, visto que foi um precursor em legitimar um plano de ação para uma rede de colégios, cristalizado em documento que unificava a prática das mais variadas escolas difundidas pelo mundo.

Tendo por objetivo entender a ação pedagógica dos Jesuítas no Brasil, com foco principal na sistemática da pedagogia de raiz inaciana, nomeada *Ratio Studiorum*, instrumento este que serve até hoje de guia aos professores dos colégios jesuítas, normatizando desde o modo de organizar as lições, até ao regime disciplinar e didático das aulas, a pesquisa debruçou-se em entender como este modelo de ensino sobrevive nos dias atuais, passados quatro séculos de sua formalização.

Para tanto, recorreremos a entrevistas com professores e gestores que atuaram no Colégio Santo Inácio de Fortaleza e o Colégio Antônio Vieira de Salvador, a fim de revelar

como se dá a atuação da pedagogia jesuíta nas escolas. Feito o cotejo, percebemos que a *Ratio Studiorum* de 1599 ainda vive. A sua existência se revela na permanência dos princípios adotados pela comunidade Jesuíta, principalmente, no que faz referência à formação integral do ser humano, aliada aos valores cristãos.

Tivemos acesso ao documento intitulado, Projeto Educativo Comum (PEC), que é hoje o modelo pedagógico oficial da Companhia de Jesus, no Brasil, que aconselha as tomadas de decisões, e norteiam a elaboração dos Projetos Político e Pedagógico das escolas, sugerindo como deve funcionar a organização das escolas. No seu conjunto, destaca-se uma observação: que o PEC ambiciona nunca impor limites, ficando claro que cada escola possui autonomia nas suas tomadas de decisões. Isto porque, afinal, cada espaço educacional está inserido em ambientes diferenciados. Desta forma, o PEC recomenda que cada escola deve tentar adaptar-se às mais diversas culturas ali presentes, como também levar em consideração a problemática específica daquela comunidade; isto tudo sem interferir na exigência da formação de excelência que a escola deve oferecer, indistintamente, a todos os educandos.

Tanto nas entrevistas, como nas visitas aos colégios jesuítas escolhidos pela pesquisa para observação *in loco*, percebemos que, ao confrontar o Plano de Estudos e a prática atual das escolas Jesuítas norteadas pelo PEC, os colégios jesuítas acolhem as diretrizes do ensino do Estado brasileiro, via MEC, e que o colégio de hoje não possui a mesma autonomia de outrora. Assim, notadamente, existe uma grande preocupação em atender aos mais diversos regulamentos impostos pela legislação do ensino vigente no Brasil. Contudo, mesmo com estas limitações externas, as escolas ligadas à Companhia de Jesus se destacam por sua formação ativa, visto que sua organização pedagógica interna consegue integrar as mais várias disciplinas exigidas por lei e que compõem o currículo nacional da escola básica, ao seu projeto de formação integral do ser humano.

Percebemos que o discurso dos padres/professores/gestores entrevistados entram em harmonia, principalmente, no que se refere aos problemas enfrentados na atualidade pela rede de escolas jesuítas, que são muitos. Recorrentes eram os discursos acerca da desestruturação familiar, do bullying nos ambientes educacionais e, mais reiteradamente, o discurso acerca da necessidade cada vez maior de garantir a formação integral do indivíduo, objetivo que aparece como foco principal. Compreendemos, assim, que a educação jesuíta procura trabalhar os aspectos individuais de cada educando, a fim de formar um sujeito completamente evoluído em todas as suas capacidades cognitivas; para tanto, faz-se necessário tratar o aluno como um ser humano e não somente como um número de matrícula.

Este aspecto da formação integral como finalidade última da pedagogia jesuíta hoje, evidência que esta pesquisa alcançou o resultado esperado, que esclarece porque se dá a permanência da pedagogia jesuítica, na atualidade, e o reconhecimento de sua excelência, no meio educacional.

Nota-se que o campo da pedagogia jesuíta é por demais vasto e que, por limite de tempo, não pudemos abraçar todas as temáticas nela inscritas; de todo modo, vale apresentar alguns pontos da formação jesuíta que não foram abordados nesta investigação e que ficam como sugestão de campo aberto para futuras pesquisas acadêmicas, dado que a dimensão educacional da Companhia de Jesus está arraigada em nossa formação histórico-cultural. Dessa forma, vale a pena o nosso propósito de continuar a investigar como funciona a formação dos Jesuítas, e de suas instituições escolares, que atuaram e que continuam a agir no ambiente educacional do Brasil e do mundo.

Para fins de síntese de fechamento, apresentamos aqui algumas etapas da formação dos padres jesuítas que conseguimos extrair das entrevistas, com a finalidade de clarear o perfil dos gestores e professores jesuítas. A primeira etapa de formação da Companhia de Jesus chama-se noviciado, que abrange dois anos de formação, período em que todos que tomam parte desta congregação católica a realizam; nesta fase, acontece um acompanhamento mais próximo com as pessoas inseridas no noviciado, baseando-se em principal nos exercícios espirituais de Inácio de Loyola; inclusive acontece nesta etapa um retiro espiritual de cerca de 30 dias. Durante esta etapa é oferecida ainda formação sobre a história da Companhia e a vida religiosa, e espera-se que, ao concluir esta primeira etapa, a pessoa termine por acolher para si os três votos essenciais aos jesuítas, sendo estes: pobreza, castidade e obediência. A partir disso, a pessoa já é considerada Jesuíta, de tal forma que pode fazer os votos como escolástico ou como irmãos.

Terminada a primeira etapa, os alunos que optaram pelos votos escolásticos dão prosseguimento à formação, entrando na segunda etapa, chamada de Juniorado, onde as dimensões principais que são trabalhadas são a intelectual e humanista; a terceira etapa de formação, que é nomeada por filosófica e compreende o período de três anos; a quarta etapa, conhecida por magistério, funciona como uma série de estágios, onde os Jesuítas atuam em colégios, universidades, com a população desabrigada ou agindo em suas próprias instituições com a finalidade de formar novos Jesuítas; o tempo de duração desta etapa é de aproximadamente dois anos.

A quinta etapa de formação compreende o curso superior em Teologia, que ocorre em 4 anos; é neste momento em que os Jesuítas se ordenam padres e ainda em que os padres fazem a pós-graduação. Após cinco anos de ordenados, os padres chegam em sua última etapa de formação que é nomeada de “terceira provação”, e os coloca no topo da escalada formativa.

Compreendemos, assim, que a formação de um Jesuíta envolve várias etapas de formação, de modo que atua em vários campos do conhecimento e diferentes modalidades de ensino-aprendizagem; nota-se, claramente, que existe uma preocupação em formar Jesuítas capazes de servir à Companhia de Jesus; sobretudo, espera que possam servir à missão principal, que continua sendo, como projetou Inácio de Loyola, a expansão da fé católica, em todas as partes do mundo.

Nessa caminhada investigativa, nos deparamos com diversas questões que advêm da pedagogia jesuíta e que são temáticas atuais para toda a área educacional. O padre Pedro Vicente, por exemplo, nos oferece a indagação sobre um importante desafio para as escolas da Companhia de Jesus: como dialogar com as novas concepções e estruturas familiares, uma vez que diversos debates educacionais na escola giram em torno dessa temática e que os reflexos da questão familiar vão ao encontro da escola; sabendo que isto tudo, na ótica dos Jesuítas, deve ser trabalhado em consonância com a fé cristã?

São desafios postos, todavia, para qualquer escola e/ou iniciativa de ensino, por laicos e religiosos. Assim, questões postas para todas as escolas, também aparecem aos colégios jesuítas, como o *bullying* na escola; e a pergunta sobre como lidar com o *bullying* virtual, uma vez que as relações humanas cada vez mais se dão por intermédio das novas tecnologias digitais.

Para finalizar, esta investigação nos mostrou que a pedagogia jesuíta se adaptou às mais diversas intempéries do longo tempo de sua existência, fazendo-nos acreditar que as respostas às tais questões serão encontradas em breve e que a pedagogia inaciana irá adaptar-se mais uma vez, respondendo, adequadamente aos desafios dessas novas realidades, sob o impacto das tecnologias da informação e comunicação que têm convidado a escola moderna que os Jesuítas ajudaram a criar, a buscar novas estratégias de formação escolar da juventude brasileira e mundial, na perspectiva da razão e da fé cristã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge, 1912-2001. **O menino grapiúna** / Jorge Amado: posfácio de Moacyr Scliar. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 5º ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- ASSUNÇÃO, Paulo de. **Os jesuítas no Brasil colonial** / Paulo de Assunção; coordenação Maria Helena Simões Paes, Íris Kantor. – 1. Ed. – São Paulo: Atual, 2003. – (A vida no tempo: da colônia).
- AZEVEDO, Ferdinand. **Procurando sua identidade: a difícil trajetória da vice-província do Brasil setentrional da Companhia de Jesus nos anos 1937 a 1952** / Ferdinand Azevedo. – Recife: FASA, 2006. 293p.: Il.
- AZEVEDO, Fernando. **A Cultura Brasileira: Introdução ao estudo da cultura brasileira**. 3º Edição – Edições Melhoramentos – São Paulo, 1958.
- AZEVEDO, PE. Ferdinand. S.J. **A missão portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste 1911 – 1936**. Recife, Fundação Antonio dos Santos Abranches - FASA, 1986 - 287 páginas.
- BRESCIANI, Carlos, SJ (org). **Companhia de Jesus: 450 anos a serviço do povo brasileiro**.
- CAVALCANTE, Maria Juraci. **Afeto, razão e fé: caminhos e mundos da história da educação** / Maria Juraci Maia Cavalcante, Patrícia Helena Carvalho Holanda, et al. [organizadores]. – Fortaleza: Edições UFC, 2014. 810 p.: il.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **Histórias de Pedagogia, Ciências e Religião: discursos e correntes de cá e do além do mar** / Maria Juraci Maia Cavalcante, Patrícia Helena Carvalho Holanda, Francisca Geny Lustosa e Roberto Barros Dias [organizadores]. Fortaleza: Edições UFC, 2016. 523 p: il.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **O Debate Republicano, a Religião Civil Brasileira, os Jesuítas e o catolicismo no Ceará**. In: _____. História da Educação: república, escola e religião / organizado por Maria Juraci Maia Cavalcante. Patrícia Helena Carvalho Holanda [et al]. – Fortaleza: Edições UFC, 2012. 671p.: ilustr.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **História educacional de Portugal: discurso, cronologia e comparação**. / Maria Juraci Maia Cavalcante. – Fortaleza: Edições UFC, 2008.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **História da educação comparada: missões, expedições, instituições e intercâmbios** / Maria Juraci Maia Cavalcante, Patrícia Helena Carvalho Holanda e outros. [organizadores] – Fortaleza: Edições UFC, 2013. 589 p.
- COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

Colégio Santo Inácio – Visão de futuro. Disponível em: <
<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/11/colégio-santo-inacio-visao-de-futuro.html> >.
 Acesso em 16 de maio de 2014.

DIEHL, Astor Antônio: **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: Método e técnicas** / Astor Antônio Diehl e Denise Carvalho Tatim. -- São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FERNANDES, Francisco Assis Martins. **A Comunicação na Pedagogia dos Jesuítas na Era Colonial**. Edições Loyola, São Paulo, 1980.

FERREIRA NETO, Edgard Leite; ANDRÉS GALLEGO, José. **Notórios Rebeldes: A expulsão da Companhia de Jesus da América Portuguesa** (segunda edição) in ANDRÉS-GALLEGO, José (coord.): **Tres Grandes Questiones de la Historia de Iberoamérica..** 2. ed. Madri: Fundación Ignacio Larramendi, 2005. v. 1. 306p.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa qualitativa**. 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405p.

FRANCA, Pe. Leonel S.J. **O Método Pedagógico dos Jesuítas o “Ratio Studiorum”**. Rio de Janeiro. Livraria AGIR Editora, 1952.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. **Educação brasileira: ensaios iniciáticos em torno da crise da escola e dos desafios do mundo contemporâneo**. Antoniel dos Santos Gomes, Jarles Lopes de Medeiros, Maria Juraci Maia Cavalcante [organizadores]. – Fortaleza: Edições UFC, 2017.

KLEIN, Luiz Fernando. **Educação jesuíta e pedagogia inaciana** / Luiz Fernando Klein. – São Paulo: Edições Loyola, 2015.

LEVI, Giovanni. **O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar**. Revista Tempo, 204, v. 20, 2014.

LIRA FILHO, Orlando de Souza. **História, política e formação escolar: da pré-escola apostólica nossa Senhora de Fátima ao Colégio Santo Inácio de Fortaleza (1953) à atualidade** (2014). Monografia – (Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. **Colégio Antônio Vieira: 1911-2011: vidas e histórias de uma missão jesuíta** \ Waldir Freitas Oliveira, Edilece Souza Couto; prefácio Edivaldo Machado Boaventura; apresentação Padre Domingos Mianulli. Salvador: ÉDUFBA, 2011.

O’MALLEY, John W. **Os Primeiros Jesuítas**. São Leopoldo, RS, Unisinos; Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MAIA, Pedro S.J. (org.) **Ratio Studiorum: Método Pedagógico dos Jesuítas. Fundamentos** S.J. Vol. 1. Edições Loyola – São Paulo, 1986.

MILLER, René Fueleop. **Os Santos que Abalaram o Mundo**. Rio de Janeiro, José Olympio, 2004.

NETO, A.S.; MACIEL, L. S. B. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro**: algumas discussões. Educ. rev. no. 31, Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602008000100011&script=sci_arttext>, acesso em: 26 de abril de 2015.

NUNES, Maria Thétis. **A Educação na Colônia**: Os Jesuítas. Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a. 156, n. 389.

PAIVA, José Maria. **O Método Pedagógico Jesuítico (Uma análise do Ratio Studiorum)**. Imprensa Universitária da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa – Minas Gerais – Brasil, 1981.

Pesquisas Qualitativas: escolhas estratégicas, percepções e expectativas. <<http://www.macroplan.com.br/prodPesquisas.aspx>>, acesso em 11 de julho de 2017.

RICOEUR, P.. **História e Verdade**. Rio de Janeiro. Companhia Editora Forense, 1968.

SCHMITZ, Egídio Francisco. **Os jesuítas e a educação**: filosofia educacional da Companhia de Jesus / Egídio Francisco Schmitz. – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 – **Metodologia do trabalho científico** / Antônio Joaquim Severino. – 24. ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2016.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses, CAVALCANTE, Maria Juraci Maia (orgs.). **Os Jesuítas no Brasil**: entre a Colônia e a República. Brasília: Liber Livro, 2016. 294 p. : il. ; 24 cm.

SOUZA, Donaldo Bello de. **Educação comparada**: rotas além do mar / Donaldo Bello de Souza e Silvia Alicia Martínez (organizadores) ; Ângela Maria Martins... [et al.]. São Paulo: Xamã, 2009, 519 p. ; 23 cm.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Rio: Zahar, 1981.

WRIGHT, Jonathan. **Os Jesuítas - Missões, Mitos e Histórias**. Lisboa, Quetzal Editores/Bertrand Editora, 2004.

FONTES DOCUMENTAIS:

Constituição, regulamentos e regimentos.

CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS anotadas pela Congregação Geral XXXIV e normas complementares aprovadas pela mesma Congregação. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1997.

COLÉGIO SANTO INÁCIO: Projeto Político-Pedagógico, Fortaleza, 2011-2014.

DECRETOS DA CONGREGAÇÃO GERAL XXXIV. XV desde a restauração da Companhia. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1996.

DECRETOS DA 36ª CONGREGAÇÃO GERAL. 17ª desde a restauração da Companhia de Jesus. CG 36 ~ Remando mar adentro. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2017.

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS. Apresentação, tradução e notas do Centro de Espiritualidade Inaciana de Itaci. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2000.

PEC / PROJETO EDUCATIVO COMUM. “Que nova vida é esta que agora começamos?” Trilhando juntos um caminho de renovação. Rio de Janeiro. Edições Loyola, 2016.

Pedagogia Inaciana: Uma proposta prática. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2014.

Subsídios para a pedagogia Inaciana. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1997.

FONTES ORAIS - Entrevistas

Pe. Angelo Luiz Imperiali, Diretor do Colégio Antônio Vieira em Salvador nos anos de 1989 a 1994.

Pe. Pedro Alberto Campos, Diretor do Colégio Santo Inácio de Fortaleza (1972-1977).

Pe. Pedro Vicente Ferreira, Vice-Diretor do Colégio Santo Inácio de Fortaleza (1973 – 1977), Diretor do Colégio Nobrega (1979 – 1985), Diretor do Colégio Santo Inácio (1985 – 1987 e 1992 a 2000), Diretor do Colégio Nobrega de Recife (1979 – 1985).

Pe. Roberto Barros Dias, ex-aluno do Colégio Santo Inácio de Fortaleza (Década de 1980).

ANEXOS – Documentos: Cronologias, Tabelas, Programas, Capas de livros e Fotos

Imagem 6 – Cronologia de formação dos primeiros Colégios da Companhia de Jesus

- 1540: Sto. Inácio manda os primeiros jovens a Paris para estudar.
- 1541: O Rei D. João, de Portugal, funda o primeiro colégio da Companhia em Coimbra.
- 1542 (abril): Fundação do colégio e universidade de Pádua.
- 1542: Fundação do colégio de Goa.
- 1544: S. Francisco de Borja, duque de Gandia, resolve fundar um colégio.
- 1545: P. Jaio estuda a criação de um colégio na Alemanha. Em Gandia inicia-se o colégio. Em Goa dois companheiros ensinam aos meninos.
- 1546: Sto. Inácio resolve fundar colégios nas principais cidades da Itália. O bispo de Clairmont pensa em fundar colégios (dois) na França. Em Gandia inicia-se o curso de filosofia. Em Valença fervem os estudos.
- 1547: O Vice-Rei da Sicília manda estudar a doutrina cristã nas escolas. Trata-se de abrir o colégio de Messina. Em Goa, se julga que se devem educar os meninos desde a mais tenra idade.
- 1548: Em Messina a Companhia assume a província de ensino. Ordem nas escolas. Em Valença nossos alunos se distinguem dos outros por doutrina e exemplo de modéstia. No Congo um companheiro ensina na escola. O número de jesuítas sobe a seiscentos.
- 1549: Em Messina são feitas as primeiras disputas soleníssimas. Início do colégio de Parma. Em Pádua dão-se aulas particulares em casa. PP. Jaio, Salmerón e Canísio ensinam na univer-

- cidade de Ingolstadt. P. Canísio é requisitado para o colégio de Dillingen. Em Ingolstadt há pouco fruto. Julgam que se deve abrir colégio lá. O P. Nóbrega, no Brasil, convida os meninos a que aprendam a ler e escrever. Sto. Inácio cuida que as composições incorretas dos alunos sejam mandadas a ele.
- 1550: Ereção de colégios na Índia. P. Canísio introduz o costume de disputar. Sto. Inácio diz que se devem criar o mais possível de colégios na Índia. Em Goa o P. Gomez exclui os meninos indianos do seminário. No Brasil os meninos devem ser educados nos colégios.
- 1551: Primórdios do Colégio Romano. Abre-se a escola do colégio de Ferrara. O mesmo se dá em Bonônia e em Veneza. Meninos africanos são educados no colégio de Parma. Fala-se sobre a constituição de um seminário de clérigos e de colégios da Companhia em Viena. Os nossos em Viena compram livros. Sobre a educação dos meninos indígenas nos colégios da Índia. A idéia de Sto. Inácio sobre a reforma da Universidade de Viena.
- 1552: Início do Colégio Germânico. Meninos que não saibam ler não devem ser admitidos nas escolas. Deve-se empregar corretor externo nos colégios. Os mestres não assistam às aulas dos outros. O Colégio Romano se torna seminário para professores a serem mandados para outras partes. Aulas reduzidas no verão em Nápoles. A Ratio Studiorum do Colégio de Viena não agrada a Sto. Inácio. Origem do colégio das Três Coroas. Esperança de que aquele colégio seja entregue à Companhia. Fórmula dos colégios da Itália é enviada à Espanha. Em Medina dá-se início às lições de gramática. Abre-se colégio dos meninos órfãos no Brasil. Este tipo de colégios de órfãos, instituídos na Índia, são louvados por Sto. Inácio.
- 1553: No Colégio Romano também se devem começar estudos superiores. Sto. Inácio indica ao Rei português que mandou o P. Nadal para abrir escolas nos colégios. É demasiado que os professores dêem três horas de aula de manhã e outras tantas pela tarde. Sobre a criação de um colégio de nobres em Viena, segundo o modelo do Colégio Germânico. Como aos nossos é permitido serem inseridos no corpo docente da Universidade de Viena. Dá-se início à escola de Córdoba. Pedem-se colégios na Espanha. Os escolásticos devem interromper os estudos para ensinar nos colégios. Abrem-se escolas em Lisboa. Solene instalação dos estudos em Lisboa. Início do colé-

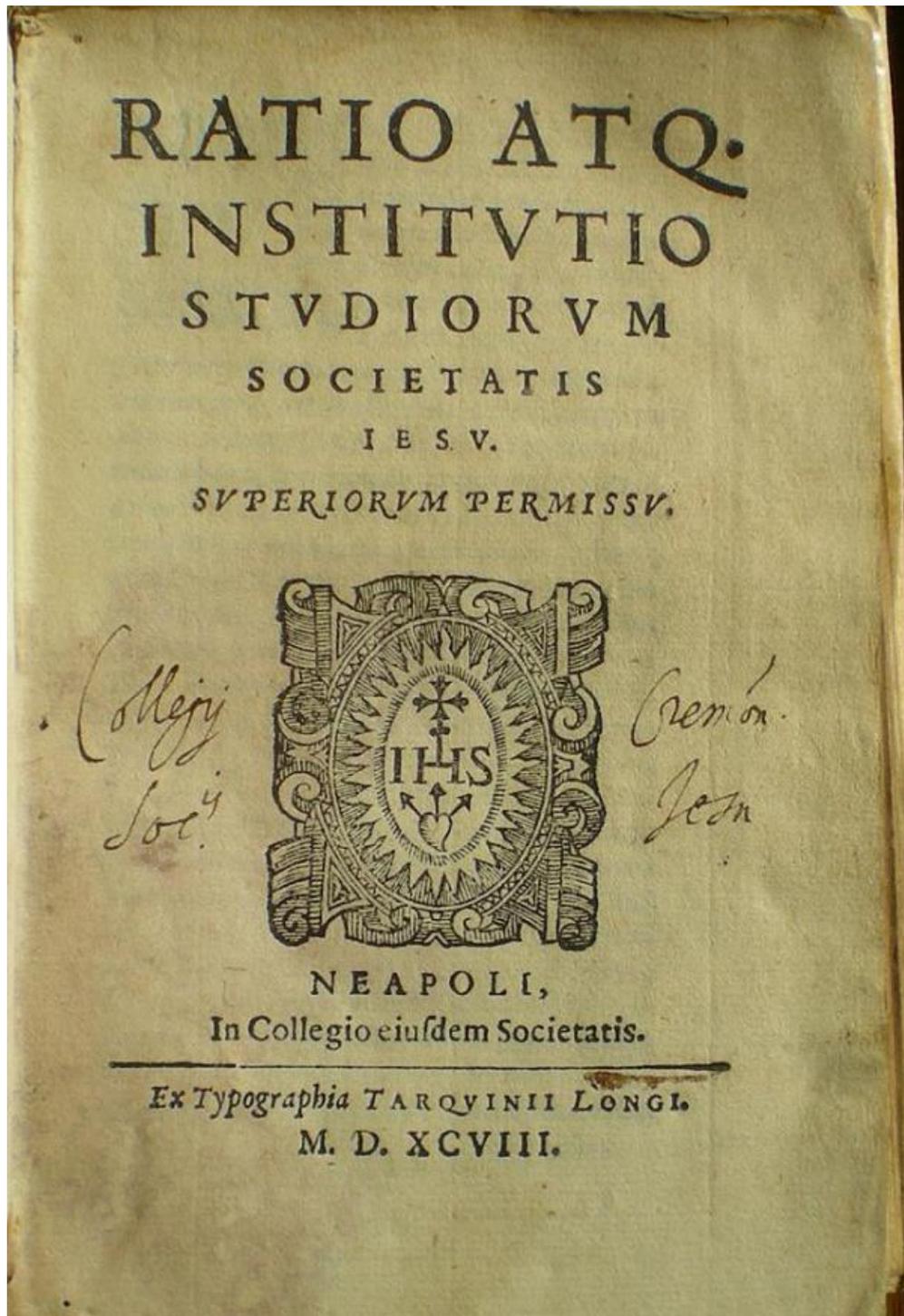
- gio de Évora. O cardeal quer erigir um seminário de clérigos. As aulas começam no dia 28 de agosto. P. Gomes promove a abertura de escolas no Congo.
- 1554: O Colégio Romano floresce. Grande estima do Papa pela Companhia. Não se admite nas escolas a não ser quem saiba ler e escrever ao menos mediocrementemente. Em Ferrara os professores aprendem a língua italiana. Diminui o número de alunos em vários colégios da Itália. Colégio de Córdova na Espanha é o primeiro que logo teve e sempre manteve escolas. A ereção do colégio de Híspala prevê-se difícil por causa da universidade. Não se devem admitir novos colégios, se não se puderem sustentar neles 14 pessoas. Grande proveito no colégio de Lisboa. Devem-se preparar alguns companheiros para o encargo de ensinar. Sto. Inácio proíbe que os nossos castiguem de alguma forma os meninos, nem sequer batendo na mão (Lukács, I, 1965:571-589).
- 1555: O P. Nadal propõe a Sto. Inácio criar na Alemanha colégios para leigos, para poder ajudar e porque os bispos não estavam muito dispostos a ajudar esses colégios, mas só queriam seminários (Lukács, I, 1965:594).
- 1555: O Rei português visita o colégio de Lisboa e quer entregar o colégio de Coimbra à Companhia. Grande sucesso dos colégios de Portugal (Lukács, I, 1965:594-9).
- 1556: O Papa concede que o Colégio Romano e o Colégio Germânico dêem graus de doutor. O Colégio Germânico, por falta de alunos alemães, passou a aceitar alunos de outros países. Sto. Inácio renova a ordem de aprender a língua do País. É aceito o terceiro colégio de Ingolstadt, na Baviera. O Duque da Baviera aceita as condições de Sto. Inácio. Aceitação do colégio de Villaume Clairmont, na França. Em Coimbra os meninos são ensinados com muito proveito, nas classes de gramática (Lukács, I, 1965:604-12).

Tabela 4 - Número de Jesuítas e de suas Instituições no período de 1549 a 1759.

Número de Jesuítas e de suas Instituições no Período de 1549 a 1759							
ANO	NÚMERO DE JESUITAS	PROVÍNCIAS	CASAS OU RESIDÊNCIAS	COLÉGIOS OU UNIVERSIDADES	SEMINÁRIOS	RESIDÊNCIAS DE MISSÕES	NOVI-CIADOS
1540	10	1	Nenhuma residência Fixa.				
1556 (+ S. Ig)	1.000	12	79 (100)	(29)	-	-	-
1574	4.000	17	35	125	-	-	11
1608	10.640	31	21 casas professoras.	303	-	65	40
1616	13.112	32	123	372	-	-	41
1626	16.060	36 (38)	24 casas professoras.	446	(37)	230	49
		2 Vice-províncias		(471)			
1640 1º Século	16.000 e mais	35 e 3 Vice-províncias	24 casas professoras.	521	49	280	54
1679	17.650	Idem	25 casas professoras.	612 e 24 universidades	38	266	48
1710	19.978	37 e 1 Vice-províncias	24 casas professoras.	578	157	340 (em 200 missões)	59
1750	22.126	-	25 casas professoras.	(609-728) (8)	150	195 (em 172 missões)	60
1759	-	(41)	-		-	-	-

(8) Alguns apresentam 609; mas, segundo outras informações (HUGHES, LOYOLA, págs. 69-77), seriam 728 os colégios; V. MIESCHLER, pág. 260

Extraído de MADUREIRA, J. M. SJ, A liberdade dos Índios, A Companhia de Jesus, sua Pedagogia e seus Resultados, Rio, Imprensa Nacional, 1929, p. 7.

Imagem 7 - Capa Definitiva do *Ratio Studiorum* de 1599⁴²

Fonte: <https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiati/la-ratio-studiorum/>, acesso em 28/07/2017.

⁴² *Neapolis: eiusdem Societatis* na faculdade. *Ex typographia Tarquinii Longi* de 1598 (Neapoli: apud Tarquinium Longum, 1599). Esta é a edição napolitanas princeps da versão final do *Ratio Studiorum*. A data (1598) relataram na primeira página é a data de início provável do lançamento, como no colofão e nell'imprimatur é marcada 1599. Fonte: <https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiati/la-ratio-studiorum/>, acesso em 28/07/2017

Imagem 8 – Índice original do *Ratio Studiorum de 1599*⁴³

I N D E X	
R E G V L A R V M.	
Compendiarię notę, quę hic diuerso caractere expressis Regulis subiiciuntur, in Indice, Rerum eadē Regulas significant.	
R E G V L Æ	
<i>Prouincialis.</i> prou.	1
<i>Rectoris.</i> rect.	17
<i>Prefecti studiorum.</i> pref.	23
<i>Communes Professoribus Superiorum facultatum.</i> com. sup.	31
<i>Professoris Sacre scripturę.</i> script.	37
<i>Lingue Hebręę.</i> heb.	41
<i>Scholasticę Theologię cum Catalogo quęstionum.</i> theol.	42-48
<i>Casuum Conscientię.</i> cas.	65
<i>Philosophię.</i> phil.	68
<i>Philosophię Moralis.</i> mor.	75
<i>Mathematicę.</i> math.	76
<i>Prefecti studiorum inferiorum.</i> pref. inf.	77
<i>Cum Legibus Scribendis ad Examen.</i> scrib. 92. & ad Pręmia. pręm.	94
<i>Communes Professoribus classium inferiorum.</i> com. inf.	98
<i>Professoris Rhetoricę.</i> rhet.	112
E A	
	Huma-
	128
<i>Humanitatis.</i> hum.	129
<i>Supremę Grammaticę.</i> supr. gr.	134
<i>Medię.</i> med. gr.	139
<i>Infimę.</i> inf. gr.	144
<i>Scholasticorum nostrę Societatis.</i> schol. Eorum, qui biennio Theologiam repetunt. repet.	147
<i>Aiatoris Magistri, seu Biddelli.</i> bid.	150
<i>Scholasticorum externorum.</i> ext.	152
<i>Academię.</i> acad.	155
<i>Prefecti Academię.</i> pref. acad.	159
<i>Academię Theologorum, ac Philosophorum.</i> acad. theol.	160
<i>Prefecti eiusdem Academię.</i> pref. ac. theol.	163
<i>Academię Rectorum, & Humanistarum.</i> acad. rhet.	165
<i>Academię Grammaticorum.</i> acad. gr.	168

Fonte: < http://www.famema.br/ensino/pdd/docs/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Paulo%20Marcondes_%2017%20anos%20de%20ABP%20na%20Famema.pdf > acesso em 28/07/2017

⁴³ Fonte: < http://www.famema.br/ensino/pdd/docs/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Paulo%20Marcondes_%2017%20anos%20de%20ABP%20na%20Famema.pdf > acesso em 28/07/2017

Imagem 9 – Índice das regras do *Ratio Studiorum*

Regras do Provincial	119
Regras do Reitor	123
Regras do Prefeito dos Estados	138
Regras Comuns a todos os Professores das Faculdades Superiores	144
Regras do Professor de Sagrada Escritura	148
Regras do Professor de Língua Hebraica	151
Regras do Professor de Teologia (Escolástica)	152
Regras do Professor de Casos de Consciência (de teologia moral)	156
Regras do Professor de Filosofia	158
Regras do Professor de Filosofia Moral	163
Regras do Professor de Matemática	164
Regras do Prefeito de Estudos Inferiores (gimasiais) ...	165
Normas da Prova Escrita	177
Normas para a distribuição de prêmios	178
Regras Comuns aos Professores das Classes Inferiores	181
Regras do Professor de Retórica	192
Regras do Professor de Humanidades	199
Regras do Professor da Classe Superior de Gramática ..	204
Regras do Professor da Classe Média de Gramática	208
Regras do Professor da Classe Inferior de Gramática ..	211
Regras dos Escolásticos da Nossa Companhia	214
Directivas para os que repetem privadamente a Teologia em dois anos	216
Regras do Ajudante do Professor ou Bedel	218
Regras dos Alunos Externos da Companhia	219
Regras da Academia	221
Regras do Prefeito da Academia	224
Regras da Academia dos Teólogos e Filósofos	225
Regras do Prefeito da Academia dos Teólogos e Filósofos	227
Regras da Academia dos Retóricos e Humanistas	228
Regras da Academia dos Gramáticos	229

Fonte: FRANCA, Pe. Leonel S.J. O Método Pedagógico dos Jesuítas o “Ratio Studiorum”. Rio de Janeiro. Livraria AGIR Editora, 1952, páginas 235 – 236.

Imagem 10 – Programa de estudos do *Ratio Studiorum*.

DOS PROGRAMAS

1. Sagrada Escritura

Não se determina claramente o conteúdo programático da matéria. Em 151, 17 se diz que “em anos alternados interprete o Novo e o Antigo Testamento”.

2. Língua Hebraica

No começo do ano: os rudimentos da Gramática. Em seguida, “inter-pretate algum dos livros mais fáceis da Sagrada Escritura” (152, 3).

3. Teologia (escolástica).

1º esquema: dois professores

1º ano: I* 1-13

II II (virtudes: Justiça, Direito, Religião.)

2º ano: I II 1-21

III (Encarnação e Sacramentos, em geral.)

3º ano: I II 55 ou 71 in finem.

III (Batismo, Eucaristia, e se houver tempo: Ordem e Confirmação.)

4º ano: II II (Fé, Esperança e caridade.)

III (Penitência e Matrimônio.)

2º esquema: três professores

1º ano: I 1-26

II II (Escritura, Tradição, Igreja, Concílios e Romano Pontífice)

III (Encarnação)

*As citações se referem à Summa Theologica, de Santo Tomás, e são feitas segundo a praxe.

2º ano: I 27 in finem.

II II (Fé, Esperança e Caridade)

III (Sacramentos em geral, Batismo e Eucaristia.)

3º ano: I II (O que puder, até 81)

II II (Justiça, Direito, Usura, Contratos.)

III (Penitência e Matrimônio.)

4º ano: II II (o quanto puder.)

II II (Contratos, Vida Religiosa, Estados de vida.)

III (Censuras e os outros Sacramentos).

4. Teologia Moral

1º ano: Todos os Sacramentos e Censuras.

Todo o Decálogo.

2º ano: Estados de Vida: Deveres e Estado.

5. Filosofia*

1º ano: Lógica

1. Introdução: se é ciência, objeto da Lógica, gêneros e espécies, elementos sobre os universais.

2. Dos predicamentos: os pontos mais fáceis.

	analogia, relação.
	3.II Analíticos e I-II dos Analítica Priora.
	4. Sobre a ciência, abstração, especulação, prático, subalternação. Introdução à Física. Método da Física e da Matemática (II Físicos). Da definição (II De Anima).
2º ano: Física	1. Oito Livros da Física: sumariamente o VI e o VII. (Do Primeiro, começar com as opiniões dos antigos.)
	2. De Coelo: sumariamente o II, III e IV. (Elementos, céu, substância e influências.)
	3. Meteorológicos.
	4. De generatione.
3º ano <u>Metafísica</u>	1. II De generatione.
	2. De Anima.
	3. Metafísica: sumariamente sobre Deus, sobre o mundo das idéias. Com cuidado, o Proêmio, o VII e o XII. Dos demais, alguns textos mais importantes.

* Os textos aqui usados são os de Aristóteles: Lógica (Da Interpretação, os Analíticos (Primeiros e Segundos); Física (Do céu, Da Geração e da Corrupção, os Meteorológicos); Da alma e Metafísica.

6. Filosofia Moral

Os dez livros de Ética, de Aristóteles

7. Matemática

Os elementos de Euclides. Elementos de Geografia e Elementos da Esfera.

8. Retórica

Regras de oratória. Regras de estilo. Regras de erudição: História e costumes dos povos, conhecimentos gerais.

9. Humanidades

Conhecimento da língua (latim) e do Grego. Alguma erudição. Introdução breve aos preceitos da Retórica.

10. Gramática Superior: repetição da sintaxe; explicação da construção figurada e da Retórica.

De Grego: os rudimentos.

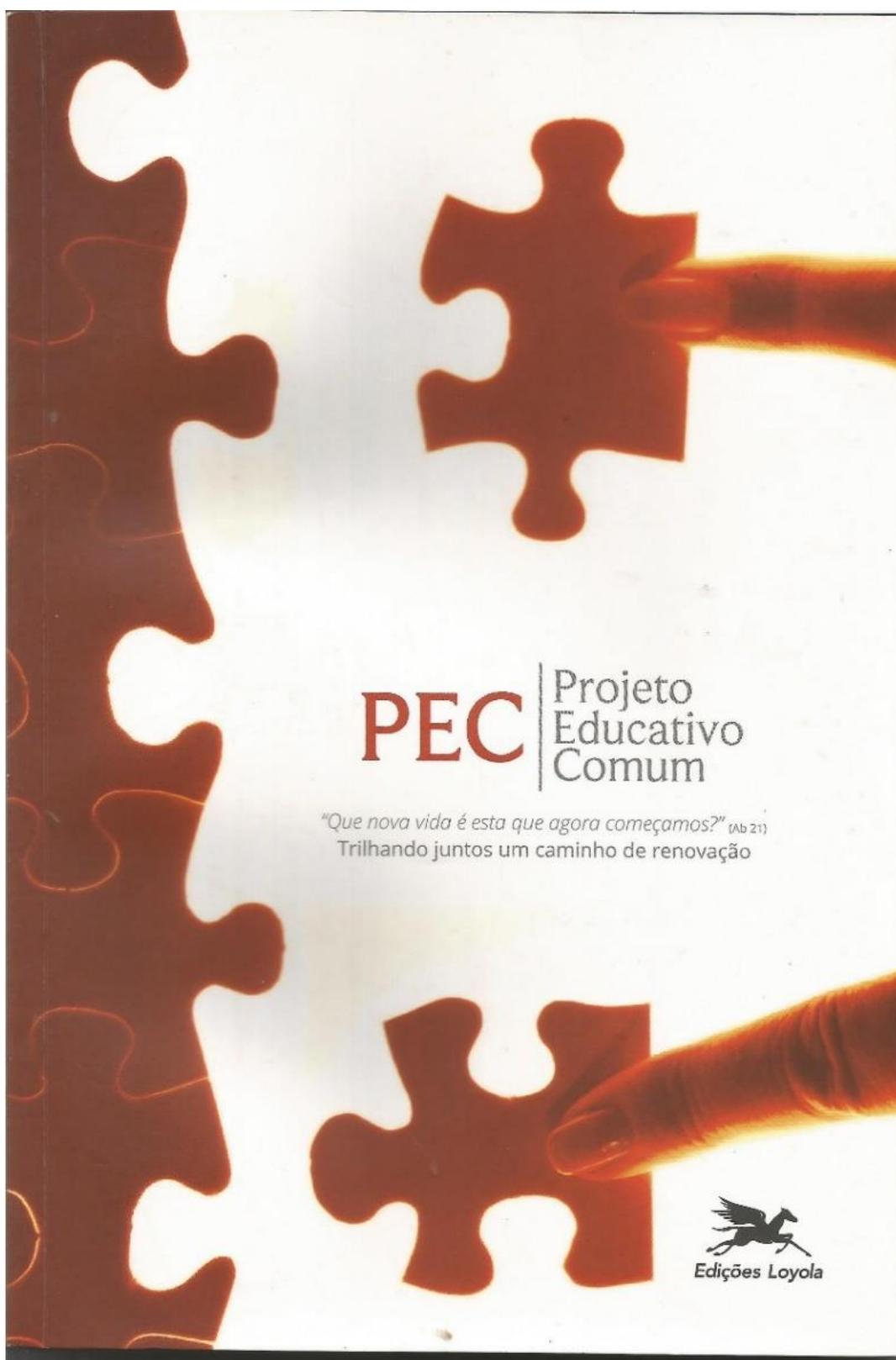
11. Gramática Média: Livro II (Pe. Alvarez) até a construção figurada.

De Grego: nomes contratos, verbos, circunflexos, verbos em mi e as formações mais fáceis.

12. Gramática Inferior: conhecimento perfeito dos elementos da Gramática; conhecimento inicial da sintaxe.

Fonte: PAIVA, José Maria. O Método Pedagógico Jesuítico (Uma análise do Ratio Studiorum). Imprensa Universitária da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa – Minas Gerais – Brasil, 1981, páginas 22 -24.

Imagem 11 – Capa do Projeto Educativo Comum



Fonte: PEC / PROJETO EDUCATIVO COMUM. “Que nova vida é esta que agora começamos?” Trilhando juntos um caminho de renovação. Rio de Janeiro. Edições Loyola, 2016.

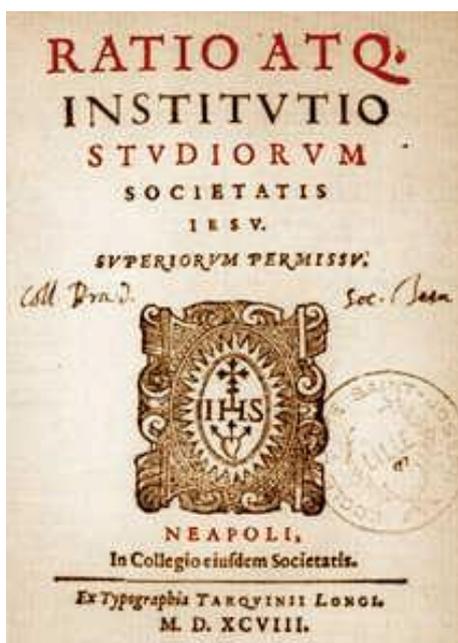
Imagem 12 – Índice do Projeto Educativo Comum (PEC)

A photograph of a document's index page. The page is cream-colored with a dark binding edge on the left. The title 'Índice' is centered at the top in a large, dark font. Below it, a list of sections and their page numbers is presented in a clean, sans-serif font. The sections are: 'Aprovação do Projeto Educativo Comum - PEC' (9), 'Apresentação' (13), 'Introdução' (21), 'I. Pressupostos' (35), 'II. Dimensões do Processo Educativo' (41), 'III. Encaminhamentos e Cronograma de Implementação' (83), 'Anexos' (85), 'Anexo 1: Acordos de Boston - ICJSE' (86), 'Anexo 1.1: Acordos da FLACSI em Boston' (90), 'Anexo 2: Declaração Final SIPEI' (93), 'Anexo 3: Proposta de Trabalho PEC' (101), and 'Anexo 4: Exercício de Hierarquização' (106).

Índice	
Aprovação do Projeto Educativo Comum - PEC.....	9
Apresentação.....	13
Introdução.....	21
I. Pressupostos.....	35
II. Dimensões do Processo Educativo.....	41
III. Encaminhamentos e Cronograma de Implementação.....	83
Anexos	85
Anexo 1: Acordos de Boston - ICJSE.....	86
Anexo 1.1: Acordos da FLACSI em Boston.....	90
Anexo 2: Declaração Final SIPEI.....	93
Anexo 3: Proposta de Trabalho PEC.....	101
Anexo 4: Exercício de Hierarquização.....	106

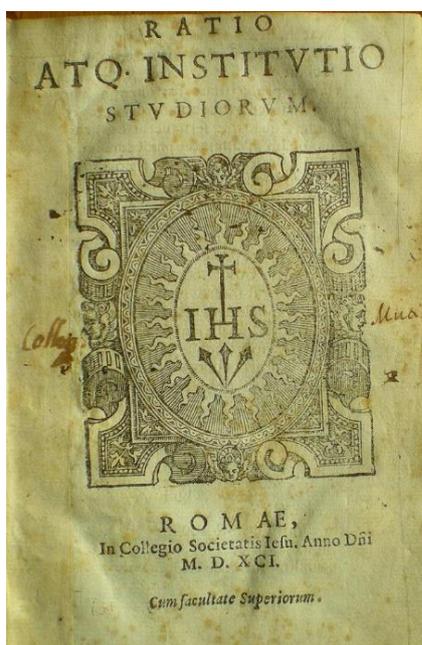
Fonte: PEC / PROJETO EDUCATIVO COMUM. “Que nova vida é esta que agora começamos?” Trilhando juntos um caminho de renovação. Rio de Janeiro. Edições Loyola, 2016.

Imagem 13 – Primeira edição impressa da *Ratio* antes da promulgação da oficial⁴⁴



Fonte: < <https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/> >. Acesso em 28/07/2017

Imagem 14 – *Ratio* de 1591 a título experimental antes da oficialização⁴⁵

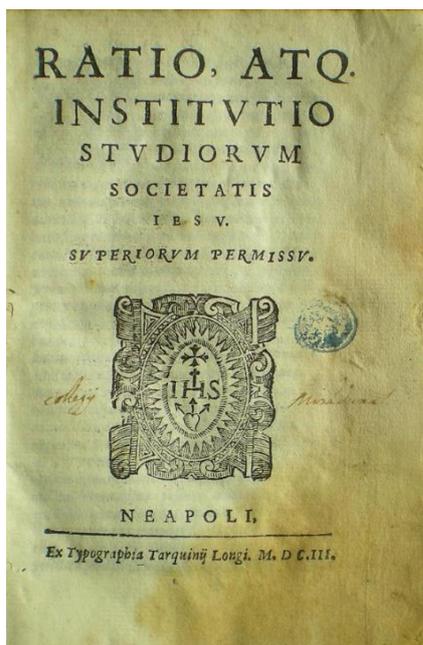


Fonte: < <https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/> > acesso em 28/07/2017

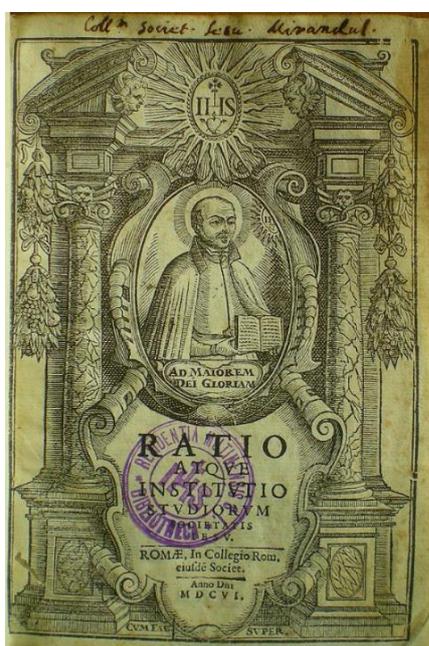
⁴⁴ Romae: em Collegio Societatis Iesu, 1586 (romae: Franciscus excudebat Zanettus, 1586). Fonte: < <https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/> >. Acesso em 28/07/2017

É a primeira edição impressa do Ratio, dos quais muito poucos os restantes espécimes: todas as cópias facto de, após a libertação do Rácio final do 1599, foram queimados por ordem do geral da Sociedade (o mesmo destino para as cópias da edição de 1591).

⁴⁵ Romae: no Collegio Societatis Iesu, 1591. Postado no início do Outono de 1591, e, a título experimental, a todas as províncias jesuíticas, não foi recebida com satisfação geral com os vários resistência "particularista" para um projeto universalmente uniforme. Fonte: < <https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/> > acesso em 28/07/2017.

Imagem 15 – *Ratio*: re-edição de 1603⁴⁶.

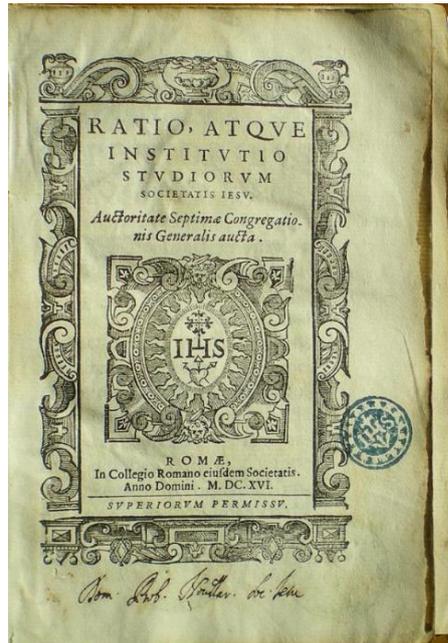
Fonte: Disponível em <<https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/>>, acesso em 28/07/2017.

Imagem 16 – *Ratio*: re-edição de 1606⁴⁷.

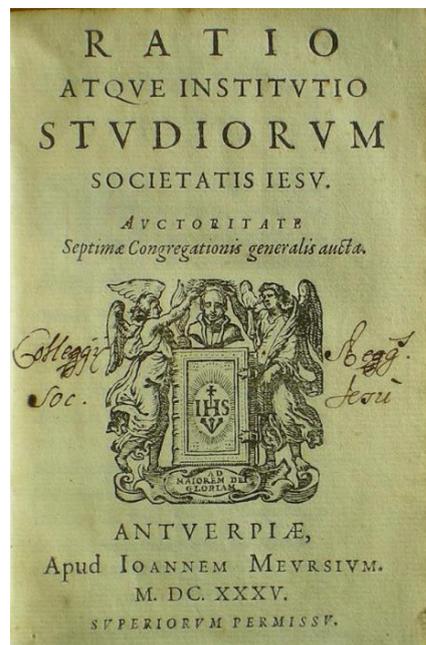
Fonte: Disponível em <<https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/>>, acesso em 28/07/2017.

⁴⁶ Neapolis: ex typographia Tarquinij Longi, 1603. Re-edição do 1599 Rácio inalterada; 1603 também vê sempre a edição inalterada de Tournon, enquanto que em 1606 irá imprimir uma edição inalterada em Roma.

⁴⁷ Romae:.. College, em Rom eiusdem Society, 1606. Este é o terceiro Roman 1606 reimpressão inalterada da Relação de 1599 aos de Nápoles e Savoy 1603.

Imagem 17 – *Ratio*: re-edição de 1616⁴⁸

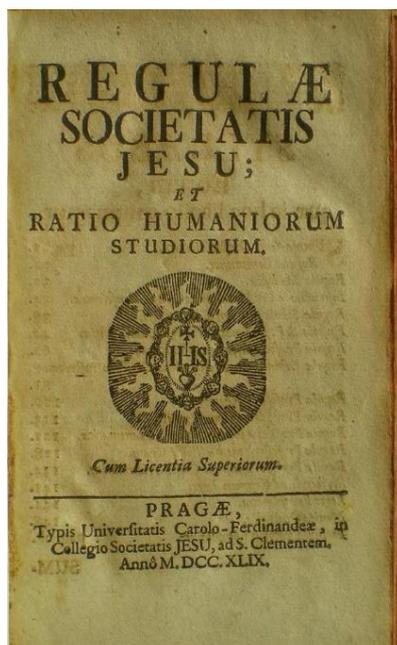
Fonte: Disponível em <<https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/>>, acesso em 28/07/2017.

Imagem 18 – *Ratio*: re-edição de 1635⁴⁹.

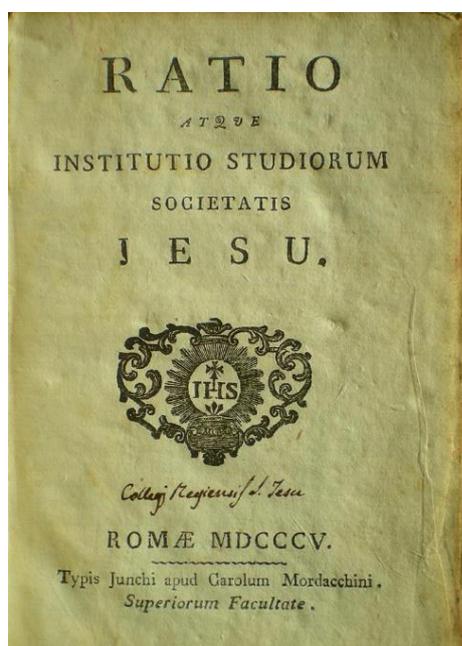
Fonte: Disponível em <<https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/>>, acesso em 28/07/2017.

⁴⁸ Romae: Collegio Romano em eiusdem Societatis de 1616. Em 1616, a sétima Congregação Geral queria rever a relação, promulgar a nova edição em questão aqui; Mas para além de algumas mudanças nas regras provinciais relativos ao currículo escolar, o texto de 1599 não sofreu mutações, e este foi preservado até a supressão de 1773.

⁴⁹ Antuerpiae [ie Amsterdam]: apud Ioannem Meursium [isto é Daniel & Lodewijk Elzevier] de 1635 Embora o título-overs como um local de impressão Antuérpia e como o ano de 1635, este é realmente edição falsificação impressa em Amsterdam, provavelmente em 1665, por Daniel e Lodewijk Elzevier para Jan Jacobsz Schipper.

Imagem 19 - *Ratio*: re-edição 1654⁵⁰

Fonte: Disponível em <<https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/>>, acesso em 28/07/2017.

Imagem 20 – *Ratio*: re-edição 1805⁵¹

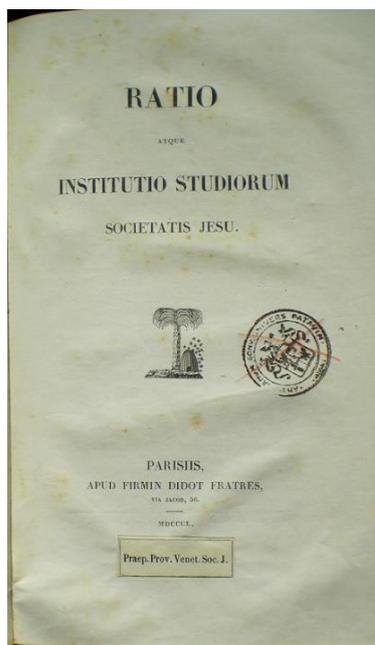
Fonte: Disponível em <<https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/>>, acesso em 28/07/2017.

⁵⁰ Praga: Typis Universitatis Carolo Ferdinandæe no Collegio Societatis Jesu, 1749

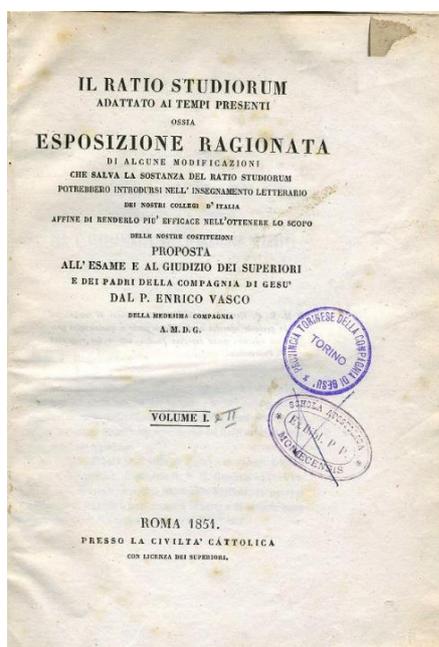
Uma das inúmeras edições do século XVIII Rácio . As famosas universidades Carolina em Praga se uniu em 1654 ao colégio jesuíta da cidade velha com o nome de universidades Charles-King Ferdinand.

⁵¹ Romae: Typis Junchi: apud Carolum Mordacchini de 1805

edição Interessante, juntamente com a de Paris em 1801, mostra como - mesmo suprimida pelo tempo que a Companhia de Jesus (1773), e na pendência da sua reconstituição (1814) - a relação iria continuar a exercício grande influência.

Imagem 21 - *Ratio*: re-edição 1850⁵²

Fonte: Disponível em <<https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/>>, acesso em 28/07/2017.

Imagem 22 - *Ratio*: re-edição 1851⁵³.

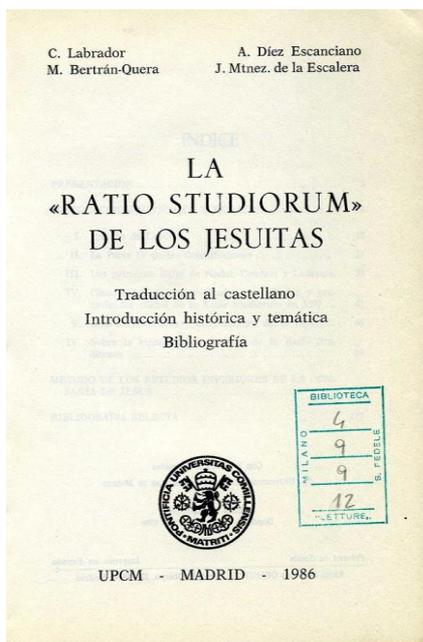
Fonte: Disponível em <<https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/>>, acesso em 28/07/2017.

⁵² Parisis: apud Firmin Didot Frates de 1850

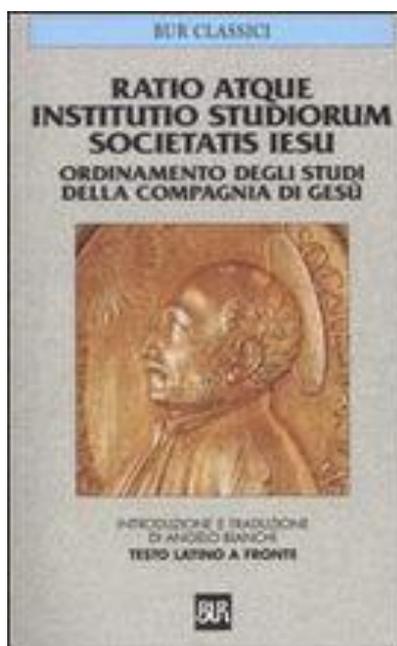
edição parisiense após reconstituição do Society (1814) e "descontando", por meio de emendas, a proporção na edição de 1832 Roman (Romae: No Colégio urbano, 1832)

⁵³ Roma: A Civilização Católica de 1851

é a famosa edição em quatro volumes, a relação publicada pelo The Civilização Católica

Imagem 23 - *Ratio*: re-edição 1986⁵⁴.

Fonte: Disponível em <<https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/>>, acesso em 28/07/2017.

Imagem 24 - *Ratio*: re-edição e 2002⁵⁵.

Fonte: Disponível em <<https://bibliotecaleonexiii.wordpress.com/materiali/la-ratio-studiorum/>>, acesso em 28/07/2017.

⁵⁴ Madrid: Universidad Pontificia Comillas de 1986

é a primeira edição em espanhol da Relação, nunca antes publicada na terra de Espanha.

⁵⁵ Milano: Rizzoli, 2002.

Edição de Milão, na prestigiada BUR colar - Rizzoli Biblioteca Universal.

Imagem 25 – 1960: Depois de 7 anos instalado na Igreja Cristo Rei, o Colégio Santo Inácio é inaugurado oficialmente no dia 1 de março, com a Pedra Fundamental do novo prédio-que só recebeu alunos 2 anos depois.



Fonte: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/11/colégio-santo-inacio-visao-de-futuro.html>>, acesso em 29/07/2017.

Imagem 26 – 1972: O Colégio Santo Inácio abre turmas mistas: é a primeira escola religiosa a admitir meninos e meninas na mesma sala. Nova sede passa por reformas: em 1973 é construído o ginásio coberto.



Fonte: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/11/colégio-santo-nacio-visao-de-futuro.html>>, acesso em 29/07/2017.

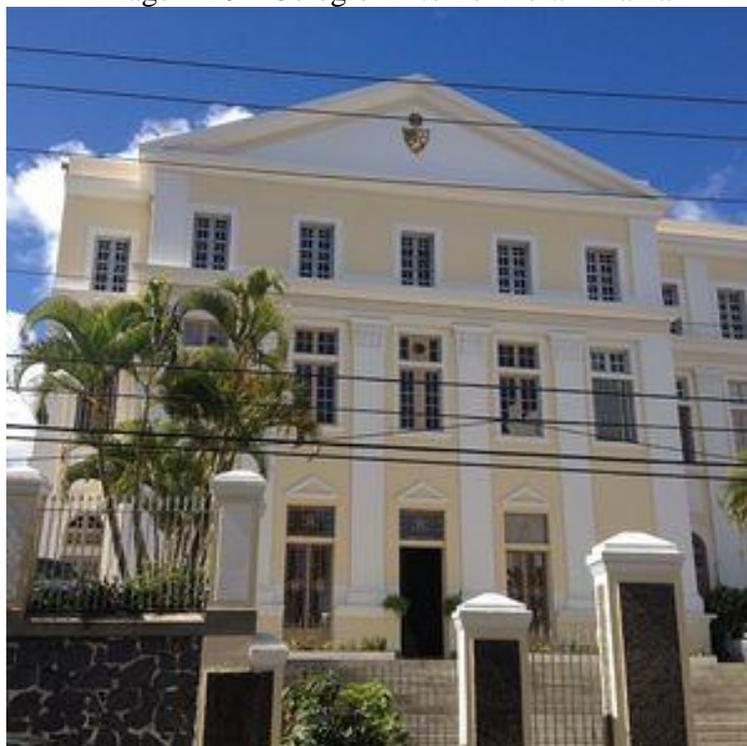
Imagem 27 – Jorge Amado em seu livro, *Menino grapiúna*, faz referência ao colégio Antônio Vieira por ter tido grande valor para sua formação cívica, humana e científica.



Jorge no colégio Antônio Vieira, Salvador, 1923

Fonte: *O menino grapiúna*. Jorge Amado: posfácio de Moacyr Scliar. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 80.

Imagem 28 – Colégio Antônio Vieira – Bahia



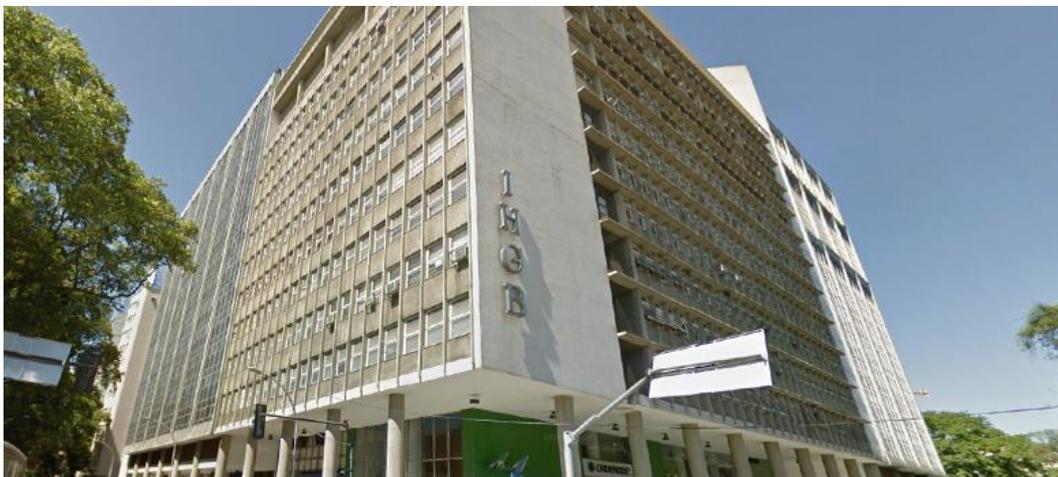
Fonte: <<http://www.colegioantoniovieira.com.br/nossos-espacos/index.html>>, acesso em 10/05/2016

Imagem 29 – Colégio Antônio Vieira – Bahia



Fonte: <http://www.colegioantoniovieira.com.br/nossos-espacos/index.html>, acesso em 12/07/2017

Imagem 30 – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – RJ



Fonte: <https://ihgb.org.br/ihgb/objetivos.html>, acesso em 10/07/2017.

Imagem 31 - Arquivo Nacional



Fonte: <<http://www.reabilitarte.org/eventos/2012/local2012.html>>, acesso em 08/07/2017.

MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO UTILIZADO PARA A AQUIESCÊNCIA DAS ENTREVISTAS.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado por _____
 como participante da pesquisa intitulada
 “ _____

_____” Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

A pesquisa procura conhecer a historiografia da Ratio Studiorum, de modo que corteja uma aproximação da utilização da Ratio nos dias atuais em principal no Colégio Santo Inácio de Fortaleza e Antônio Vieira na Bahia, a investigação ambiciona traçar um percurso histórico da Ratio até os dias atuais, mostrando as mais significantes transformações para o meio educacional. Desta forma eu, Orlando de Souza Lira Filho, comprometo-me como pesquisador a utilizar estes dados e/ou material coletado somente para esta pesquisa e que o entrevistado não receberá nenhum pagamento por participar da pesquisa.

Vale salientar que a qualquer momento o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa e que também poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo.

Fica garantida que as informações conseguidas através da sua participação não permitirão a identificação da sua pessoa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço d(os, as) responsável(is) pela pesquisa:

Nome:

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço:

Telefones para contato:

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O _____ abaixo assinado _____ anos,

RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do participante da pesquisa _____

Data / / Assinatura _____

Nome do pesquisador _____

Data / / Assinatura _____

Nome da testemunha _____

Data / / Assinatura _____

Nome do profissional que aplicou o TCLE _____

Data / / Assinatura _____

APÊNDICE

Imagem 32 – Colégio Santo Inácio de Fortaleza



Fonte: Arquivo pessoal, 15/11/2013

Imagem 33 – Colégio Santo Inácio de Fortaleza



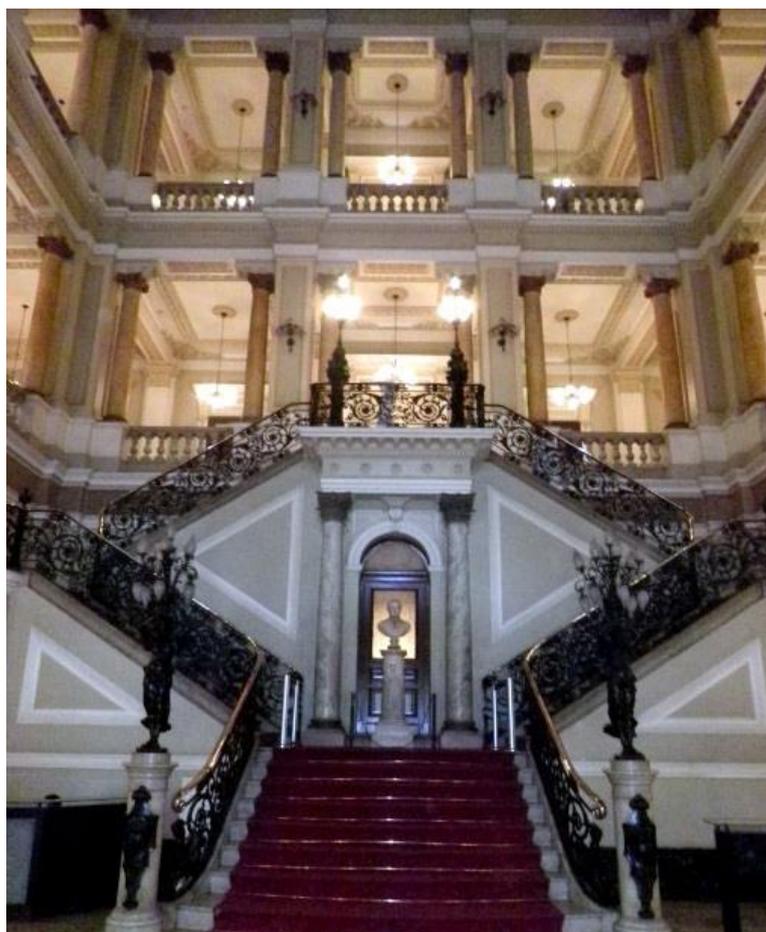
Fonte: Arquivo pessoal, 09/11/2013 (foto extraída na abertura das Olimpíadas Inacianas, note a bandeira da Espanha no fundo da foto, homenageando o fundador da CJ Inácio de Loyola.

Imagem 34 – Biblioteca Nacional



Fonte: Arquivo pessoal, 02/12/2015.

Imagem 35 – Biblioteca Nacional



Fonte: Arquivo pessoal, 02/12/2015.

Imagem 36 – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio



Fonte: Arquivo pessoal, 12/12/2015

Imagem 37 – Biblioteca setorial de Ciências Humanas PUC-RJ



Fonte: Arquivo pessoal, 13/12/2015